

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ARQUITETURA E URBANISMO

JORGE LUIZ CÓ

**COQUEIRAL DE ARACRUZ - ES, DE BAIRRO-EMPRESA A NÚCLEO
SATÉLITE**

VITÓRIA - ES
2013

JORGE LUIZ CÓ

**COQUEIRAL DE ARACRUZ - ES, DE BAIRRO-EMPRESA A NÚCLEO
SATÉLITE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Clara Luiza Miranda

VITÓRIA - ES
2013

JORGE LUIZ CÓ

**COQUEIRAL DE ARACRUZ - ES, DE BAIRRO-EMPRESA A NÚCLEO
SATÉLITE**

Dissertação de mestrado, apresentado ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFES – Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em _____ de 2013.

Comissão examinadora

Prof^a. Dr^a. Clara Luiza Miranda
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Eneida Maria Souza Mendonça
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Examinador interno

Prof. Dr^a. Ricardo Trevisan
Universidade Nacional de Brasília (UNB)
Examinador externo

A minha mãe, irmãos, esposa e filhas, e a
meu pai (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por guiar-me nesta tarefa;

A minha esposa e filhas, pela paciência nestes anos de estudo;

Aos professores do Departamento de Centro de Artes, do programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFES – Universidade Federal do Espírito Santo;

A minha orientadora, Prof^a Dr^a Clara Luiza Miranda, pela oportunidade e confiança que depositou tanto na pesquisa quanto no aluno;

Aos professores e membros da banca de qualificação e desta dissertação, Prof^a Dr^a Clara Luiza Miranda, Prof^a. Dr^a. Eneida Maria Souza Mendonça e Prof. Dr. Ricardo Trevisan, pelos comentários, sugestões e contribuições valiosas para este trabalho;

Aos funcionários do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Fábio e Juliana com boa vontade, sempre, em nos atender;

Aos amigos do Cedoc da Fibria Celulose S.A., Sylvia e Ademilson, pela permissão de acesso e utilização aos documentos usados neste trabalho;

Aos meus amigos colaboradores, que se fizeram presentes nas dificuldades e nos bons momentos desse mestrado, principalmente Luiz Mario, Jéssica, Viviane, Erica, Márcia, Edmundo, Marcelo, Cristina, Gláucio, Tamara, Alexandre, Kneipp, Agnes, Marcelo Fiorotti, José Antonio, Carlos Mathias e ao grupo do Ednaldo.

Aos moradores que se submeteram a pesquisa sobre o bairro;

E a Univix, hoje Multivix, pelo apoio dispensado a mim para o desenvolvimento desta pesquisa.

A cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso.

(HENRI LEFEBVRE, 2001)

RESUMO

Essa dissertação de mestrado tem como pesquisa o Bairro Coqueiral de Aracruz, ao norte do Espírito Santo, que foi construído para alojar os moradores das empresas, por ordem, Aracruz Florestal e Aracruz Celulose, hoje Fibria Celulose S.A., na década de 1970. Os estudos sobre o bairro, em questão, caracterizam-se pela concepção do projeto urbano, das suas relações e características socioespaciais. Esses itens estão embasados pela abordagem histórica e pela análise urbana da ocupação. Verificou-se como o bairro está inserido no processo de urbanização regional, como indagação do tema “satélite” e suas classificações que conflitam com esses tipos de assentamentos urbanos, muito praticados no Brasil no final do século XIX e no século XX.

Palavras chave: análise urbana, urbanização regional, bairro operário, entorno, satélite, Coqueiral de Aracruz.

ABSTRACT

This master's degree dissertation is set to research the Neighborhood of *Coqueiral de Aracruz* in northern *Espírito Santo* State, which was built to house the residents of the companies, in order, *Aracruz Florestal* and *Aracruz Celulose*, now *Fibra Celulose SA*, in the 1970s. Studies on the neighborhood in question, characterized by the conception of urban design, their relationships and socio-spatial characteristics. These items are grounded by the historical approach and the analysis of urban occupation. It was verified on how the neighborhood is inserted in the process of regional urbanization as inquiries theme "satellite" and its classifications that conflict with these types of urban settlements practice in Brazil in the late nineteenth and twentieth centuries.

Keywords: urban analysis, regional urbanization, neighborhood worker, surroundings, satellite, *Coqueiral de Aracruz*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Brasil, Espírito Santo e Município de Aracruz.....	20
Figura 2 - Localização do Bairro em relação a capital.....	36
Figura 3 - Localização do Bairro em relação a Sede do município e a fábrica da Arcel.	36
Figura 4 - Plano da Cidade de <i>Saltaire</i>	41
Figura 5 – Plano ampliado da cidade de <i>Saltaire</i>	41
Figura 6 – Primeiro Plano de <i>Port Sunligh</i>	42
Figura 7 - Segundo plano de <i>Port Sunligh</i>	42
Figura 8 - Vista Geral de <i>Port Sunligh</i>	42
Figura 9 - Panta de modelo residencial de <i>Port Sunligh</i>	43
Figura 10 - <i>Park Road</i> de <i>Port Sunligh</i>	43
Figura 11 - <i>Park Road</i> de <i>Port Sunligh</i>	43
Figura 12 - Planta da cidade empresarial de Bournville de 1898.....	44
Figura 13 - Modelo de Residência em Bournville.....	45
Figura 14 - Modelo de Residência.....	45
Figura 15 - Vias, parcelas e edificações – centro antigo, Cairo.....	49
Figura 16 – Vias.....	50
Figura 17 – Limites.....	50
Figura 18 – Bairros.....	50
Figura 19 – Pontos Nodais.....	51
Figura 20 - Marcos.....	51
Figura 21 - Maquete com o traçado urbano e zoneamento.....	52
Figura 22 - Cópia com setorização.....	52
Figura 23 - Bairro coqueiral atualmente.....	54
Figura 24 – Casas tipo A.....	59
Figura 25 - Casas tipo B.....	59
Figura 26 - Casas tipo C.....	60
Figura 27 - Casas tipo D.....	60
Figura 28 - Primeira Setorização do Bairro.....	61
Figura 29 – Atividades do clube da orla.....	63
Figura 30 - Planta casa tipo A1.....	66
Figura 31 - Casas tipo A1 e A2 – Época da construção.....	67
Figura 32 - Planta casa tipo A2.....	67
Figura 33 – Apartamento tipo A3.....	68
Figura 34 - Casas tipo B1.....	68
Figura 35 – Planta casa B1.....	69
Figura 36 - Planta casa B2.....	70
Figura 37 – Casa B2.....	70
Figura 38 - Planta casa tipo B3.....	71
Figura 39 - Casa tipo B3.....	71
Figura 40 - Planta casa tipo C1.....	72
Figura 41 - Casa tipo C1 e C2.....	72
Figura 42 – Planta casa tipo C2.....	73
Figura 43 - Casas tipo C2.....	73
Figura 44 - Planta casa tipo D.....	74
Figura 45 - Casa tipo D.....	74
Figura 46 - Croqui Bairro Coqueiral de Aracruz – Macroparcelamento.....	75
Figura 47 - Rua Marginata.....	77
Figura 48 - Praça da Amizade.....	77
Figura 49 – Praça da Amizade.....	77

Figura 50 – Praça da Amizade	77
Figura 51 – Oficina	78
Figura 52 - Praça da Amizade	78
Figura 53 – Centro comercial e equipamentos comunitários	81
Figura 54 - Cidade Jardim de Horward	82
Figura 55 - Unidade de Vizinhança por Clarence Stein	84
Figura 56 - Desenho do Radburn,.....	84
Figura 57 - Bairro Coqueiral de Aracruz.....	85
Figura 58 – História do povo de Aracruz.....	88
Figura 59 - Representação de um quartel na foz do Riacho, origem do povoado de Barra do Riacho em 1818.....	88
Figura 60 – O centro do povoado de Sauaçu, década de 1940.	89
Figura 61 - O centro do povoado de Sauaçu, década de 1940.....	90
Figura 62 – Crescimento do Bairro Coqueiral	95
Figura 63 - Muro e mudança de fachada casa B3.....	99
Figura 64 - Colocação de muro casa B3.....	99
Figura 65 - Rua dos Ipês e entulho decorrente das obras	99
Figura 66 - Modificação externa casa D.....	99
Figura 67 – construção de segundo piso casa D.....	99
Figura 68 - conjunto de casas D e ao fundo casa com segundo piso	99
Figura 69 - Casa tipo C2 sem intervenções	100
Figura 70 - Mudança no telhado e fachada casa C2	100
Figura 71 - Construção de muro casa C2	100
Figura 72 - Modificação Casa tipo B2	100
Figura 73 - Correlação entre cidade-satélite e principal.....	108

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Modelo Digital de Elevação	21
Mapa 2 - Município de Aracruz.....	22
Mapa 3 - Município de Aracruz e a localização da fábrica	31
Mapa 4 - Mapa ilustrativo das vias	56
Mapa 5 - Esquema viário do Bairro Coqueiral de Aracruz.....	57
Mapa 6 - Mapa ilustrativo do Sistema de captação e tratamento de água.....	58
Mapa 7 - Setorização do Bairro.....	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados demográficos de Aracruz	33
Tabela 2 - Índice de Finanças	34
Tabela 3 - Índice de desenvolvimento econômico	34
Tabela 4 - Índice de Desenvolvimento Urbano	35
Tabela 5 - Índice de Desenvolvimento Social	35
Tabela 6 - Índice de desenvolvimento do município	35

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACBR	Associação Comunitária de barra do Riacho
ARCEL	Aracruz Celulose
ARFLO	Aracruz Florestal
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CCC	Centro Comunitário de Coqueiral
CEDOC	Centro de Documentação
CNDU	Conselho nacional de Desenvolvimento Urbano
COFAVI	Companhia Ferro e Aço de Vitória
COHAB	Conjunto Habitacional
COPLAN	Coordenação de Planejamento do Governo do Espírito Santo
ETA	Estação de tratamento de água
ESBAL	Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa
ESCELSA	Espírito Santo Centrais Elétricas
ETE	Estação de tratamento de esgoto
FIBGE	Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IJSN	Instituto Jones dos Santos Neves
IPES	Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves
PMA	Prefeitura Municipal de Aracruz
SANTUR	Santa Cruz Urbanizadora S/A
SFH	Sistema Financeiro Habitacional
TELEST	Telecomunicações do Espírito Santo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1.1 A ÁREA DE ESTUDO:.....	20
1.1.1 Município de Aracruz.....	22
1.1.2 A fábrica Aracruz Celulose S.A. como alavancadora da cidade e do município.....	27
1.1.3 O bairro Coqueiral de Aracruz.....	36
1.2 DE CIDADES (CONCEITO, TRANSFORMAÇÕES E PROPOSIÇÕES) À CIDADE EMPRESARIAL (CIDADE INDUSTRIAL, BAIRRO E CIDADES EMPRESAS).....	38
2 APREENSÕES SOBRE URBANISMO E ARQUITETURA.....	47
2.1 CONCEITUAÇÕES DA FORMA E DA MORFOLOGIA URBANA.....	47
2.2 ANÁLISE URBANA E ARQUITETÔNICA.....	51
2.2.1 Setorização e uso do solo.....	54
2.2.2 As tipologias residenciais.....	65
2.2.3 Redes de Vias, Macroparcelamento e Microparcelas.....	75
3 O PROJETO URBANÍSTICO ORIGINAL DE COQUEIRAL DE ARACRUZ.....	79
4 A RELAÇÃO DO BAIRRO COQUEIRAL DE ARACRUZ COM SEU ENTORNO E O MUNICÍPIO COMO UM TODO.....	87
4.1 O BAIRRO DE COQUEIRAL DE ARACRUZ HOJE.....	94
5 COQUEIRAL: UM BAIRRO SATÉLITE.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	112
ANEXO 1.....	119

INTRODUÇÃO

Por aproximadamente dez anos, de 1984 a 1993, tive o privilégio de trabalhar como arquiteto na Aracruz Celulose, hoje Fibria Celulose S.A. e de residir no bairro Coqueiral de Aracruz, por quase dois anos, enquanto funcionário da Empresa. Em virtude desta circunstância, pude perceber e vivenciar a experiência do que é viver e de como funciona efetivamente um bairro que, segundo a opinião de muitos autores, pode ser considerado como um bairro industrial.

Esta experiência de vida desenvolveu em mim o desejo de me expressar um dia, através da linguagem escrita, sobre esta circunstância, até certo ponto peculiar, e vi esta oportunidade surgir agora, por ocasião da elaboração da presente dissertação de mestrado.

O bairro Coqueiral de Aracruz favorece ao pesquisador a oportunidade de estudar, questionar e aplicar conceitos urbanos referentes a bairro industrial, cidade empresa, vila operária, bairro fechado ou até mesmo satélite.

Essa dissertação, através de busca de conceitos urbanos e arquitetônicos, como também de opiniões embasadas em pesquisa de estudiosos da área, aplicados ao bairro industrial, vem mostrar possibilidades de estudar e discutir esses conceitos. O período desse estudo está enquadrado iniciando-se na década de 1970 e limita-se à década de 1980, onde a empresa e o bairro estiveram atrelados aos conceitos fabris e a sua urbanidade determinada pelo projeto inicialmente criado.

Esse estudo do bairro leva a investigação do que ocorreu em outros fatores sobre o núcleo urbano e arquitetônico e sua influência, não tendo a intenção de servir de modelo para outros bairros industriais.

Esta pesquisa encontra-se embasada cartograficamente e iconograficamente com a utilização de fotos, mapas e tabelas voltadas ao objeto do trabalho. Estuda-se a trajetória do bairro desde sua implantação até o momento demarcado, à luz dos conceitos de autores renomados, nacionais e internacionais, sobre o objeto da pesquisa, tendo como foco principal a fase histórica da conceituação urbana de argumentos considerados como “cidade-empresa”, ou assemelhados, englobando

estudos de ordem social, física, arquitetônica e sua influência, urbana, como satélite, aplicados ao bairro Coqueiral de Aracruz.

Os levantamentos feitos para o trabalho basearam-se em fontes bibliográficas e iconográficas sobre o objeto e, também, em pesquisa com alguns moradores Apêndice A deste documento (não usada como estatística, mas como referência de opinião do morador), documentos da empresa, dados do Instituto Santos Neves (IJSN) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Segundo a maioria dos autores, as “cidades empresas” passaram a ser construídas no Brasil da década de 1950 até a década de 1980, e constituíram-se como o resultado ou a solução para a viabilidade das fábricas para a fixação da mão de obra operária em seus construídos, núcleos urbanos, que eram desprovidos de cidades. (TSUKUMO, 1994, *apud* GUERRA, 2008). Era comum que essas vilas operárias, implantadas em locais de baixa densidade demográfica necessitassem de uma infraestrutura para a fixação de sua mão de obra, que em sua maioria era de outras regiões do Brasil e até mesmo estrangeira.

Segundo (GUERRA, 2008),

[...] as vilas operárias, produtos de um processo dinâmico de transformação da organização industrial, devem ser entendidas não apenas como extensão da usina, mas como local de moradia e do trabalho com todas as contradições imbuídas nestas relações, desempenhando papel de agentes de modificações socioespaciais nas regiões onde foram construídas.

Ainda segundo a mesma autora, o termo vila operária designava um local constituído de residências para a moradia operária de uma empresa fabril em áreas urbanas ou rurais, que abrangia operários de indústrias têxteis, ferrovias, mineradoras, frigoríficos, usinas de açúcar e usinas hidrelétricas. “Houve ao longo do tempo, no Brasil, uma substituição do termo vila operária por outras denominações como: vila residencial, núcleo urbano, cidade operária, cidade empresa, cidade companhia, cidade nova”. (GUERRA, 2008).

O estudo do bairro industrial nos induz a variáveis disciplinares do urbano e da urbanização com “a abordagem histórica, a geografia, o trabalho cartográfico, a

análise arquitetônica, a observação dos sistemas construtivos e dos modos de vida” (PANERAI, 2006).

A dissertação tem seu conteúdo apresentado em cinco capítulos.

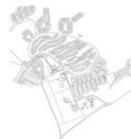
No primeiro capítulo desenvolveu-se a pesquisa sobre a área que contém o objeto de estudo buscando referências no IJSN e IBGE, pesquisa sobre o município e sobre a capital do Estado. Em sequência, a importância da fábrica como alavancadora da cidade e dos municípios vizinhos, principalmente o de Aracruz, com breve análise socioeconômica ao contexto nacional da época. No item seguinte o estudo do bairro de Coqueiral de Aracruz demonstrando como é o bairro, sua localização, a história do seu projeto e a identificação do seu autor e como era administrado. E finalizando o capítulo 1, desenvolvem-se os conceitos de cidades e suas transformações relativas às cidades empresarias, englobando cidade industrial, bairro e cidades empresas.

No segundo capítulo aborda-se o estudo das características urbanas e arquitetônicas, a metodologia com conceitos da forma e da morfologia urbana. A análise urbana e arquitetônica, a setorização e o uso do solo, as tipologias residenciais, as redes de vias, o macro parcelamento e micro parcelas.

No terceiro capítulo, o estudo dedica-se ao projeto urbanístico original do bairro de Coqueiral de Aracruz observando que o projeto urbano do bairro, inicialmente desenvolvido pelo arquiteto Paulo Callado que foi substituído ainda no início do projeto pela empresa URBE - Planejamento, Programação e Projetos S/C Ltda, situada em São Paulo e administrada pelo arquiteto e urbanista Cândido Malta Campos Filho, onde a ideia inicial era de se elaborar o planejamento do núcleo urbano, de apoio, para os funcionários da ARCEL, com moradias de tipologias diferenciadas e determinadas pelo papel do funcionário, e que o conceito urbano foi o de Unidade de Vizinhança conforme citado pelo próprio autor do projeto.

No quarto capítulo a pesquisa se volta para a relação do bairro Coqueiral de Aracruz com seu entorno e o município como um todo, mostrado através da história da formação destes distritos e da sede do município até chegar ao surgimento do bairro. Em seguida, aborda o estudo de como se processou a nova situação do bairro, a partir de 1993, com a ausência parcial da empresa.

E finalizando esta dissertação, o capítulo cinco busca um estudo sobre o conceito de satélite, abordado por pesquisadores, onde se busca justificar a possibilidade de o bairro estar atrelado a este conceito.



1.1 A ÁREA DE ESTUDO:

Conforme Motta (1982), o território do Espírito Santo possui configuração estreita, com larguras que variam de 230 a 250 km entre o mar e divisas com Minas Gerais a oeste, estendendo-se por cerca de 370 km desde os limites com a Bahia, ao norte, com o Rio de Janeiro (MOTTA, 1982). De características montanhosas, o Espírito Santo é um dos estados que pertence à zona de escarpas irregulares, denominada de Serra do Mar, que se estende ao longo da costa do sul da Bahia até o Rio Grande do Sul. A partir dessas serras, localizados junto às divisas de oeste, litorânea, a paisagem modifica-se, a topografia passa de montanhosa a ondulada e finalmente, a plana junto ao litoral.



Figura 1 - Brasil, Espírito Santo e Município de Aracruz.

Fonte: Adaptado de IJSN

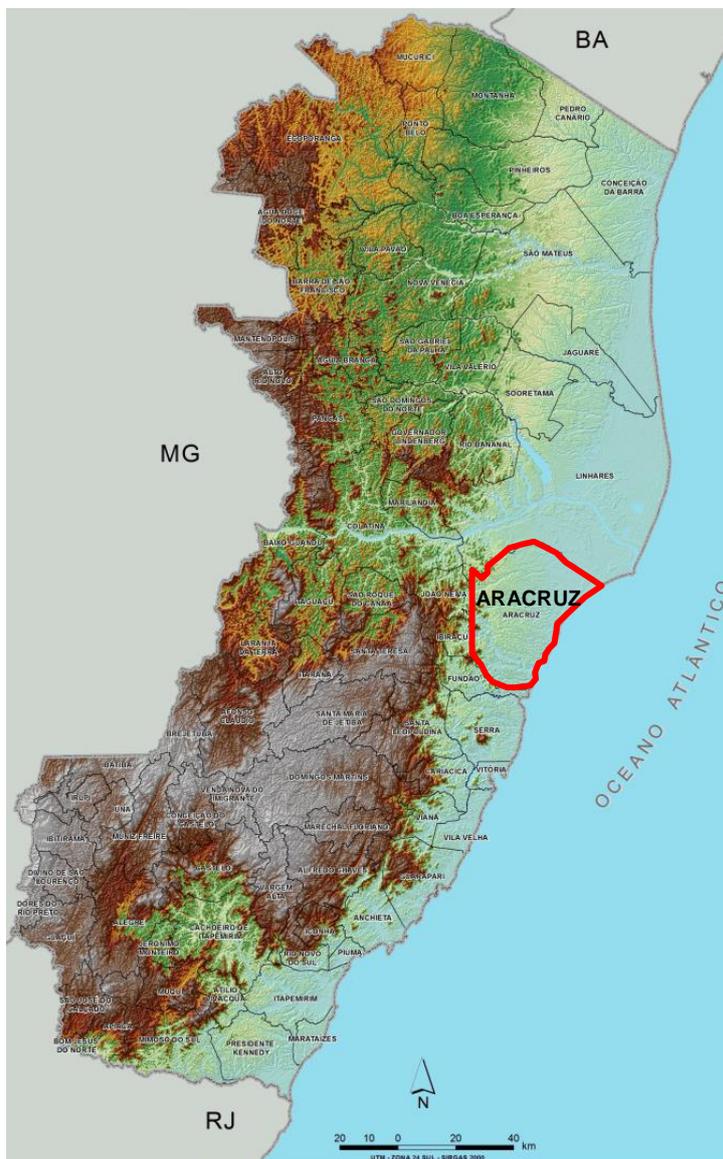
Quanto à formação geológica, conforme (Mapa 1) do IJSN, o Espírito Santo se subdivide em Zona Serrana, Zona dos Tabuleiros e Zona das Baixadas litorâneas, esta onde se localizam os elementos de estudo desta dissertação.

A Zona Serrana, a mais larga dessas faixas, abrange 77% da superfície estadual, com relevo bastante montanhoso. Outra característica é que grande parte da superfície desta zona, apresenta declividade superior a 30% destacando a predominância do relevo como montanhoso.



A Zona dos Tabuleiros, faixa central e bastante estreita ao sul da capital, alargando-se entre Vitória e Aracruz, formando amplo platô entre Aracruz e Linhares, alargando-se ainda mais de Linhares até as divisas com a Bahia.

A Zona das Baixadas Litorâneas, conforme citada anteriormente onde se encontra o Bairro Coqueiral de Aracruz e a fábrica da Aracruz Celulose S.A. (hoje denominada de Fibria Celulose S.A.) é uma faixa costeira que é formada a partir dos vales dos rios e córregos que atravessam os terraços terciários (MOTTA, 1982).

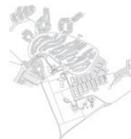


MÍNIMA: 0

MÁXIMA: 2.892

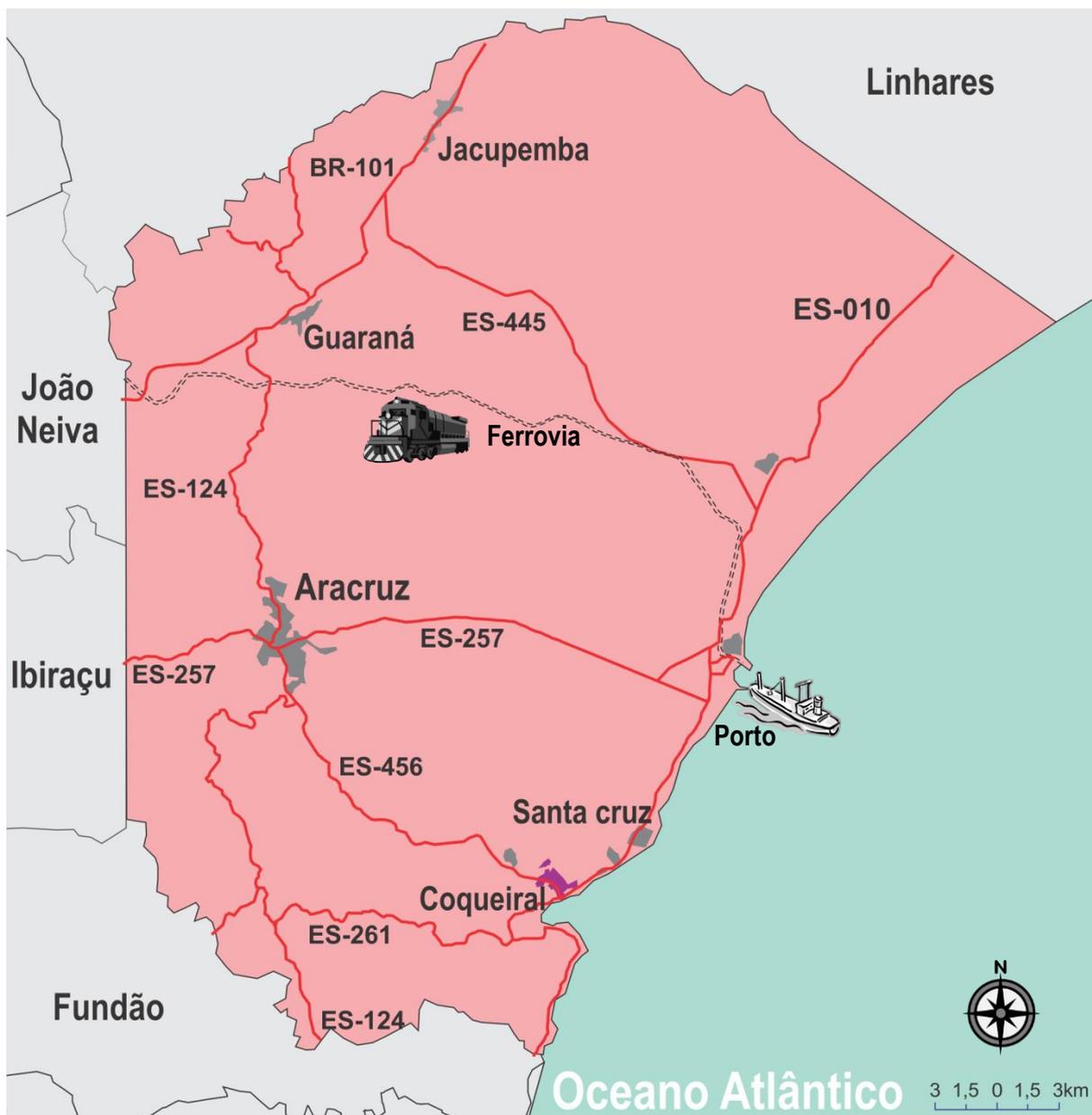


Mapa 1 - Modelo Digital de Elevação
Fonte: IJNS



1.1.1 Município de Aracruz

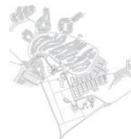
O município de Aracruz está localizado, geograficamente, no meio da costa nordeste da região sudeste, sendo uma pequena porção de terra cujas coordenadas geográficas estão a “19°49’08” de latitude sul, e “40°16’43” de longitude oeste em relação ao meridiano de Greenwich (SERPHAU, 1972 *apud* COUTINHO, 2006).



Mapa 2 - Município de Aracruz

Fonte: Adaptado de IJSN

Como dito anteriormente Aracruz se situa em Zona de Tabuleiro e de Baixada, que configuram no município algumas montanhas, extensas áreas verdes, parte da mata atlântica, reservas ecológicas, praias, lagoas e rios. Na maior extensão do litoral de



Aracruz predominam enseadas virgens, entrecortadas por pontais de recife e protegidas pela vegetação de restinga, há também coqueirais e manguezais.

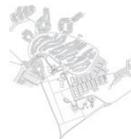
O município de Aracruz é o décimo maior do Estado com 1.424Km² (IBGE, 2010), medindo aproximadamente 50 km na direção norte-sul por 40 km na direção Leste-Oeste, entre o mar a leste e os contrafortes da serra do mar e o município de Ibirajú a oeste, com largura de 30 e 50 km, seu litoral com mais de 50 km de comprimento, desde seu limite ao norte com Linhares até o sul com Fundão (ITCF/IBGE, 1978-79).

A densidade populacional de Aracruz era de 25,6 habitantes por Km² em 1980, e subiu para 42,6 habitantes em 1996, o que torna o município populoso, quando comparado ao do estado que era de 63,8 habitantes por Km² em 1999 (COUTINHO, 2006), sendo que a média nacional urbana de 76,7% e a rural de 23,3%. (FIBGE, 1980).

De acordo com Censo do IBGE de 2010, Aracruz possui 81.832 moradores, com densidade demográfica 56,99 habitantes por Km². A população urbana é de 71.441 habitantes, sendo 43.263 habitantes residindo na sede urbana do município. A população rural é de 10.381 habitantes.

O município tem rios e lagos em grande número, como o rio Piraqueaçu, sendo o maior de Aracruz, o Piraquemirim o segundo maior, além de Riacho, Comboios, Preto, Verde, Ribeirão, Três Irmãos, Gemuhuna, Guaxindiba, Sahy, Santa Joana e rio da Prata. E ainda as Lagoas do Meio, de Baixo e do Aguiar, a maior das três sendo divisa intermunicipal (Aracruz x Linhares) (CRUZ, 1997).

O município de Aracruz teve sua origem com a fundação de um pequeno aldeamento na foz do rio Piraquê-Açú em 1556, pelos jesuítas: Brás Lourenço, Diogo Jácome e Fabiano Lucena. Deram o nome de Aldeia Nova, com o objetivo de conquistar a terra e evangelizar os índios da região comandados pelo bravo Cacique Maracaiá-Guaçú, que em tupi significa Gato Grande do Mato, entretanto, a Aldeia teve desenvolvimento lento por causa da grande quantidade de formigas, o que levou os padres a fundar outra aldeia em 1557. Houve então a troca de nomes, a primeira passou a se chamar Aldeia Velha e a outra passou a se chamar Aldeia Nova (POSENATO, 2007).

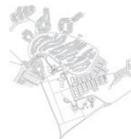


Em 1832, chegou à região de Aldeia Velha, hoje Santa Cruz, o primeiro imigrante italiano Pietro Tabacchi, fundando a Fazenda Nova Trento “ou colônia Nova Trento, empreendimento fracassado que Pietro Tabacchi estabeleceu” (POSENATO, 1997) em homenagem a sua terra natal. Em 03 de abril de 1848, a Resolução n.º 2 criou o Município de Santa Cruz, com sede na Vila de Santa Cruz.

Em 1860, Santa Cruz recebeu a visita de D. Pedro II e sua comitiva que pernoitaram na Vila de Santa Cruz, onde o imperador inaugurou o chafariz público e deixou como lembrança de sua passagem 06 medidas para líquidos feitas de bronze. No dia 04 de fevereiro de 1860, a Comitiva Imperial atravessou a Foz do Aracruz Piraquê-Açú e visitou a Aldeia Tupiniquim em Caeiras Velha seguindo para Riacho.

Em 1873, através do Decreto Imperial n.º 5295, Pietro Tabacchi recebeu autorização para trazer da Itália 70 famílias de colonos para sua fazenda. Os primeiros imigrantes italianos, cerca de 380 saíram do Porto de Gênova em 03/01/1874, a bordo do navio francês, que também trouxe várias caixas de implementos agrícolas. O navio chegou à baía de Vitória em 17 de fevereiro e somente em 01 de março, os imigrantes seguiram para Santa Cruz no vapor Presidente, e de lá partiram em canoas, através do Aracruz Piraquê-Açú para a colônia Nova Trento, na fazenda do Morro das Palmas em Córrego Fundo.

Em 18 de março de 1891, a Vila de Santa Cruz foi elevada a categoria de Cidade pelo Decreto Estadual n.º 19, tornando-se uma Vila muito próspera, sendo seu Porto Fluvial o mais movimentado e por onde escoavam as riquezas da região. A construção da Estrada de Ferro Vitória Minas e a BR-101 vieram contribuir para acabar com o movimento do Porto de Santa Cruz. Em 1943, uma resolução da comarca municipal transferiu a sede do município para o povoado de Sauassu. Em 31 de dezembro desse mesmo ano, pelo decreto n.º 15.777, o município de Sauassu passa a denominar-se Aracruz. De acordo com o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, bem como de outros historiadores, por exemplo, Luiz Bussato (1987/11), citado por Júlio Posenato em seu livro “A arquitetura da Imigração Italiana no Espírito Santo”, o movimento migratório italiano no Espírito Santo tem características próprias e se processou, basicamente, em dois tempos: a Fase Imperial de 1874 a 1882 que vai da fundação à emancipação dos núcleos nas colônias, em regiões próximas aos centros de comercialização; a segunda Fase,



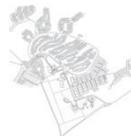
Imperial e Republicana de 1885 a 1895 é uma retomada do movimento migratório em regiões mais afastadas e interioranas e que termina com a proibição causada pelo insucesso do núcleo Muniz Freire no Rio Doce. Insucesso provavelmente pelo fato de existir tribos de índios não catequizados no vale do Rio Doce, ao norte, segundo Grosselli, 2008. “Ainda por volta de 1920 havia botocudos não civilizados no Espírito Santo”, trazendo medo e problemas a aqueles que dirigiam à zona do Rio Doce. Segundo Grosselli 2008, eram índios da tribo *Pepinuck*, habitantes da Serra dos Aymorés e das florestas de Mucury, e destruíam plantações e criações dos colonos como também roubavam instrumentos de trabalho (GROSSELLI, 2008).

Conforme documentos existentes, sendo um deles na prefeitura municipal de Aracruz (decreto imperial nº 5295) e outro citado por Renzo M. Grosselli em seu livro “Colônias Imperiais na Terra do café”, que é uma descrição sobre o imigrante Pedro Tabacchi que fugiu de Trento em 1851 e em documento do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo de 1875, no qual o Consulado Austríaco do Rio de Janeiro informa ao presidente da Província do Espírito Santo a existência deste imigrante, em terras brasileiras, mais especificamente em Santa Cruz no Espírito Santo. Pietro Tabacchi favorecido pelo decreto imperial nº 5295, teve a autorização para trazer da Itália 70 famílias de colonos para a sua fazenda, conforme documento citado anteriormente existente na prefeitura municipal de Aracruz. Fato este que veio influenciar economicamente esta região (GROSSELLI, 2008).

Outro fato marcante na história da ocupação territorial do município - além da chegada dos colonizadores portugueses e escravos africanos (1556), dos imigrantes italianos (1874) é a implantação de uma multinacional em Aracruz em 1967, que insere o município na transição da economia do Espírito Santo para hegemonia do grande capital que ocorre no período de 1955 a 1985. Isso caracteriza a evolução histórica de Aracruz e sua estrutura socioeconômica, segundo Coutinho (2006).

Em resumo, observa-se em sua história que o município de Aracruz tem sua colonização e desenvolvimento atrelado a fatores marcantes por períodos como; em 1556 ocorre a colonização e desmatamento da mata atlântica para a introdução do cultivo da cana de açúcar (COUTINHO, 2006).

Em 1874, o município é conquistado pelos imigrantes italianos, desenvolvendo a economia embasada na agropecuária e em 1967, nova fase que veio substituir a



economia existente pela economia do mercado de celulose, tornando o município “sombra e satélite da Aracruz Celulose” (COUTINHO, 2006).

Segundo Morandi e Rocha (1991), a transição da economia capixaba da monocultura agrícola à hegemonia do grande capital ocorre no período de 1955 a 1985, em duas fases. Na primeira fase, de 1955 a 1975, o processo de acumulação estadual é sustentado por pequenos capitais locais amparados por políticas estaduais. De acordo com estes autores, a segunda fase, a partir de 1975, caracteriza-se pela afirmação da hegemonia do grande capital nacional ou estrangeiro. O setor industrial recebe grandes investimentos, reestruturando-se com a implantação e desenvolvimento de atividades mais dinâmicas e complexas. A agricultura retoma o crescimento, com a modernização capitalista do setor, sobressaindo-se a cultura de café, a fruticultura e atividades de reflorestamento, na qual Aracruz está inserida com a fixação da Aracruz Florestal S.A., criada pelo governo militar para o plantio de florestas de eucalipto, no município de Aracruz no Espírito Santo.

Até os anos 1950, o Espírito Santo permanece à margem da política regional do Governo Federal para a Região Sudeste, seus indicadores econômicos, renda per capita, nível de urbanização apresentam-se muito abaixo dos outros estados da região.

Um diagnóstico sobre a situação do estado do Espírito Santo, elaborado em 1961, deduz que as possibilidades de crescimento industriais poderiam derivar de atividades relacionadas à mineração e à siderurgia. Indústrias dotadas de dinamismo suficiente para fomentar um “polo de desenvolvimento”, impondo um crescimento com um novo padrão de acumulação. Estas possibilidades representariam a abertura da economia capixaba, até então isolada dos centros econômicos mais dinâmicos (MORANDI & ROCHA, 1991).

A primeira iniciativa é interligar o estado à rede infraestrutural do Sudeste, com empreendimentos no setor viário, de transportes, comunicações, energia, além de

¹ Cf. Morandi e Rocha (1991) citando José Artur Rios (coordenador). Diagnóstico para o Planejamento econômico do Espírito Santo.



criação de infraestrutura urbana para atender o crescimento das cidades em torno da capital, onde se concentram esses empreendimentos. Isso determina a polarização das atividades produtivas, provocando um intenso processo de urbanização, que forma a Região Metropolitana da Grande Vitória. A criação de infraestrutura ocorre na primeira fase da transição do desenvolvimento capixaba (1955-1975), quando estão colocadas condições favoráveis à industrialização e à urbanização. Resolve-se o problema de energia que havia impedido a industrialização do Espírito Santo até aquela época, triplicando a capacidade de produção estadual e interligando o sistema elétrico estadual ao da região Sudeste, possibilitando a aquisição de energia de outras fontes.

1.1.2 A fábrica Aracruz Celulose S.A. como alavancadora da cidade e do município

Para demonstrar dados sobre a origem da “Aracruz Celulose S.A” - ARCEL, hoje chamada de Fibria Celulose S.A., torna-se necessária uma breve análise socioeconômica ao contexto nacional da época.

E após, em meio político conflituoso, que veio oficializar o golpe militar, levando o Brasil à ditadura com duração de 21 anos, o país sofreu consequências desastrosas em vários setores da sociedade (GUERRA 2008).

Nesse período de 1964 a 1985, sobretudo no denominado de o “Milagre brasileiro” - entre 1969 e 1973, no governo Médici, se registrou grande crescimento econômico, resultando em grandes investimentos para o país conforme citam Santos e Silveira (2008): “O golpe de Estado de 1964 pode ser considerado um novo passo na internacionalização da economia brasileira, com a influência explícita da guerra fria e os acordos assinados para tornar mais segura à entrada de capitais.” O Brasil, a partir da década de 1960, passa por processo de transformação econômica, em função disso o estado do Espírito Santo sofre grande impacto. Como cita Motta (1982) que alguns aspectos devem ser destacados naquele momento na economia capixaba, tais como:

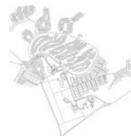
- A participação crescente do Estado e do capital multinacional na economia brasileira, estabelecendo-se entre eles complementaridade de ação em setores



dinâmicos e, mais, recentemente, associações em empresas de grande porte para a produção de insumos básicos;

- A expansão do capitalismo para regiões periféricas da nação, que passaram a contar com estímulos fiscais e financeiros dirigidos ao setor privado, numa tentativa de explorar o potencial nelas existentes, integrando-as ao polo dinâmico e representado pelo eixo Rio-São Paulo;
- Expansão e melhoria da infraestrutura econômica do país, destacando-se o esforço de interligação das diversas economias regionais através da rede de transportes, do sistema de telecomunicações e do sistema energético;
- O crescente grau de abertura da economia brasileira para o exterior, exigindo-se especial atenção para o incremento das exportações para a minimização dos déficits da balança de pagamentos;
- A predominância na utilização de técnicas intensivas de capital nos diversos setores produtivos, fator que contribui fortemente para a não absorção plena de parte considerável da força de trabalho existente no país;
- O caráter intrinsecamente concentrador de renda modelo de crescimento até então verificado na economia brasileira (MOTTA, 1982).

A concentração de poder forjada por um regime autoritário acontece simultaneamente à difusão das indústrias para a periferia mundial. Segundo Alain Lipietz (1998), a dispersão industrial para os países ditos periféricos teve como motivação inicial a busca de mercados. Contudo, a lógica explicita-se na implantação de estabelecimentos, concebidos e equipados no centro do capitalismo mundial, visando a acessar mercados locais de países periféricos. A reestruturação da produção mundial resulta na reconfiguração dos processos da produção e da distribuição, tanto da concentração de capitais quanto da regionalização produtiva em nível mundial (LIPIETZ, 1988 *apud* MIRANDA, 2004).



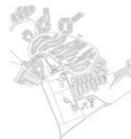
O objetivo, além do estreitamento da relação entre o mercado e o consumo, é a integração dos mercados, assim como a articulação sistêmica entre a infraestrutura produtiva e o comércio internacional.

Ocorre, assim, o deslocamento para países periféricos da produção e fornecimento de *commodities* e outros insumos como aço e celulose para as cadeias produtivas de bens de alto valor. Um atrativo para a implantação de firmas como a Aracruz Celulose são os incentivos governamentais que favorecem a redução de custos iniciais de instalação e de operação. Neste contexto, a periferia começa a realizar a produção, funcionando como mero elo operacional, não participando da articulação inteira das cadeias e dos fluxos que têm como polo cidades “mundiais” que coordenam a produção e as tomadas de decisões. A periferia produtiva não capta os benefícios concretos das novas dinâmicas (MIRANDA, 2004). O crescimento econômico brasileiro possibilita a “concretização de investimentos no âmbito da política desenvolvimentista” proporcionando efetivamente a industrialização e a urbanização do país (GUERRA, 2008).

A década de 1970 proporcionou ao Brasil os elementos viabilizadores de um novo padrão de ocupação territorial, no qual o Estado e os grandes projetos de investimentos tiveram grande visibilidade como descrito por Rosélia Piquet (2008) em seu livro “Cidade-Empresa”, e acrescenta, também, que o Brasil destacou-se como um dos países que individualmente mais aplicou nesse tipo de empreendimento, através dos quais foi promovida uma autêntica mutação da economia brasileira. Podemos ilustrar exemplos como, o mega projeto da Jarí Florestal e Agropecuária Ltda., em Monte Dourado (PA), a Caraíba Metais S.A. a 500 km de Salvador (BA), a Eletronorte em Tucuruí no Pará, a Companhia Vale do Rio Doce (hoje Vale) na Serra dos Carajás (PA), a Aço Minas Gerais em Ouro Branco (MG) e a Aracruz Celulose S.A. em Aracruz no Espírito Santo .

Segundo Piquet, (1998), a negociação desses projetos, em geral, se realizou diretamente entre o Governo Federal, os Estados e os Municípios que disputavam sua localização.

Com o programa de erradicação do café, o Estado do Espírito Santo sofreu profundas mudanças na década de 1960, como afirma Piquet, deixando 60.000 pessoas sem emprego na área rural. A grave crise social, em decorrência desta



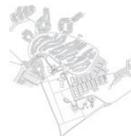
erradicação, fez com que as lideranças estaduais pleiteassem junto ao governo Federal um tratamento todo especial para o Espírito Santo, principalmente onde se localiza o Município de Aracruz. Um estudo da Secretaria de Planejamento do Estado em 1962, com exaustiva pesquisa de campo, demonstrou a baixa posição ocupada, pelo Estado, em indicadores econômicos e sociais, confirmando a grande defasagem existente nesta região (PIQUET, 1998) e a necessidade de que se adotassem medidas imediatas para mitigar a situação.

Em 1966, confirma-se, através de estudos, que o mercado mundial de celulose crescia mais do que a oferta e alcançaria a marca dos 300 milhões de toneladas/ano na virada do milênio (ABE, 1999).

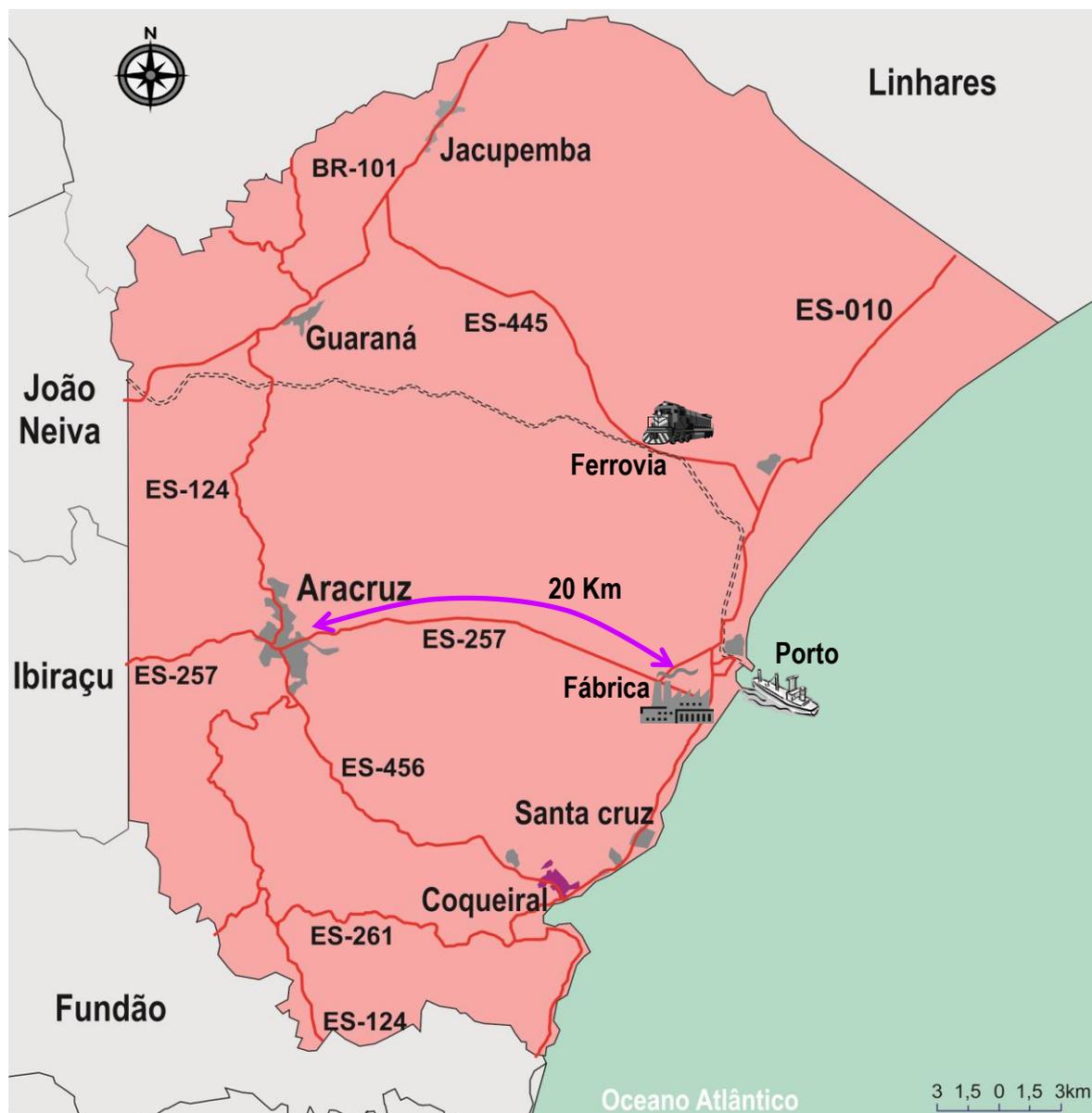
“Em 1966 o Governo criou condições fiscais de estímulo ao setor florestal através da utilização de parte do imposto de renda (Dec. n.157), e assim, o ano de 1967 marcou o início do plantio em massa de eucaliptos no Espírito Santo” (PIQUET, 1998).

Em 1967, criou-se a “Aracruz Florestal S.A.”, para o plantio de florestas de eucalipto, no município de Aracruz no Espírito Santo, tendo como objetivo operacional a produção de celulose de fibras curtas, tornando-se a maior empresa brasileira de celulose nessa categoria (PIQUET 1998 e decreto interno da ARCEL de maio de 1990). A Aracruz Florestal ficou responsável pelo plantio, proteção das florestas, corte, transporte de madeira e desenvolvimento florestal (ABE, 1999). “Sua base florestal atingiu 200.000 hectares em área que se estendeu por todo o norte do Espírito Santo até o sul da Bahia” (PIQUET, 1998).

Em 1972, conforme dados da empresa, transcritos por Piquet (1998), ficaram concluídos os estudos de viabilidade técnica e econômica com investimentos iniciais de 1,5 bilhões de dólares para produção anual de 400.000 toneladas de celulose, dando dimensões inéditas ao empreendimento, pois não existia no mundo ocidental uma única planta industrial de celulose com tal capacidade (PIQUET 1998). Cabe registrar que, à época, o apoio financeiro do BNDE ao projeto Aracruz assumiu valores extraordinários. A cobertura jornalística, jornal do Brasil de 22/8/75, informou que: “Para esta empresa o BNDE liberou ontem um pacote de suporte financeiro no valor global de 2 bilhões e 700 milhões de dólares, sendo esta a operação mais volumosa já feita para uma empresa privada” (PIQUET 1998).



Em 1975 a “Aracruz Celulose S.A.” teve sua origem através da ARFLO e em 1978, iniciou a produção industrial, com sua unidade fabril localizada no município de Aracruz a 65 km de Vitória (ABE, 1999), e a 20 km do maior centro urbano do município de Aracruz que é a cidade de Aracruz (Mapa 3).



Mapa 3 - Município de Aracruz e a localização da fábrica
Fonte: Adaptado de IJNS

A Aracruz Celulose S.A. é autossuficiente em energia com o processo de reaproveitamento de resíduos, construiu uma barragem e um sistema de adução a partir do Rio Doce para cobrir o consumo inicial de 44 milhões de metros cúbicos de água. Foi previsto também o funcionamento de duas fábricas de insumos químicos, uma de clorato de sódio, usado para o branqueamento da celulose, e outra de cloro-



soda, para o cozimento da madeira que entraram em operação em 1980. (ABE, 1999).

Desde 1975, a “Aracruz Celulose” vem se expandindo em todos os setores necessários ao desenvolvimento fabril. Em 1984 inicia-se a duplicação da fábrica no município de Aracruz, ampliando para 1.025 toneladas/ano. Em 2003 junto com Stora Enzo inicia o projeto Veracel Celulose S.A., em Eunápolis na Bahia, sendo uma das maiores do mundo. Em 2003 a Aracruz Celulose adquire também a Riocell, em Guaíba no Rio Grande do Sul com capacidade de 400 mil toneladas/ano. Esses empreendimentos colocaram a empresa no topo de fabricação de celulose branqueada com três milhões de tonelada/ano (ABE, 1999). O grupo Aracruz hoje é administrado pela VCP, grupo Votorantin, que a adquiriu em 2008.

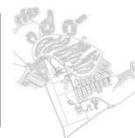
Com a implantação deste complexo industrial o Município de Aracruz, “que era um obscuro e pobre Município de base econômica agrícola e madeireira” (PIQUET, 1998), sofreu intensas modificações em sua estrutura socioeconômica.

[...] Nesse mesmo período, as empreiteiras contratadas para a implantação do projeto absorvem cerca de 15.000 empregados. A cidade de Aracruz e o povoado Barra do Riacho, onde se localiza a fábrica- crescem desordenadamente, sem contar com infraestrutura que possa, ainda um patamar mínimo, dar condições de vida urbana a esses trabalhadores. Uma vez que a região se tornara polo de atração de fluxos migratórios, seguramente superiores aos postos de trabalho existentes, generaliza-se o quadro de carências urbanas (PIQUET, 1998).

O arquiteto e urbanista André Abe, em suas pesquisas, diz que com a chegada de um projeto de tal envergadura representou profundo impacto social, econômico, físico territorial e urbano sobre esta região capixaba.

Segundo Abe, o projeto da Aracruz cujas características de aparência rural, exploração agrícola de mão de obra especializada e capital intensivo, concentraram a propriedade fundiária e provocou elevação dos preços das terras e dos imóveis, constituindo-se um fator de expulsão do homem do campo, inclusive de indígenas². Observa-se também modificação profunda na estrutura social local, devido à

² A questão indígena pela posse da terra com a Aracruz Celulose, ainda hoje é bastante controversa. Vide anexo 1.



alteração na monetarização, urbanização e sazonalidade nas ocupações. “Ocorre forte deslocamento migratório do campo para a cidade sede, que contava então com 5500 habitantes” (PIQUET, 1998). Pelas empreiteiras contratadas que absorvem aproximadamente 15.000 empregados, causando uma desorganização na cidade de Aracruz e no entorno.

Ainda de acordo com Coutinho (2006), a partir de 1972 quando é criada a Aracruz Celulose, vieram milhares de trabalhadores de todo o Brasil e até do exterior, para montar a fábrica. Como também se pode constatar no livro “Faça-se Aracruz” de Maurilen de Paulo Cruz que devido à grande demanda de pessoal que a fábrica de celulose exigiria e a ínfima condição que o município tinha para receber todo esse contingente.

Segundo Abe (1999), a taxa de crescimento urbano da microrregião em que está inserida foi de 111,7% na década de 1970-1980. O qual veio a ativar todos os setores da economia e gerou milhares de empregos indiretos, como também a demanda de ampliação da infraestrutura, energia, comunicação e serviços públicos.

Tabela 1 - Dados demográficos de Aracruz

Dados Demográficos		
Ano	População	Densidade (hab/Km ²)
1970	24.484	18,23
1984	35.792	25,61
1995	56.876	40,70

Fonte: IBGE

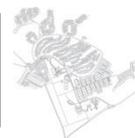
Cruz (1997) observa uma cronologia de alguns acontecimentos que se podem relacionar diretamente ao progresso da cidade de Aracruz, tais como:

1968 – Inauguração do primeiro conjunto de casas do BNH;

1970 - Inauguração do hospital e maternidade São Camilo;

1972 – Registro dada empresa Aracruz Celulose S.A., Igreja da matriz de São João Batista;

1974 – Lançamento da pedra Fundamental da fábrica da Aracruz Celulose S/A;



1976 - é substituído o sistema de PABX por 500 telefones automáticos, instalados pela concessionária Telest/ES. Ainda em 1976 a inauguração do segundo conjunto residencial, com 120 casas, construído pelo SFH, sistema financeiro habitacional (BNH). Inauguração da estrada ES-257 ligando Aracruz à BR-101;

1978 – Inauguração da fábrica da Aracruz Celulose S/A pelo presidente da república general Ernesto Geisel.

Conforme texto de Casotti e Silva (2006), em “MG-ES um sistema infraestrutural”, cita que apesar de estar situada no Município de Aracruz essa empresa possui uma enorme área de influência. Os principais municípios do norte do Espírito Santo que integram a área de influência das empresas Aracruz são: Aracruz, São Mateus, Ibirapu, João Neiva, Conceição da Barra e Nova Venécia.

Esses municípios respondiam por 21% da área territorial do Estado e por 9,6% da população total na década de 1960, conforme Cassoti e Silva. Cerca de 80% residiam em área rural. Não tinham infraestrutura mínima, como energia elétrica e transporte coletivo, as casas eram em sua maioria de pau-a-pique, além da insuficiência de escolas, com alto índice de analfabetismo. Com a implantação da “Aracruz Celulose S/A” esses municípios sofrem grandes impactos. Através de política de investimentos em infraestrutura social, na década de 1980, a “Aracruz Celulose S/A”, busca grandes financiamentos, junto ao BNDES, em favor de suas áreas de influência, e beneficiam estes municípios. Abaixo tabelas retiradas do texto de Cassoti e Silva demonstram esses itens

Tabela 2 - Índice de Finanças

Índice de Finanças do Município		
Aracruz	0,2323	2º do ranking
Ibirapu	0,1615	5º do ranking
João Neiva	0,0600	18º do ranking
Fundão	0,1177	8º do ranking

Fonte: IPES – Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves (2000)

Tabela 3 - Índice de desenvolvimento econômico

Índice de Desenvolvimento Econômico		
Aracruz	1	2º do ranking
Ibirapu	0,2115	5º do ranking
João Neiva	0,155	18º do ranking
Fundão	0,1127	8º do ranking

Fonte: IPES – Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves (2000)

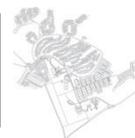


Tabela 4 - Índice de Desenvolvimento Urbano

Índice de Desenvolvimento Urbano		
Aracruz	0,5214	8º do ranking
Ibiraçu	0,3958	13º do ranking
João Neiva	0,4580	5º do ranking
Fundão	0,3296	29º do ranking
Vitória	0,8346	1º do ranking

Fonte: IPES – Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves (2000)

Tabela 5 - Índice de Desenvolvimento Social

Índice de Desenvolvimento Social		
Aracruz	0,3363	28º do ranking
Ibiraçu	0,3202	32º do ranking
João Neiva	0,3504	24º do ranking
Fundão	0,2735	48º do ranking
Vitória	0,6543	1º do ranking

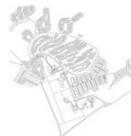
Fonte: IPES – Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves (2000)

Tabela 6 - Índice de desenvolvimento do município

Índice de Desenvolvimento do Município		
Aracruz	0,4814	28º do ranking
Ibiraçu	0,2535	32º do ranking
João Neiva	0,2373	24º do ranking
Fundão	0,2119	48º do ranking
Vitória	0,6679	1º do ranking

Fonte: IPES – Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves

Pode-se concluir que com a penetração do capital industrial multinacional que chegou em 1967 e transformou a economia agropecuária e autossustentável do município em uma economia dependente do mercado mundial de celulose, a partir da primeira fábrica de celulose, em 1978. O município tornou-se sombra e satélite da “Aracruz Celulose S/A” segundo Coutinho (2006).



1.1.3 O bairro Coqueiral de Aracruz

O Bairro Coqueiral de Aracruz localiza-se, no Espírito Santo, distante da capital em 65 km (Figura 2), e a 34 km de Aracruz, sede do município e a 14 km da unidade fábrica Arcel (Figura 3).



Figura 2 - Localização do Bairro em relação a capital

Fonte: Adaptado de IJSN

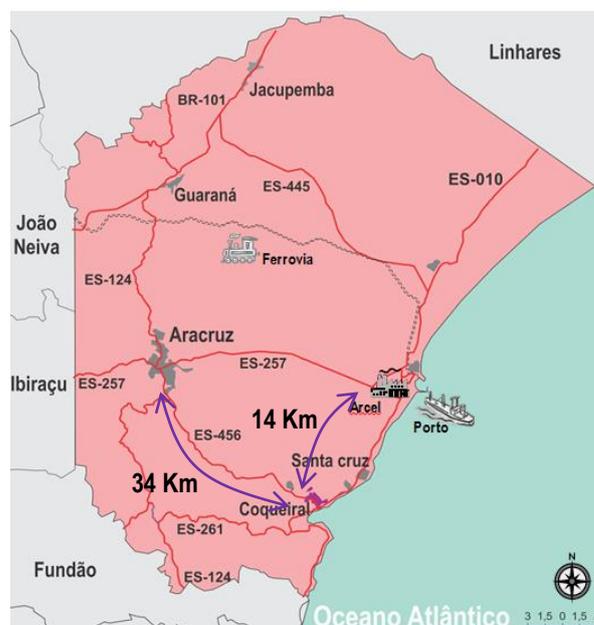
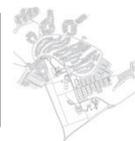


Figura 3 - Localização do Bairro em relação a Sede do município e a fábrica da Arcel.

Fonte: Adaptado de IJSN

Com a implantação deste complexo industrial o município de Aracruz, “que era um obscuro e pobre município de base econômica agrícola e madeireira” (PIQUET, 1998), sofreu intensas modificações em sua estrutura socioeconômica. Todo o Estado do Espírito Santo sofrera estas mudanças na década de 1960, devido à consequência da erradicação do café. E essa região, de precárias condições socioeconômicas de infraestrutura, que despertou o interesse dos investidores, já que possuía as condições básicas para a localização da empresa, “pois existia a disponibilidade de terras que poderiam ser transformadas em florestas homogêneas, em escala econômica; a área comportava a instalação próxima de uma fábrica.” (PIQUET, 1998).

Por tratar-se de duas empresas, Arflo (Aracruz Florestal) e Arcel (Aracruz Celulose), refletiram na comunidade uma especificidade com duas diretorias atuando na mesma região, conforme Piquet. A Arflo foi a que chegou primeiro e contratou mão de obra local e com seus funcionários graduados residindo na sede do município.



“Devido à substituição das culturas de subsistência pelo plantio de eucalipto, ocorreu forte deslocamento migratório do campo para a cidade-sede, que contava até então com 5.500 habitantes” (PIQUET, 1998). A Arcel, complexo fabril, desencadeou um crescimento urbano não só na sede municipal como também em Barra do Riacho, lugarejo próximo à fábrica, que passou a apresentar características das formas urbanas que tiveram origem em obras com grandes contingentes de força de trabalho masculina (PIQUET, 1998). A etapa de operação da fábrica exigiu a contratação de pessoal qualificado de fora da região e conseqüentemente implantação de um bairro exclusivo para seu uso (PIQUET, 1998).

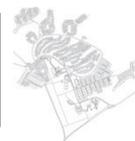
Com a empresa chega também a melhoria da infraestrutura voltada para atender o empreendimento: o município passa a contar com energia elétrica fornecida pela companhia estadual e com sistema de telefonia em DDD e DDI. Permanece, contudo, precariamente servido pela malha viária, não contando com ligação asfáltica à BR-101 ou, por via litorânea, a Vitória. É esse quadro de precariedades que justificará a construção de um bairro residencial destinado ao uso exclusivo técnico industrial. (PIQUET, 1998)

Como a cidade de Aracruz, na implantação da fábrica, não conseguia absorver as demandas necessárias à fábrica e as dificuldades de acesso a capital eram enormes, obstáculos evidenciaram a necessidade da empresa de implantar um bairro que atendesse essas demandas; afirma Piquet – “é comprada uma área litorânea, distante 14 km da fábrica e 34 km da sede municipal para a implantação de um bairro residencial de uso exclusivo dos quadros do setor industrial.” (PIQUET, 1998).

Com a compra da área, foi desenvolvido o projeto urbano denominado Bairro de Coqueiral. Inicialmente pelo arquiteto Paulo Calado, segundo o próprio Cândido Malta, que fez o núcleo das casas A e B e também o clube da orla, posteriormente desenvolvendo todo o projeto urbano, o arquiteto e urbanista Cândido Malta Campos Filho, segundo depoimento do próprio em entrevista cedida por telefone em abril de 2012.

Segundo Cruz (1997), a primeira etapa do projeto previa 900 casas, dois clubes sociais, equipamentos comunitários e amplas áreas livres ajardinadas.

De acordo com o documento histórico do Bairro Coqueiral (CEDOC, 1984), o projeto urbano, em sua implantação, foi desenvolvido para:



Casas tipo A e B sendo construídas 233 unidades; casas tipo C, 521 unidades e casas tipo D com 111 unidades. Foram construídos também dois prédios de quatro pavimentos, uma ETA - estação de tratamento de água, uma ETE- estação de tratamento de esgoto, uma escola pública do 1º e 2º grau para 1202 alunos, uma escola particular do maternal ao 2º grau profissionalizante de mecânica para 1618 alunos, um centro comercial central com área de 2.811,00 m², uma clínica médica, com ambulatório, pediatria, ginecologia e obstetrícia, medicina do trabalho para atendimento a toda a comunidade. Clínicas odontológicas, associações comunitárias, um clube particular e um comunitário, dois alojamentos um existente e outro construído e também uma praça, denominada de praça da amizade e também o centro de artes com atividades voltadas para a comunidade.

Outros serviços existentes também, como: rede telefônica (TELEST), energia elétrica fornecida pela concessionária (ESCELSA), gás também por concessionária, correios e telégrafos, coleta de lixo pela prefeitura Municipal de Aracruz. O paisagismo de todo o bairro, ficava a cargo da empresa.

Para administrar o bairro do Coqueiral de Aracruz, criou-se a Santa Cruz Urbanizadora S/A, em 1978, que era uma administradora, como uma prefeitura, subsidiada pela “Aracruz Celulose S/A”. Conforme Piquet, esse tipo de núcleo de moradia construído junto ao espaço empresarial favoreceu muitas de nossas cidades e bairros interioranos hoje integrados às maiores cidades brasileiras e Coqueiral de Aracruz é um exemplo dessa prática empresarial.

1.2 DE CIDADES (CONCEITO, TRANSFORMAÇÕES E PROPOSIÇÕES) À CIDADE EMPRESARIAL (CIDADE INDUSTRIAL, BAIRRO E CIDADES EMPRESAS).

Conforme exposto, o Bairro Coqueiral configura-se, portanto, como algo próximo dos conceitos de cidade empresarial, que pode ser colocado como situação urbana que nasce em meados do século XIX.

Este século XIX é caracterizado por profundas transformações. Surgiram numerosas cidades com crescimento acelerado, principalmente na Europa e América do Norte. O aparecimento da máquina a vapor, a estrada de ferro, o moinho têxtil, a energia



elétrica, os produtos químicos e o motor a combustão, favoreceram a migração do campo para as cidades como descreve Guimarães (2004).

Nessas características de novo processo produtivo com técnicas de aperfeiçoamento, substituindo o trabalho artesanal em industrial, determinando a Revolução Industrial, proporcionou o surgimento da cidade industrial.

A cidade industrial, em períodos distintos, se perpetuou por: era Paleotécnica, sendo o período inicial, segundo Patrick Geddes (1994), de lugar ruim (Kakotopia), bairros pobres, semipobres e muito pobres. É a cidade que produzia maus rapazes (Mumford, 2004), extensas horas de trabalho, a monotonia amparada por baixos salários, à exploração do trabalho infantil no seio da casa. Percebia-se o desencontro da técnica e da produção. Trevisan cita Ethel Medeiros (1971) que, amparada pelo capital, pela mão de obra, pela produção industrial e pelo mercado, como sendo elementos de sustentação econômica, alterando os costumes sociais e culturais da época. A cidade industrial demonstra o rompimento com a cidade tradicional efetuando grandes modificações, favorecendo grandes loteamentos contrariando as preocupações urbanísticas e estéticas e ignorando a organização do espaço urbano. Os urbanistas precisam de maior debate em relação à prática ruim de aglomerações em conjunto com a político-administrativa contrária ao urbano. O urbanismo se propõe a resolver o problema, mas muitas vezes as soluções são “generosas” em contradição com o preço de terra (LAMAS, 2007).

Em seguida a era Neotécnica, diferentemente da anterior com denominação de lugar aprazível (Eutopia), lugar de prosperidade e bem estar, de beleza e glamour sem precedentes. Neste período surgem as utopias sociais em reação aos problemas causados pelas “cidades industriais”, onde aparecem como transformações da sociedade, com novas comunidades, territórios diferentemente distribuídos, favorecendo alternativas na condição de vida da sociedade.

Em busca de cidades modelos, organizando o espaço urbano e disciplinando operários, segundo Trevisan (2003), esses fatores favorecem as sugestões urbanísticas dando origem às Cidades empresariais (*Company Towns*), à Cidade Jardim (E. Howard), à Cidade Linear (Soria y Mata), à Cidade Industrial (Tony Garnier), à Cidade Funcionalista (Le Corbusier) e à Cidade Artística (Camillo Sitte).



Muitas dessas proposições podem ser consideradas modelos a serem aplicados em diversas escalas.

Dentre essas experimentações urbanísticas, abordar-se neste trabalho um estudo mais específico sobre cidades empresariais, devido à relação subtendida ao objeto de estudo: Bairro Coqueiral de Aracruz.

Aquelas experimentações foram iniciadas na segunda metade do século XIX, ocasião em que surgem propostas organizadas com formas urbanas alternativas à cidade burguesa e industrial, segundo Lamas (2007).

As Cidades Empresariais eram assentadas em locais favorecidos por matéria prima, energia natural gerado por água/carvão e meios de transporte. Apresentavam bairros especificamente especializados para trabalhadores, o lazer, o comércio e o recreio. A qualidade de vida era o maior valor, trazendo felicidade, a docilidade e a eficiência ao trabalhador (HARVEY, 1982 *apud* TREVISAN, 2003). Essas cidades eram implantadas a partir de um conjunto habitacional nas proximidades da fábrica, com um bom projeto urbano adequado à época e contrapondo-se à grande cidade³.

Observa-se uma completa infraestrutura, com escola, hospital, comércio, edifícios recreativos, áreas verdes e parques (TREVISAN, 2003).

O primeiro proponente do movimento comunal de habitação foi Robert Owen, cujo sucesso como fabricante não foi, infelizmente, confirmado pelas suas experiências comunitárias (MUMFORD, 1998).

Serão citadas as cidades empresariais de *Saltaire*, *Port Sunlight* e *Bournville* pelo pioneirismo. Constam ainda as cidades de Capley, Akiydon, Earswick, Essen, Pullman, que não serão objetos de consideração, levando-se em conta que as informações contidas nos três exemplos escolhidos podem ser admitidas como suficientes para a confirmação conceitual de cidades empresariais.

³ Outro momento significativo de influência na forma e estética no sec. XIX foi o movimento *Arts & Crafts*. Surgido na Inglaterra colaborou na arquitetura, influenciando na forma, na estética e nos espaços das casas como; banheiro no interior da residência.



O complexo habitacional de *Saltaire*, de Sir Titus Salt, considerado como pioneiro, surgiu devido à necessidade de reestruturação de sua fábrica, em 1851. A área fabril, administrativa e residencial foram deslocadas para um novo local com infraestrutura completa com água e transporte ferroviário. Próximo ao rio Aire, em distância de três milhas da cidade anterior, este assentamento tem o nome relacionado ao empresário (Salt) com a junção do nome do rio, resultando em *Saltaire*, com ocupação máxima prevista para 4350 habitantes, tendo sido projetado pelos arquitetos Lockwood e Mawson (CREESE, 1992 *apud* TREVISAN, 2006).

O projeto urbanístico de *Saltaire* (Figura 4, Figura 5,) se caracterizava por uma avenida principal e central de nome, Victoria Road, onde estavam dispostos os edifícios. Ao sul localizavam-se as quadras com as habitações e os edifícios públicos (hospital, igreja e escola). Ao norte havia um parque para lazer e descanso dos funcionários. A localização da fábrica ficou estabelecida entre o rio Aire e a ferrovia. Convém destacar a qualidade dos projetos arquitetônicos com preocupações sociais, apresentando casas com três quartos, com banheiros, lavatórios e refeitórios públicos para os idosos.

Trevisan cita o historiador Lewis Mumford, (1982) demonstrando a necessidade de que o parque estivesse mais próximo às residências, possibilitando uma área de cultivo para os moradores, sendo que [...] parte da sua área poderia ter sido reservada para a criação de hortas doméstica maiores [...]

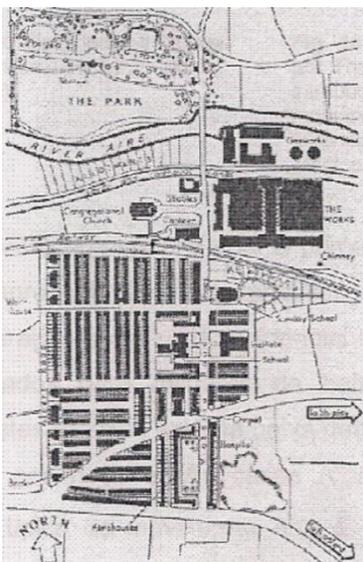


Figura 4 - Plano da Cidade de *Saltaire*
Fonte: Lamas 2007

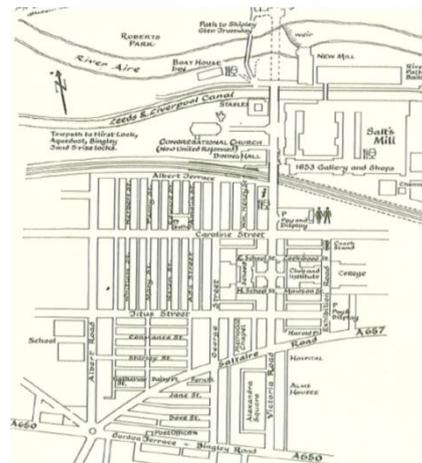


Figura 5 – Plano ampliado da cidade de *Saltaire*.

Disponível em:

<<http://www.skillspace.com/LearningSystem/PortalHome>>. Acesso em: 12 mar. 2013.



Em seguida, o complexo empresarial de Port Sunlight em 1888, (Figura 6) iniciativa de W.H.Lever, visconde de Leverhulme, cujas pretensões de expandir sua indústria de sabão direcionando-a a construção civil e criar uma comunidade organizada, conforme Trevisan (2003). Diferentemente de *Saltaire*, *Port Sunlight* teve mais de um projeto, o primeiro já citado, em 1888, e o segundo (

Figura 7) em 1912, tendo ambas as similaridades no zoneamento e a zona industrial separada da zona residencial. Projeto de baixa densidade demográfica (Figura 8), com apenas oito casas por hectare, apesar de ter sido projetado para atender a milhares de habitantes segundo Lamas (2007).

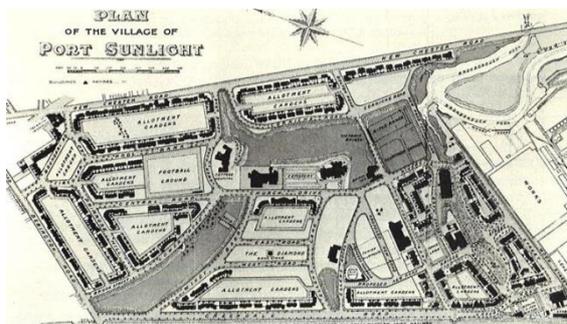


Figura 6 – Primeiro Plano de *Port Sunlight*
Fonte: BEESON, 1911

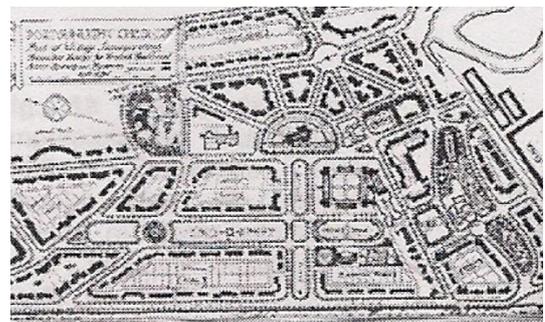


Figura 7 - Segundo plano de *Port Sunlight*
Fonte: Trevisan, 2003

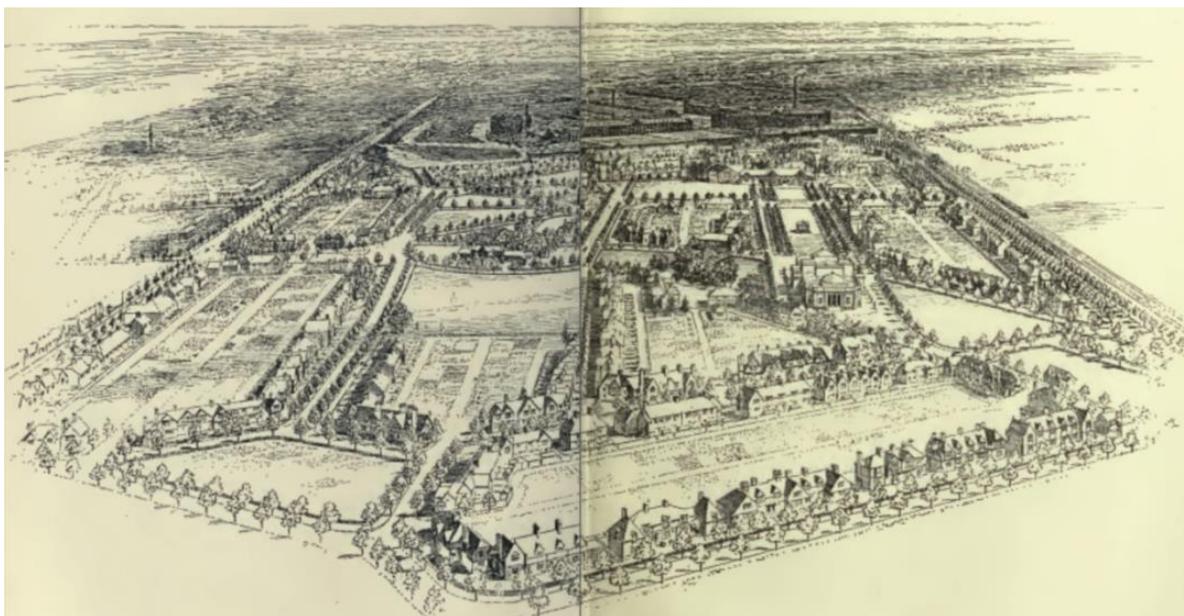


Figura 8 - Vista Geral de *Port Sunlight*
Fonte: DAVISON, 1916



No programa de necessidades do projeto aparece um centro cívico implantado em seu eixo estrutural e uma longa avenida com uns números maiores de diversificados edifícios públicos quando comparado ao projeto de *Saltaire*. Existia ainda uma vasta urbanização e longos jardins (Figura 10, Figura 11).

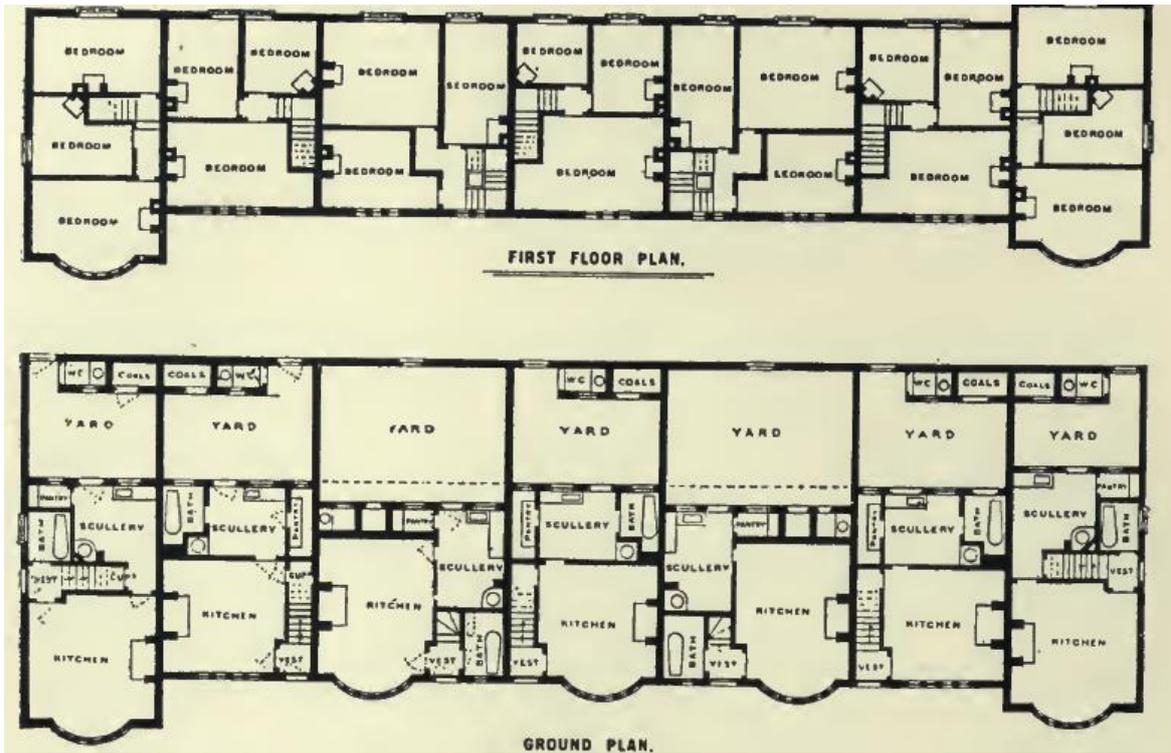


Figura 9 - Planta de modelo residencial de *Port Sunligh*
Fonte: DAVISON, 1916



Figura 10 - *Park Road* de *Port Sunligh*
Fonte: BEESON, 1911



Figura 11 - *Park Road* de *Port Sunligh*
Fonte: BEESON, 1911



Finalizando, como terceiro exemplo cita-se a cidade empresarial de *Bournville* (Figura 12), cujo arquiteto W. Alexander Harvey planejou e aderiu conceitos relacionados a melhor qualidade de vida.

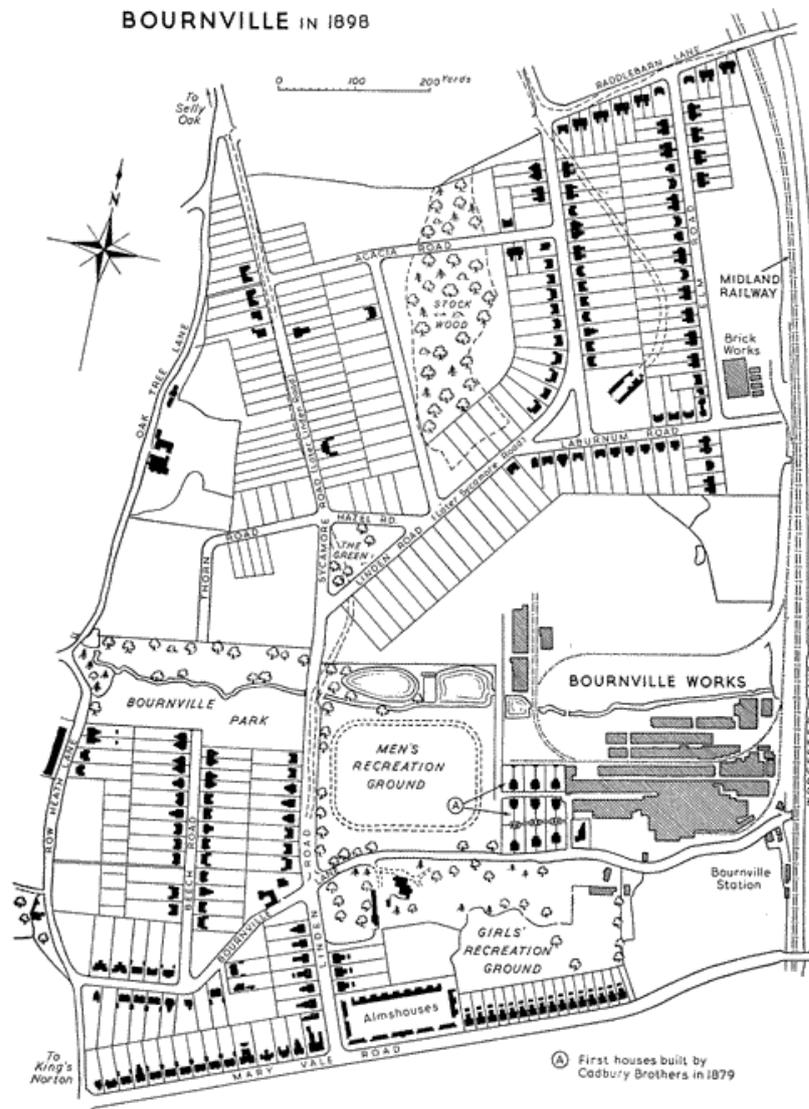


Figura 12 - Planta da cidade empresarial de Bournville de 1898

Disponível em: <<http://bournvillivillage.com/remember/bournville-in-1898/>>. Acesso em: 12 mar. 2013

O empresário George Cadbury teve a iniciativa de expandir sua fábrica de chocolate tornando necessário o planejamento deste assentamento urbano. Este planejamento teve semelhanças com o assentamento de Port Sunlight, onde o espaço público apresentava características de diversos serviços e área de lazer com recreação para mulheres e homens. Pode-se observar ainda no projeto o agrupamento de duas, três e até mesmo quatro unidades com espaços ajardinados e arborizados (Figura 13, Figura 14).



Figura 13 - Modelo de Residência em Bournville
Disponível em:
<<http://billdargue.jimdo.com/placenames-gazetteer-a-to-y/places-b/bournville/>>. Acesso em: 12 mar. 2013.



Figura 14 - Modelo de Residência
Disponível em:
<<http://billdargue.jimdo.com/placenames-gazetteer-a-to-y/places-b/bournville/>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

Conforme Trevisan (2003) coloca, de maneira positiva, quando em comparação ao objeto de estudo, o Bairro Coqueiral de Aracruz, esta conclusão abaixo:

[...] aponta-se uma peculiaridade projetual inerente a esta tipologia urbanística: a disposição dos edifícios em relação subalterna ao edifício principal, a fábrica. Diferentemente de outras cidades, onde os prédios públicos eram reunidos num centro cívico, gerenciando o desenvolvimento urbano, nas Cidades Empresariais, a fábrica, implantada segundo suas necessidades produtivas, era o ponto inicial do projeto. A partir dela, o restante dos edifícios era alocado de forma hierárquica a começar pela casa do industrial, pelos edifícios e equipamentos públicos, finalizando pelas vilas operárias, como forma de assegurar, a partir do território, um controle social e afirmar as ordens capitalistas do poder.

Segundo (GUERRA, 2008), algumas vilas operárias podem ser consideradas uma antecipação das cidades empresariais como Bessbrook (1846), na Irlanda; *Saltaire* ou *Port Sunlight* (1887), na Inglaterra, e Pullman (1880), no EUA e outras.

No Brasil, segundo GUERRA (2008)

[...] desde o final do século XIX, inicialmente, a partir das tecelagens, seguidos de outros setores, ao longo do século XX, também esses espaços produtivos, cidade-empresa ou *company town*, foram praticas recorrentes de empresas de diferentes ramos. Em diversos períodos de nossa formação socioeconômica, muitas cidades foram criadas próximas aos espaços produtivos em consequência do desenvolvimento industrial.

Como exemplos do século XIX, a construção das cidades de Aracaju (1855) e Belo Horizonte (1897), símbolo republicano da modernidade (GUERRA, 2008). No século



XX, a implantação de cidades foi intensificada como prática pública ou empresarial como é o caso de Goiânia (1937), Boa Vista (1946), Brasília (1956), Palmas (1988) e as cidades conectadas a empreendimentos industriais, turísticas e colonizadoras. (GUERRA, 2008). Segundo Guerra, (2008), na primeira metade do século XX, com o período de expansão de novas frentes econômicas, nasce grande quantidade de cidades. Os exemplos citados por Guerra (2008) são:

[...] Telêmaco Borba, PR (1953), Umuarama, PR, (1955), Vila Serra do Navio, AP, (1961), Vila Amazonas, AP, (1962), Ipatinga, MG, (1962), Ilha Solteira, SP, (1967), Carajás, PA (1973), Marabá, PA, (1973), Alta Floresta, MT, (1975), Caraíba, BA, (1976), Ouro Branco, MG, (1978), Porto Trombetas, PA, (1978), Barcarena, PA, (1980), Tucuruí, PA, (1983), Vila dos Cabanos, PA, (1985) e etc.

Conforme GUERRA (2008), a cidade empresa é distinta da cidade industrial, da agrovila, dos assentamentos comunitários experimentais (com propriedade comunitária), e de projetos habitacionais voltados para trabalhadores industriais, porém separados das instalações industriais.

Conforme Milton Santos alerta no prefácio do livro de Piquet, em relação à cidade-empresa:

[...] quando as empresas planejam a si mesmas, planejam também os lugares em que se instalaram e ajudaram a desenvolver. Esse planejamento é, ao mesmo tempo, urbanístico, econômico e social, uma presença pesada que se revela também na vida política (PIQUET, 1998).

As cidades-empresa no processo da formação urbana brasileira é ainda um campo aberto, em que certas questões não foram sequer levantadas e outras exigem aprofundamento (PIQUET, 1998).

Conforme Piquet (1998), “A primeira associação que se faz à cidade-empresa é a de uma ‘minicidade’, na qual um conjunto de equipamentos comunitários completos pertence a uma empresa que exerce o controle total de entradas e saídas de pessoas configurando-se, portanto, como núcleo fechado”. A autora completa afirmando que existe a intenção de que a cidade se expanda sem a exclusiva interferência da empresa, até mesmo na concepção do projeto.



2 APREENSÕES SOBRE URBANISMO E ARQUITETURA

O conceito de morfologia e forma urbana será explorado neste capítulo como elemento de introdução à compreensão dos itens que se seguem neste estudo. A estrutura formal aplicada ao bairro em questão é o direcionamento que terá como elemento de estudo sobre a noção da forma urbana, sobre o ponto de vista metodológico, das partes teóricas e práticas que envolvem a arquitetura e o urbanismo, buscando embasamento teórico em autores como LAMAS, PANERAI, LYNCH e ROSSI.

2.1 CONCEITUAÇÕES DA FORMA E DA MORFOLOGIA URBANA

Para Kevin Lynch (2004), essas novas formas deverão ser agradáveis ao olhar e também se organizar nos diferentes níveis no tempo e no espaço e também funcionar como símbolo da vida urbana. O autor foca também que na forma urbana devem prevalecer algumas funções que podem expressar a circulação, os eixos principais do espaço urbano e os pontos focais chaves. E que o “cidadão poderá impregná-lo com seus próprios significados tornando o lugar notável e inconfundível devido a sua organização”.

Segundo Panerai (2006), conhecer uma cidade não é simples, devem-se reconhecer as diferenças. A urbanização da segunda metade do século XX mudou radicalmente a paisagem, o volume das próprias edificações, sua implantação e novas técnicas utilizadas interrompem com o modelo anterior. As novas urbanizações fogem a lógica das cidades tradicionais e para compreendê-las se deve buscar conhecimento na história, na geografia, no trabalho cartográfico e na análise arquitetônica, nos sistemas construtivos e no modo de vida. Essas são as considerações que vão justificar e conhecer a forma da cidade que é também reconstituir sua história e também orientar uma maneira de projetar.

A descrição física e material da cidade pode-se afirmar que está diretamente relacionada à sua forma que é delimitada por suas partes. Aldo Rossi (1998) cita que a forma urbana é também ou deverá ser o resultado da produção voluntária do espaço.



[...] Essas áreas, essas partes, são definidas essencialmente pela sua localização; são a projeção no terreno de fatos urbanos, a sua comensurabilidade topográfica e a sua presença. Essas áreas originais podem ser identificadas como unidades do conjunto urbano que emergiram por uma operação de diferentes momentos de crescimento e diferenciação, ou como aqueles bairros ou partes da cidade que adquiriram caráter próprio [...] (ROSSI, 1998).

A seguir se tem início a uma conceituação pertinente a itens fundamentais que se relacionam à teoria da forma urbana tendo como respaldo, conceitos de autores como Lamas, primeiramente sobre estudos morfológicos, em seguida adotar o conteúdo de Rossi sobre as ordens e dimensões de apreensão da forma urbana, acrescentar conceitos de Panerai sobre o tecido urbano e finalmente as formas físicas com teoria de Lynch

Segundo Lamas (2007), quatro aspectos são fundamentais na teorização da forma urbana:

- i. Aspectos quantitativos – Todos os aspectos da realidade urbana podem ser quantificáveis e que se referem a uma organização quantitativa: densidades, superfícies, fluxos, coeficientes volumétricos, dimensões perfis, etc. Todos esses dados quantificáveis são utilizados para controlar aspectos físicos da cidade.
- ii. Aspectos de organização funcional – Relacionam-se com as atividades humanas (habitar, instruir-se, tratar-se, comerciar, trabalhar, etc.) e também com uso de uma área, espaço ou edifício (residencial, escolar, comercial, sanitário, industrial, etc.), ou seja, ao tipo de uso de solo. Uso a que é destinado e uso que dele se faz.
- iii. Aspectos qualitativos. Referem-se ao tratamento dos espaços, ao conforto e à comodidade do utilizador. Nos edifícios, poderão ser a insonorização, o isolamento térmico, a correta insolação, etc., - e, no meio urbano poderão ser características como o estado dos pavimentos, a adaptação ao clima (insolação, abrigo dos ventos e das chuvas), a acessibilidade, etc. Os aspectos qualitativos podem também ser quantificáveis através de parâmetros (os decibéis que medem a intensidade de conforto sonoro, o lux, como medida do conforto da iluminação, etc).



- iv. Aspectos figurativos – Relacionam-se essencialmente com a comunicação estética.

Sobre as ordens e dimensões de apreensão da forma urbana como procedimento de análise do lugar, Rossi cita Tricart que estabelece três ordens ou escalas diferentes:

- i. A escala da rua, que compreende as construções e os espaços construídos que a circundam;
- ii. A escala do bairro, que é constituído por um conjunto de quarteirões com características comuns;
- iii. A escala de toda a cidade, considerada como um conjunto de bairros.

Para Panerai (2006), em se tratando do tecido urbano, constituído por três conjuntos: a rede de vias, os parcelamentos fundiários e as edificações. [...] As relações entre esses três conjuntos constituem, com efeito, um sistema bastante complexo, à imagem e semelhança da própria cidade [...] (PANERAI, 2006).

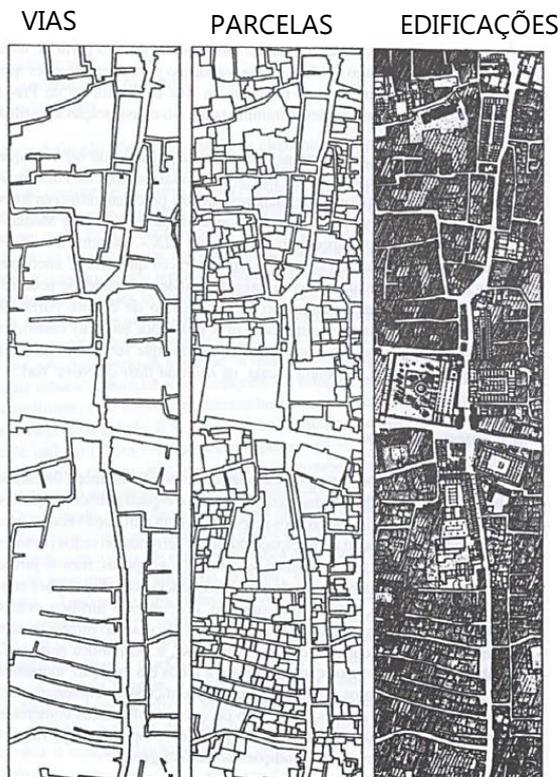


Figura 15 - Vias, parcelas e edificações – centro antigo, Cairo
Fonte: Panerai, 2006



Para Kevin Lynch o papel da forma, no desenho atual, deve ser usado para reforçar o significado e não para negá-lo e sobre esse aspecto o autor classifica em cinco tipos de elementos para o conteúdo urbano: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos que serão analisados e diretamente aplicados ao bairro em estudo no item a seguir 2.2 sobre análise urbana e arquitetônica.

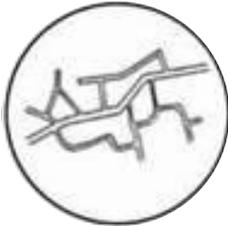


Figura 16 – Vias
Fonte: Lynch, 2004

Vias – Lynch diz que as vias são os canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial. Podem ser ruas, alamedas, linhas de trânsito, canais, ferrovias. Para muitas pessoas, são estes os elementos predominantes em sua imagem.

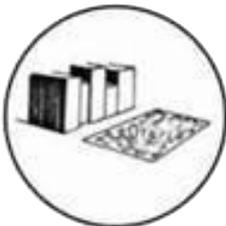


Figura 17 – Limites
Fonte: Lynch, 2004

Limites – São elementos lineares não usados ou entendidos como vias pelo observador. São as fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares: praias, margens de rios, lagos, etc., cortes de ferrovias, espaços em construção, muros, paredes. São referências laterais, mais que eixos coordenados. Esses limites podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que separam uma região de outra, mas também podem ser costuras, linhas ao longo das quais duas regiões se relacionam e se encontram. Não tão dominantes como o sistema viário, são importantes características organizacionais, sobretudo devido ao seu papel de conferir unidade a áreas diferentes, como no contorno de uma cidade por água ou parede.



Figura 18 – Bairros
Fonte: Lynch, 2004

Bairros – Os bairros são as regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dotados de extensão bidimensional. O observador neles "penetra" mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam. Sempre identificáveis pelo lado interno, são também usados para referência externa quando visíveis de fora.



Figura 19 – Pontos Nodais
Fonte: Lynch, 2004

Pontos nodais – São pontos, lugares estratégicos de uma cidade através dos quais o observador pode entrar, são os focos intensivos para os quais ou a partir dos quais ele se locomove. Podem ser basicamente junções, locais de interrupção do transporte, um cruzamento ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura a outra. De qualquer maneira, alguns pontos nodais podem ser encontrados em praticamente qualquer imagem, e em certos casos podem ser o traço dominante.



Figura 20 - Marcos
Fonte: Lynch, 2004

Marcos – É outro tipo de referência, o observador não entra neles: são externos. É um objeto simples: edifício, sinal, loja ou montanha. São geralmente usados como indicadores de identidade.

2.2 ANÁLISE URBANA E ARQUITETÔNICA

Quando a industrialização se tornou real no Brasil, surgiu a necessidade da habitação operária. Este empreendimento urbano, em sua maioria, ocorria afastado dos centros existentes e próximos à área fabril com todo ou quase todos os equipamentos urbanos.

Como vimos no capítulo sobre cidades empresariais, estes empreendimentos ocasionaram transformações, de maneira geral, nas cidades ou em local próximo a elas. A mão de obra rural viria a ser significativamente substituída pela mão de obra fabril, alterando inclusive as leis trabalhistas e substituindo velhos hábitos de trabalho e de moradia. Estes novos conceitos viriam a atrair os diversos “projetistas”, profissionais de diversas áreas, nos séculos XIX e XX, onde a moradia e outros equipamentos urbanos como saúde, lazer e educação seriam as bases para a fixação desses funcionários.

No bairro, pode-se observar através do traçado urbano que o conjunto de vias, quarteirões, casas forma grupos hierárquicos a partir de tipologias conforme solicitação da empresa. As casas com suas denominações de tipos, A, B, C e D



estão dispostas, em sequência, favorecidas pela localização à praia. Além desses tipos de casas aparece também o edifício para solteiros, em prédio de três pavimentos. As casas sempre em lotes com dimensões variadas, enquadrando-se a essa hierarquia. O sistema construtivo adotado foi o mesmo para todos os tipos de moradias, em alvenaria e lajes com cobertura em telhas cerâmicas, com vias pavimentadas, e paisagismo bem elaborado (CEDOC FIBRIA, 1975).

Segundo Piquet (2008), o local da implantação do bairro foi selecionado após critérios físicos espaciais servirem de base de investigação, sendo escolhido um grande platô próximo à praia, com boa ventilação e boa condição para captação de água potável.

O bairro foi pensado para abrigar a grande demanda de pessoal que a fábrica de celulose exigiria devido à ínfima condição que o município de Aracruz oferecia para receber todo esse grande número de pessoas (CRUZ, 1997).



Figura 21 - Maquete com o traçado urbano e zoneamento
Fonte Cedoc – Fibria Celulose S.A



Figura 22 - Cópia com setorização
Fonte Cedoc – Fibria Celulose S.A

O bairro se ligava a sede do município de Aracruz por estrada municipal não asfaltada, com percurso de 24 km; até a fábrica eram 14 km, também sem asfalto.



Para se chegar a Vitória, capital do Estado, percorria-se uma distância de 52 km em estrada estadual, sem pavimentação até Nova Almeida e, daí em diante, asfaltada.

Esse projeto tem sua história proporcionada pelo conteúdo de cidades ideais, dos utópicos do século XIX, que procuraram resolver de forma racional a questão do trabalho e da moradia com serviços coletivos que atendessem aos moradores, como escolas, creches, mercado com muito verde, ar e luz (CRUZ, 1997). Sua implantação caracterizada por afastamento e também proximidade de um grande centro, a capital Vitória, com equipamentos de uso comunitário e área de lazer, infraestrutura de água, sanitária e esgoto, assistência médica, transporte, educação e outros, proporcionados pela empresa, com o intuito de fixar e cobrir possíveis carências sociais (CRUZ, 1997). Segundo Piquet (1998), “A importância de uma infraestrutura de serviços adequada é maior para os funcionários qualificados, assumindo até um caráter de ‘compensação’”. Ou ainda sobre o modelo clássico de *Company Towns*, a empresa é responsável pela prestação de todos os serviços básicos (PIQUET, 1998).

Guerra (2008) conceitua modelos de tecidos urbanos e um deles, talvez, aproxime-se ao de Coqueiral de Aracruz, que é o de Vila isolada.

Inserida em um espaço geográfico definido e irá diferenciar-se não só como um novo elemento na paisagem, ao se materializar em um curto espaço de tempo, por meio de processo induzido de urbanização, mas como núcleo urbano autônomo com uma população definida (GUERRA, 2008).

A implantação destas cidades é apresentada com falhas em sua concepção e em seu planejamento na observação de arquitetos e urbanistas, devido a impactos ocasionados que geram atritos de relações com as administrações municipais (PIQUET, 1998).

Piquet não descreve quais falhas poderiam se apresentar buscou-se, através de Guerra (2008), justificar as falhas relacionadas por Piquet, que poderiam ser como um resultado de segregação dos espaços, da convivência social e da falta de história desses tipos de cidades.



2.2.1 Setorização e uso do solo

Segundo Panerai (2006), dentre as múltiplas definições de tecido urbano, o mesmo é constituído pela superposição de três conjuntos, que são: a rede de vias, os parcelamentos fundiários e as edificações.



Figura 23 - Bairro coqueiral atualmente
Fonte: Google Earth, data da imagem 24/06/2009

No bairro, pode-se observar através do traçado urbano que o conjunto de vias, quarteirões, casas e tipologias forma grupos hierárquicos a princípio como solicitação da empresa. Pelo desenho observa-se que as vias eram destinadas aos veículos e pedestres, caracterizadas por aspecto estético e de funcionalidade. As vias destinadas aos veículos ficavam determinadas pelos binários de distribuição e penetração. O objetivo parecia buscar pouca velocidade por parte dos veículos e a solução de sinuosidade das vias e sistema de “*cul de sacs*” favorecendo o pedestre / morador (Mapa 4).

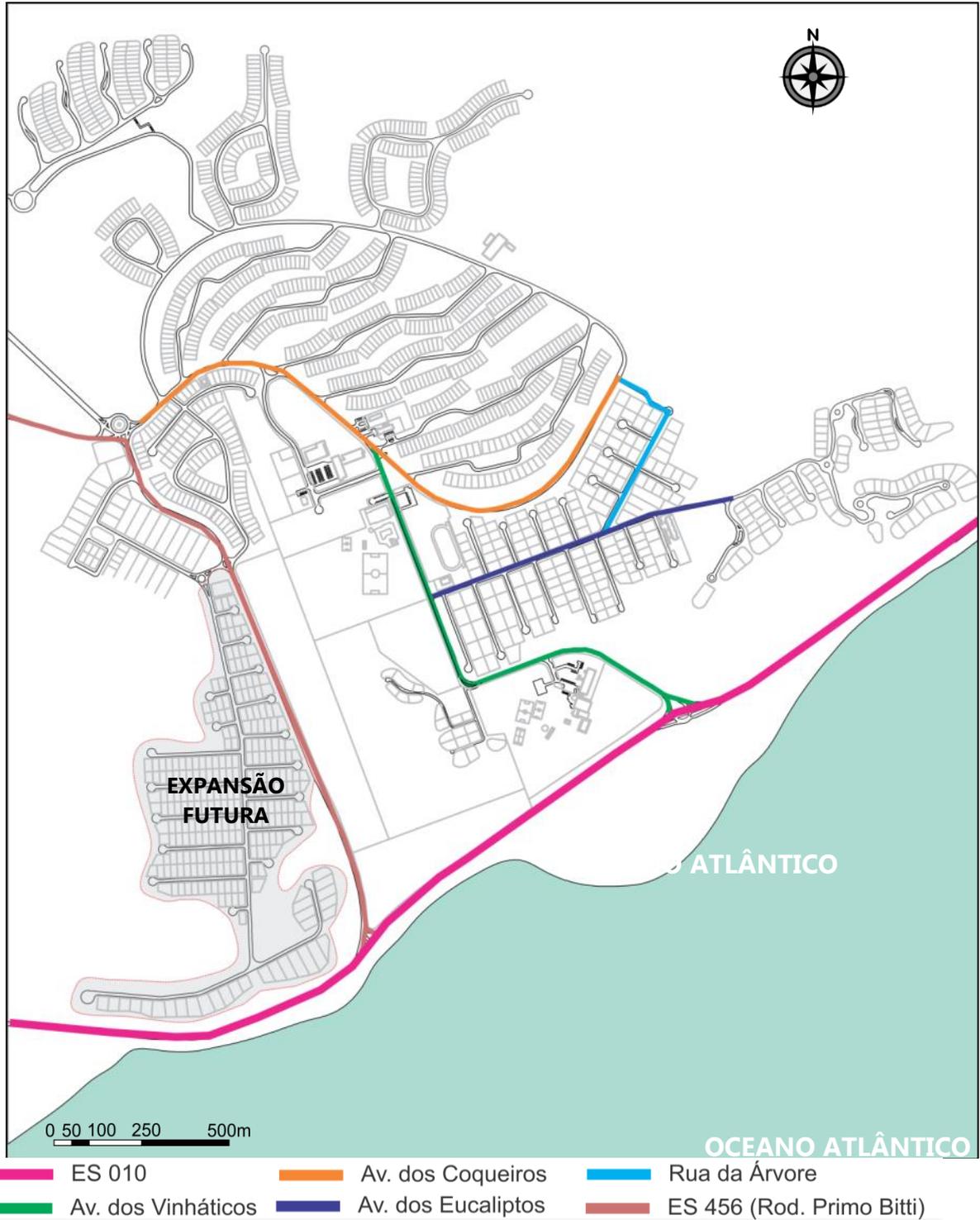


O projeto parece ter como intenção fazer com que o pedestre percorra os caminhos de forma mais agradável ao corpo e à mente. O sistema de pedestre é que traz o projeto à escala humana (GONÇALVES & OESTREICH, 1985, *apud* GUERRA, 2008).

O acesso ao bairro se dá por duas vias litorâneas, sendo a rodovia municipal ES 456 (Rod. Primo Bitti) e a outra Avenida dos Vinháticos. A rodovia municipal ES 456 é usada como saída do bairro ou acesso diretamente ao loteamento denominado de terceiros e também como continuidade à cidade de Aracruz, sede do município. A Avenida dos Vinháticos não acessa a área das moradias e termina no núcleo comercial, tendo bifurcação com a Avenida dos Coqueiros que se prolonga até o encontro com a rodovia ES 456, na saída do bairro de Coqueiral. O acesso ao núcleo residencial é feito pela Avenida dos Eucaliptos com ramificação da Avenida dos Vinháticos, que se encontra com a Rua da Árvore que está ligada à Avenida dos Coqueiros que interliga os outros núcleos de moradias (Mapa 5).



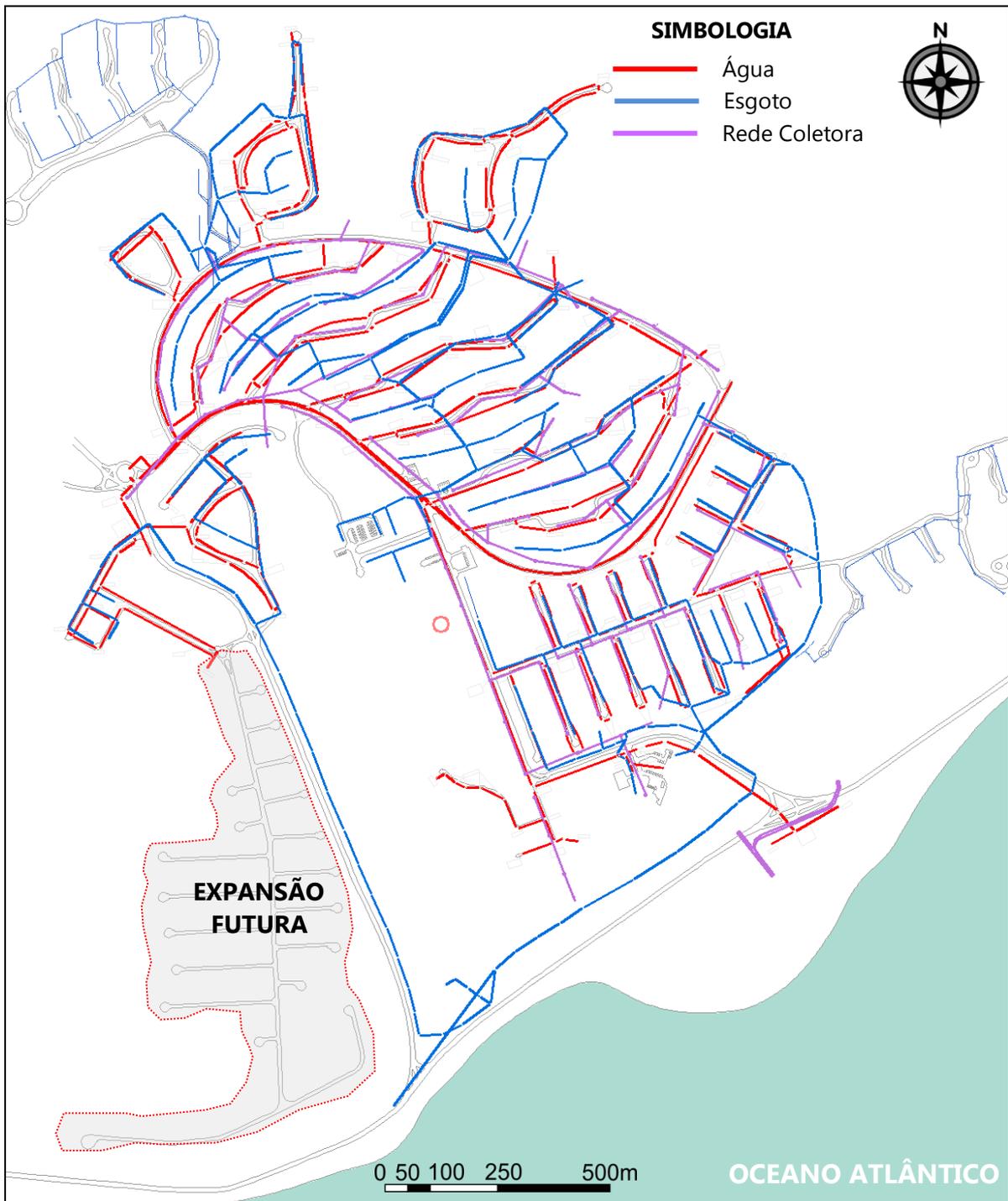
Mapa 4 - Mapa ilustrativo das vias
Fonte: Adaptado de Cedoc Fibria celulose S/A



Mapa 5 - Esquema viário do Bairro Coqueiral de Aracruz
Fonte: Adaptado de Cedoc Fibria celulose S/A



O sistema de captação e tratamento de água, tornando-a potável: captação e tratamento de esgoto com recursos próprios. Constituiu no primeiro sistema de saneamento básico completo servindo um núcleo urbano do Estado do Espírito Santo, com capacidade para atender a uma demanda sete vezes superior à atual. (URBE - parte 1).



Mapa 6 - Mapa ilustrativo do Sistema de captação e tratamento de água
Fonte: Adaptado de Cedoc Fibria celulose S/A



As casas com suas denominações de tipos, A, B, C e D estão dispostas, em sequência, favorecidas pela localização à praia. Além das casas havia espaço especial destinado à acomodação dos operários solteiros em edifício no bairro, e em alojamento denominado de Torre da Praia, antiga construção erguida pelos jesuítas, localizada próxima ao bairro.

As casas sempre em lotes com dimensões variadas por tipo, enquadrando-se a hierarquia, com programas de necessidades bastante parecidos, variando na área construída por tipo de casa. Num total inicial de 832 casas, sendo 77,5% distribuídas para a diretoria da Aracruz Celulose, 18,4% para a diretoria da Aracruz Florestal e 4,1% para a Santa Cruz Urbanizadora (CEDOC FIBRIA).

Nos maiores lotes localizavam-se as maiores e melhores casas. Casas tipo A (A1, A2 e A3), com áreas variáveis de 183,73m² a 214,25m² em lotes de 720,00m² a 1419,97m², que abrigavam os diretores, gerentes e engenheiros. As casas tipo B (B1, B2 e B3) com áreas de 105,78m² a 140,00m² em lotes de 450,00m² a 605,00m², para engenheiros e coordenadores.



Figura 24 – Casas tipo A

Fonte – Cedoc Fibria celulose S/A



Figura 25- Casas tipo B

Fonte – Cedoc Fibria celulose S/A

As casas do tipo C (C1 e C2), em sua maioria localizada na área central e também nas extremidades do bairro, com área construída variando de 70,81m² a 85,24m², implantada em lotes com área de 300,00m² a 317,00 m², para as funções de supervisão e operação (chão de fábrica). As casas do tipo D, sem variações, em sua grande maioria localizada nas extremidades do bairro, com área construída de 45,00m² implantadas em lotes com área de 300,00m² a 317,00 m², para as funções operacionais (chão de fábrica).



Figura 26 - Casas tipo C

Fonte: Cedoc Fibria



Figura 27 - Casas tipo D

Fonte: Cedoc Fibria

A administração estava em prédio de dois pavimentos, sendo a gestora a SANTUR, Santa Cruz Urbanizadora S/A (locada no 1º pavimento, com mais três salas comerciais). Esta rede estava localizada a oeste, próximo ao centro residencial, educacional, religioso e médico, servido por via principal de acesso ao bairro, pavimentada em todo seu percurso e paisagismo, à direita proporcionado pelas casas e à esquerda pela mata natural densa e por equipamentos comunitários como o centro comunitário e a praça central. Neste centro administrativo havia também uma parte comercial, constituída no térreo por 22 lojas, onde se encontravam instalados os mais variados tipos de comércio e serviços: supermercado, padaria, açougue, farmácia, lanchonete-restaurante, sapataria, estofador, jornais e revistas, armarinho, equipamentos de pesca, roupas e brinquedos, bomboniere, correios e telégrafos, agência de viagens e turismo, banco, pastelaria, clínicas odontológicas, postos de atendimento das concessionárias de luz e telefone.



Figura 28 - Primeira Setorização do Bairro
Fonte: Cedoc Fibria

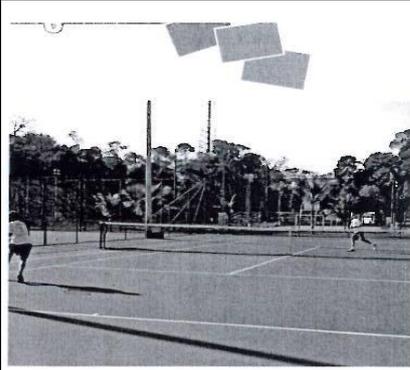


Com uma área de construção de 2.811,00m², em estrutura convencional de concreto armado, em alvenaria e lajes com cobertura em telhas cerâmicas (CEDOC FIBRIA, 1983). A outra parte comercial estava localizada no loteamento denominado pela empresa de “terceiros”, com áreas maiores para uso de comércio de maior porte, como lojas de material de construção, supermercados, oficinas, posto de abastecimento, horto mercado e também por áreas menores para lojas, lanchonetes, bares e outros serviços de menor porte. Nesta área ficava também a delegacia de polícia, a central telefônica da concessionária prestadora do serviço. Existia também um pequeno número de lotes residenciais vendidos aos prestadores de serviço que mostraram interesse em morar ou locar seus funcionários, no bairro para proporcionar imediata assistência à empresa.

O prédio da manutenção localizava-se ao sul, servido pelo prolongamento da via principal em continuidade ao comercial e administrativo, mantendo as mesmas características paisagísticas e de pavimentação. A manutenção administrava todos os serviços necessários à segurança e ao conforto dos moradores e serviços vitais ao bairro, tais como: a ETA, ETE, energia, telefonia, gás, pavimentação, paisagismo, lixo e segurança.

O lazer estaria presente em unidades “soltas” pelo bairro, a exemplo o Centro Comunitário de Coqueiral (CCC), que abrigava atividades relacionadas a um clube com os esportes mais corriqueiros, como futebol de campo e de salão, em quadras cobertas e descobertas, piscinas para adultos e crianças, quadra de bocha, quiosques para churrasco. Na quadra coberta aconteciam os shows contratados pela empresa e também as festividades internas da empresa, festa de natal, festa do dia das crianças e outras. O custo mensal era baixíssimo para o empregado. Outro local de lazer, o Clube da Orla, também bastante equipado, localizava-se na parte frontal do bairro diretamente à praia de Coqueiral privilegiado por vista maravilhosa. Nele o funcionário era sócio e arcava com contribuição financeira superior ao do centro comunitário. Os sócios eram os empregados da empresa. O clube da orla possuía também sede náutica, localizada em Santa Cruz, próxima à praia do hotel e ao rio Piraqueaçu.

A seguir, página comemorativa aos 30 anos do bairro, onde aparece uma descrição sobre o clube da orla.



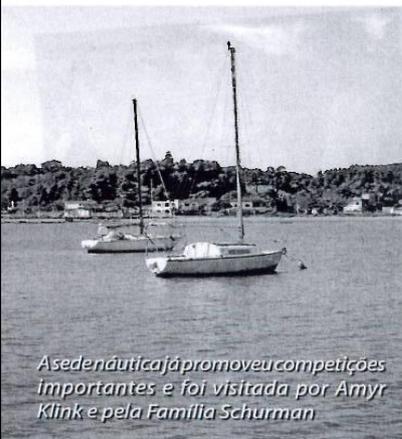
Tênis: de 12 para mais de 70 alunos



Paulino: "interesse pelo tênis cresceu"



Galeria de troféus do clube



A sedenáutica já promoveu competições importantes e foi visitada por Amyr Klink e pela Família Schurman

Incentivo ao esporte

O incentivo à prática de esportes sempre fez parte das prioridades do Clube da Orla. Desde o seu surgimento, competições e torneios são realizados com frequência, com destaque para modalidades como vôlei, natação, ginástica, futebol, danças e diversas outras que estimulam jovens e adultos do bairro a praticarem atividades esportivas.

O Clube da Orla é conhecido como uma referência em centro de esportes. Segundo José Augusto Paulino da Silva, professor de tênis do clube há dois anos, durante o pouco tempo de atuação ele já observou um enorme crescimento e interesse. "Quando comecei a trabalhar no clube, apenas 12 alunos praticavam tênis. Com o aumento do incentivo à prática do esporte, atualmente existem 75 alunos divididos nas categorias masculino, feminino e juvenil", conta.

São realizados todo ano, cerca de três a quatro torneios estaduais, sendo o Clube da Orla muito bem representado. Só neste ano, de março a junho, o clube conquistou 15 troféus estaduais. Além disso, também são realizados com frequência, torneios internos para estimular os alunos a darem continuidade à prática do esporte.

Este ano o clube garantiu mais algumas conquistas. Com a construção da 3ª quadra de tênis, oferecendo mais alternativas para os amantes do esporte, tornou-se o único do Espírito Santo a possuir três quadras rápidas.

Esportes náuticos

Com uma paisagem privilegiada, a Sede Náutica foi criada em 1984 com o objetivo de ser um centro de apoio aos esportes marítimos, oferecendo mais uma alternativa e estímulo aos praticantes. Com o passar dos anos, o local foi se deteriorando, mas em 2004 um grupo de moradores e apreciadores do esporte marítimo resolveu, voluntariamente, resgatar a infra-estrutura do local e, assim, a Sede Náutica começou a renascer.

Sinalização do canal, restauração de banheiros e vestiários, compra de botes e construção de garagens para os barcos foram algumas das modificações que viabilizaram o crescimento do local, incentivando o lazer e a prática de esportes marítimos.

Com a melhoria da Sede Náutica, visitantes estrangeiros e importantes navegadores, entre eles Amyr Klink e a Família Schurmann, já passaram pelo local e deram o seu apoio. Segundo o diretor da Sede Náutica, Alam Cusma, o objetivo principal da restauração da sede foi estimular as pessoas a usufruírem os benefícios que a região disponibiliza. "Além do que já foi feito, temos como meta desenvolver um projeto com crianças de baixa renda para ensiná-las a velejar e a conhecer o esporte", afirma Alam.



Figura 29 – Atividades do clube da orla
Fonte: Cedoc – Fibria Celulose S/A



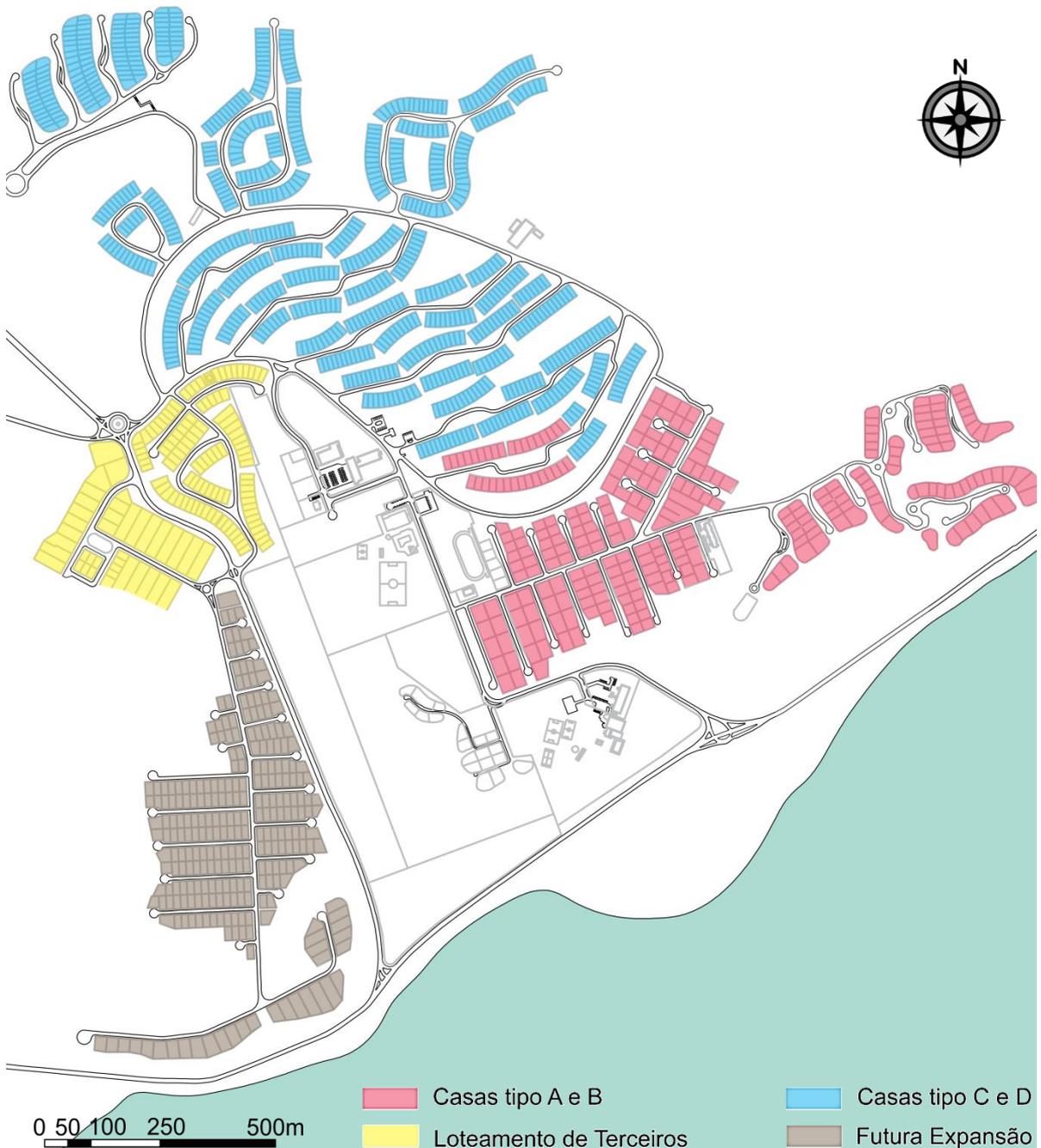
A área educacional era servida, por uma escola de ensino fundamental, pertencente ao Estado, atende alunos na faixa escolar (1ª a 8ª série), ensino integrado e supletivo, em três turnos diários, com 597 alunos, com área construída de 1.776,00m². Havia, ainda, a Escola Ativa do Coqueiral, particular com cursos desde o maternal até o ensino médio profissionalizante, com um curso técnico de mecânica, para suprir necessidade da fábrica na área de manutenção mecânica. A capacidade da escola, em 1974, era de 588 alunos, funcionando em três turnos diários. Construída em uma área de 1.596,00m². As duas escolas tinham a manutenção favorecida pela SANTUR, ambas construídas em madeira-de-lei tipo campolar, com cobertura em telhas onduladas de fibrocimento (CEDOC FIBRIA, 1983).

O posto de saúde encontrava-se em prédio localizado próximo ao setor administrativo, comercial, educacional e residencial. Em área bem central do bairro, este setor com ambulatórios de clínica médica, pediátrica, ginecológica e obstetra, funcionava com plantões noturnos e de final de semana, com atendimento durante 24 horas. Construção de alvenaria, em concreto armado, com cobertura de fibrocimento com área total de 353,45 m². Neste mesmo prédio funcionava, também, a clínica odontológica, de atendimento aos funcionários. Havia ainda três clínicas odontológicas particulares (CEDOC FIBRIA, 1983).



2.2.2 As tipologias residenciais

Conforme documento da Santa Cruz Urbanizadora de 1983, disponibilizado pelo CEDOC da Fibria Celulose S/A, foram construídas em 1976, 832 residências, distribuídas em tamanho e padrões diferentes para atender aos níveis hierárquicos como se segue. Não existia uma implantação padrão. Por isso a não demarcação dos lotes nas plantas baixas.



Mapa 7 - Setorização do Bairro
Fonte: Adaptado de Cedoc Fibria



Casa A1 – com total de 19 casas, sendo 03 casas com área construída de 183,73m² e 16 casas com área construída de 214,25m², para atender aos gerentes em um único pavimento com 03 dormitórios, closet, sala de estar e jantar, 02 banheiros sociais, lavabo, cozinha, área de serviço coberta e descoberta, despensa, quarto e banheiro de serviço, depósito, varanda e garagem (Figura 30, Figura 31). O que diferenciava as casas é que algumas foram projetadas com closet e lavabo e outras não.

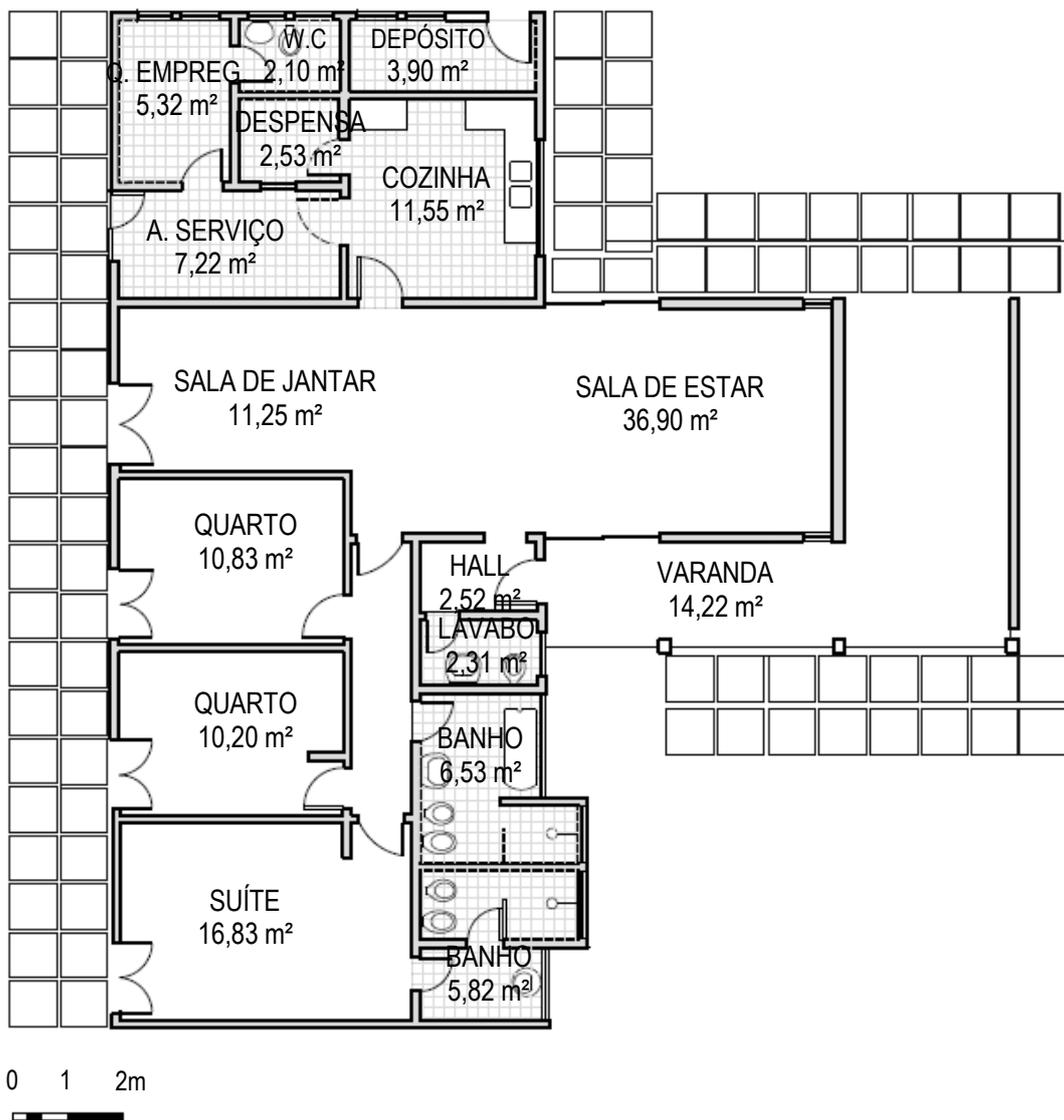


Figura 30 - Planta casa tipo A1

Fonte: Cedoc Fibria



Figura 31 - Casas tipo A1 e A2 – Época da construção
Fonte: Cedoc Fibria

Casa A2 – com total de 26 casas, sendo 02 casas com área construída de 217,07m² e 24 casas com área construída de 206,39m², para atender aos diretores e gerentes, em um único pavimento com 04 dormitórios, closet, sala de estar e jantar, 02 banheiros sociais, lavabo, cozinha, área de serviço coberta e descoberta, despensa, quarto e banheiro de serviço, depósito, varanda e garagem (Figura 32).

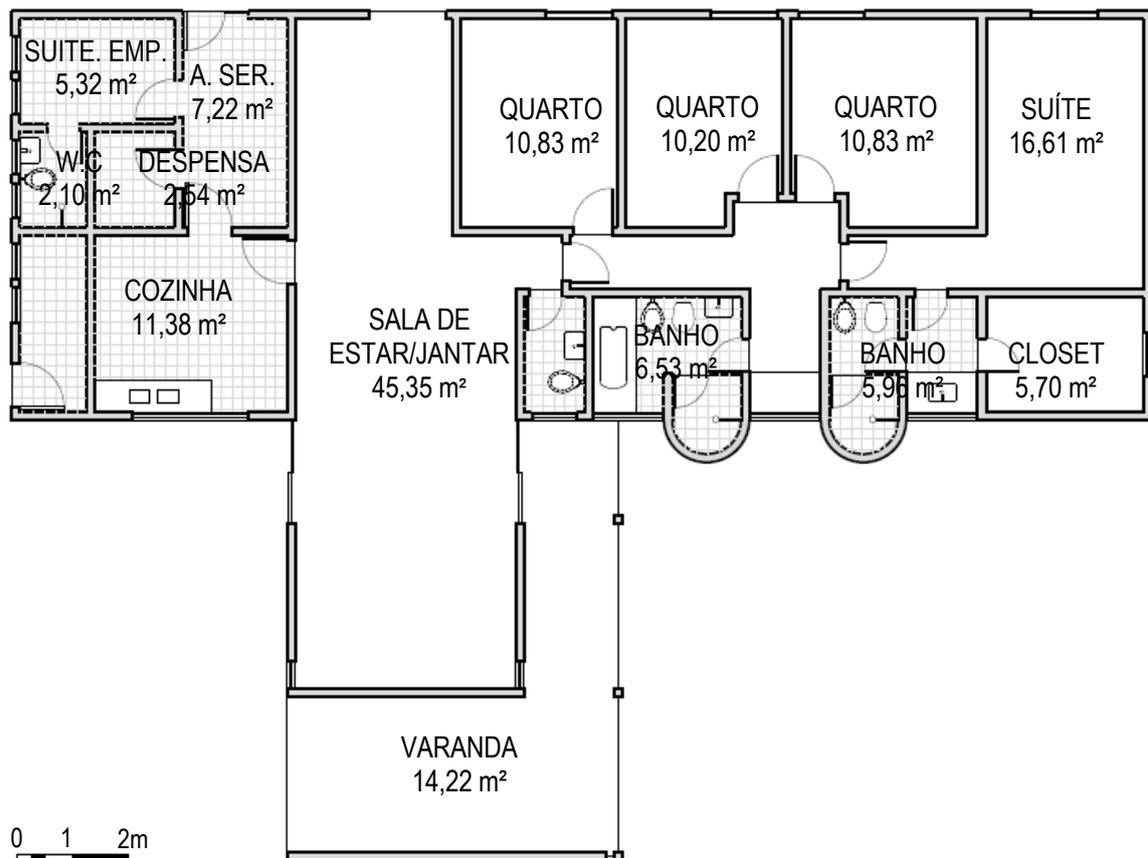


Figura 32 - Planta casa tipo A2
Fonte: Cedoc Fibria



Apartamento Tipo A3 – inicialmente previstos 15 unidades com área construída de 184,92m², para atender aos coordenadores e engenheiros, em 03 pavimentos com 02 dormitórios, sala de estar e jantar, banheiro social, cozinha, despensa, área de serviço, quarto e banheiro de serviço, varanda e garagem coletiva (Figura 33).



Figura 33 – Apartamento tipo A3
Fonte: Cedoc Fibria

Casa B1 – com total de 30 casas, com área construída de 136,19m², para atender aos coordenadores e engenheiros, em um único pavimento com 02 dormitórios, sala de estar e jantar, 02 banheiros, cozinha, área de serviço coberta e descoberta, despensa, quarto e banheiro de serviço, varanda e garagem (Figura 34, Figura 35).



Figura 34 - Casas tipo B1
Fonte: Cedoc Fibria

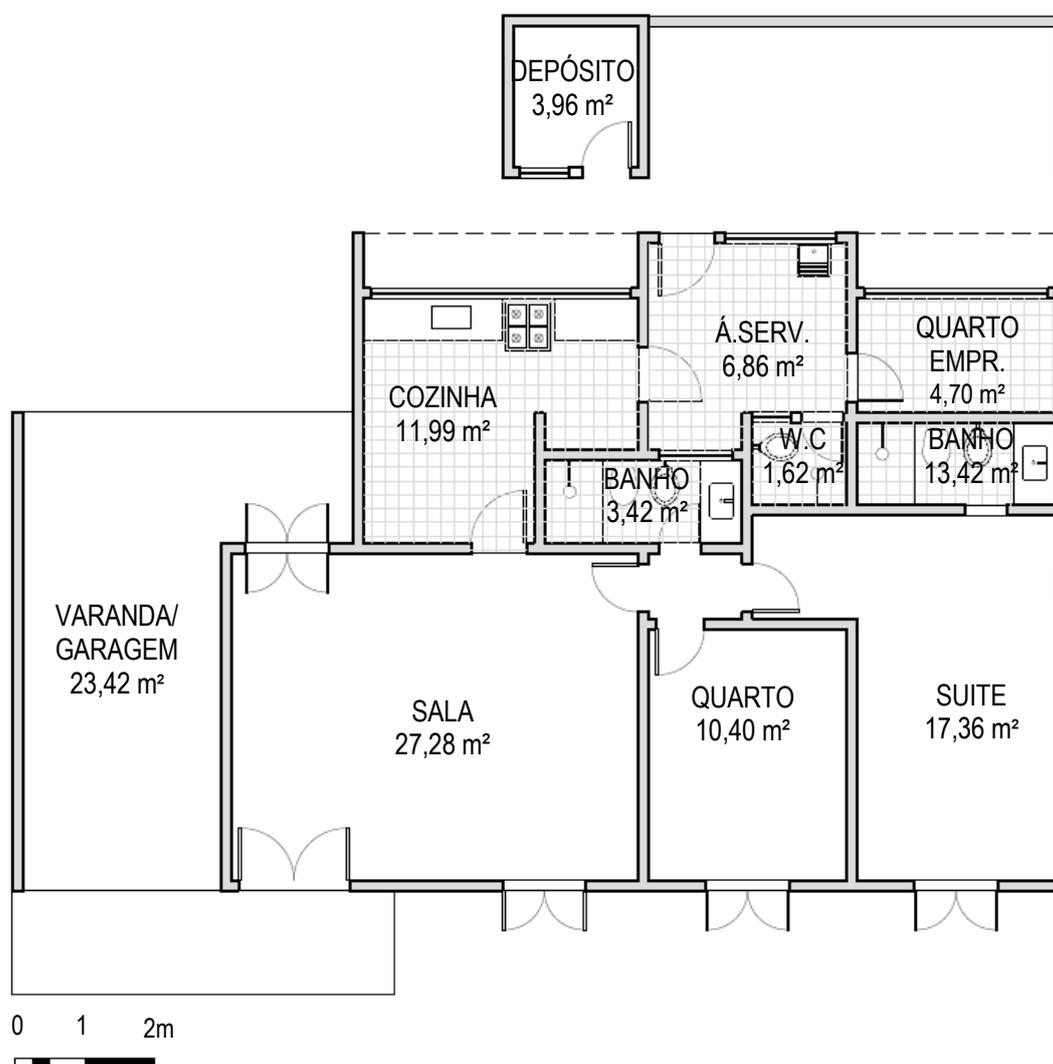


Figura 35 – Planta casa B1

Fonte: Cedoc Fibria

Casa B2 – com total de 77 casas, sendo 10 casas com área construída de 192,10m² e 10 casas com área construída de 192,10m², para atender aos coordenadores e gerentes, em um único pavimento com 03 dormitórios, sala de estar e jantar, 02 banheiros sociais, cozinha, área de serviço coberta e descoberta, quarto e banheiro de serviço, depósito, varanda e garagem. (Figura 36, Figura 37) O que diferenciava as casas é que algumas foram projetadas com closet e lavabo e as outras não.

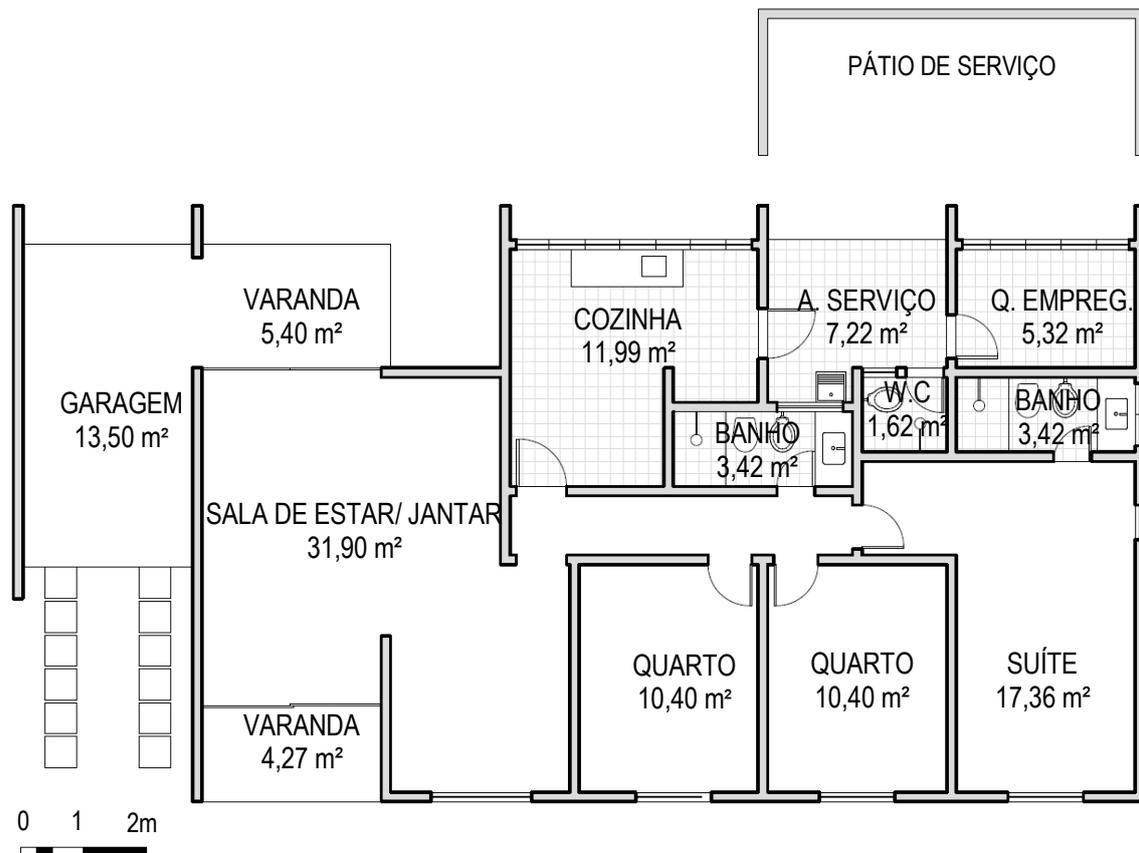


Figura 36 - Planta casa B2
Fonte: Cedoc Fibria



Figura 37 – Casa B2
Fonte: Cedoc Fibria

Casa B3 – com total de 33 casas, sendo 10 casas com área construída de 98,78m², para atender aos supervisores e técnicos, em um único pavimento com 03 dormitórios, sala de estar, banheiro social, cozinha, área de serviço coberta e descoberta, quarto e banheiro de serviço, varanda (Figura 38, Figura 39).



0 1 2m

Figura 38 - Planta casa tipo B3

Fonte: Cedoc Fibria



Figura 39 - Casa tipo B3

Fonte: Cedoc Fibria

De localização privilegiada, as casas tipo A e B, encontravam-se mais próximas ao mar. Sistema construtivo convencional com vedações em alvenaria, coberturas em telha cerâmica e na maioria estrutura mista de poucos pilares e alvenarias autoportante. Existia, na época, a concepção dos moradores e dos operários de que estas casas, tipo A e B, constituiriam o que foi por eles denominado de “área de ouro”, em função de sua localização privilegiada.



Casa C1 – com total de 208 casas, com área construída de 70,81m², para atender ao operacional considerado chão de fábrica, em um único pavimento com varanda, 02 dormitórios, sala de estar e jantar, banheiro social, cozinha, área de serviço coberta e descoberta, quarto e banheiro de serviço e varanda (Figura 40, Figura 41).

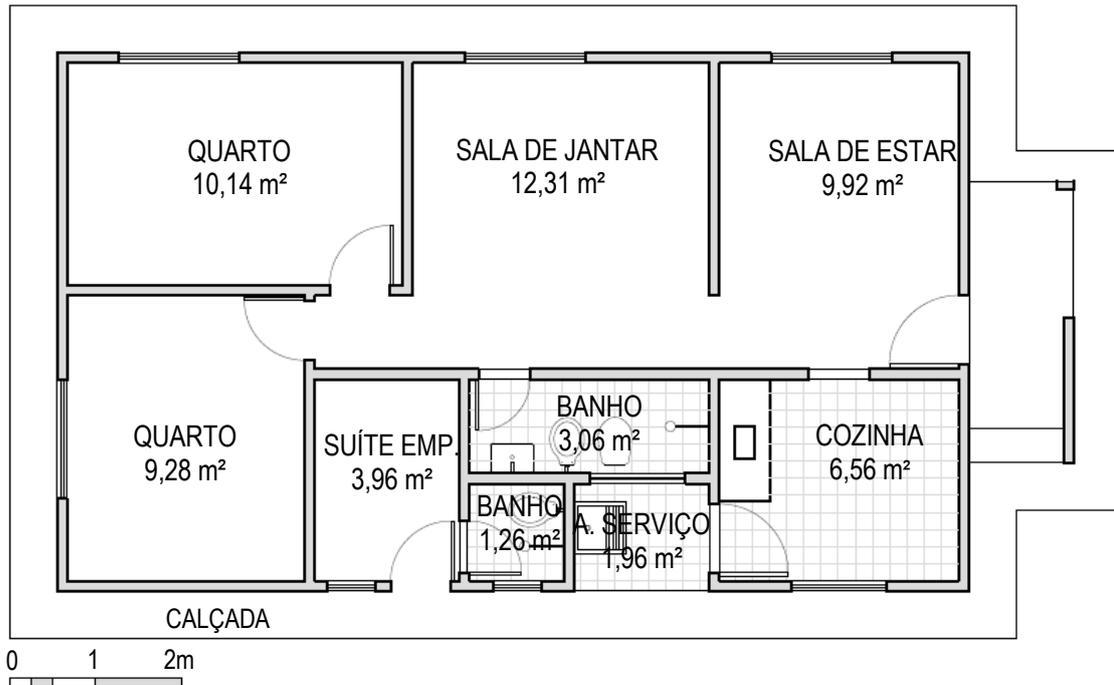


Figura 40 - Planta casa tipo C1
Fonte: Cedoc Fibria



Figura 41 - Casa tipo C1 e C2
Fonte: Cedoc Fibria

Casa C2 – com total de 313 casas, com área construída de 85,23m², para atender ao operacional considerado “chão de fábrica”, em um único pavimento com: varanda, 03 dormitórios, sala de estar e jantar, banheiro social, cozinha, área de



serviço coberta e descoberta, quarto e banheiro de serviço e varanda (Figura 42, Figura 43).



Figura 42 – Planta casa tipo C2
Fonte: Cedoc Fibria



Figura 43 - Casas tipo C2
Fonte: Cedoc Fibria



Casa D – com total de 111 casas, com área construída de 45,00m², para atender ao operacional considerado “chão de fábrica”, em um único pavimento com varanda, 03 dormitórios, sala de estar, banheiro social, cozinha, área de serviço externa (Figura 44, Figura 45).



Figura 44- Planta casa tipo D

Fonte: Cedoc Fibria



Figura 45 - Casa tipo D

Fonte: Cedoc Fibria



2.2.3 Redes de Vias, Macroparcelamento e Microparcelas

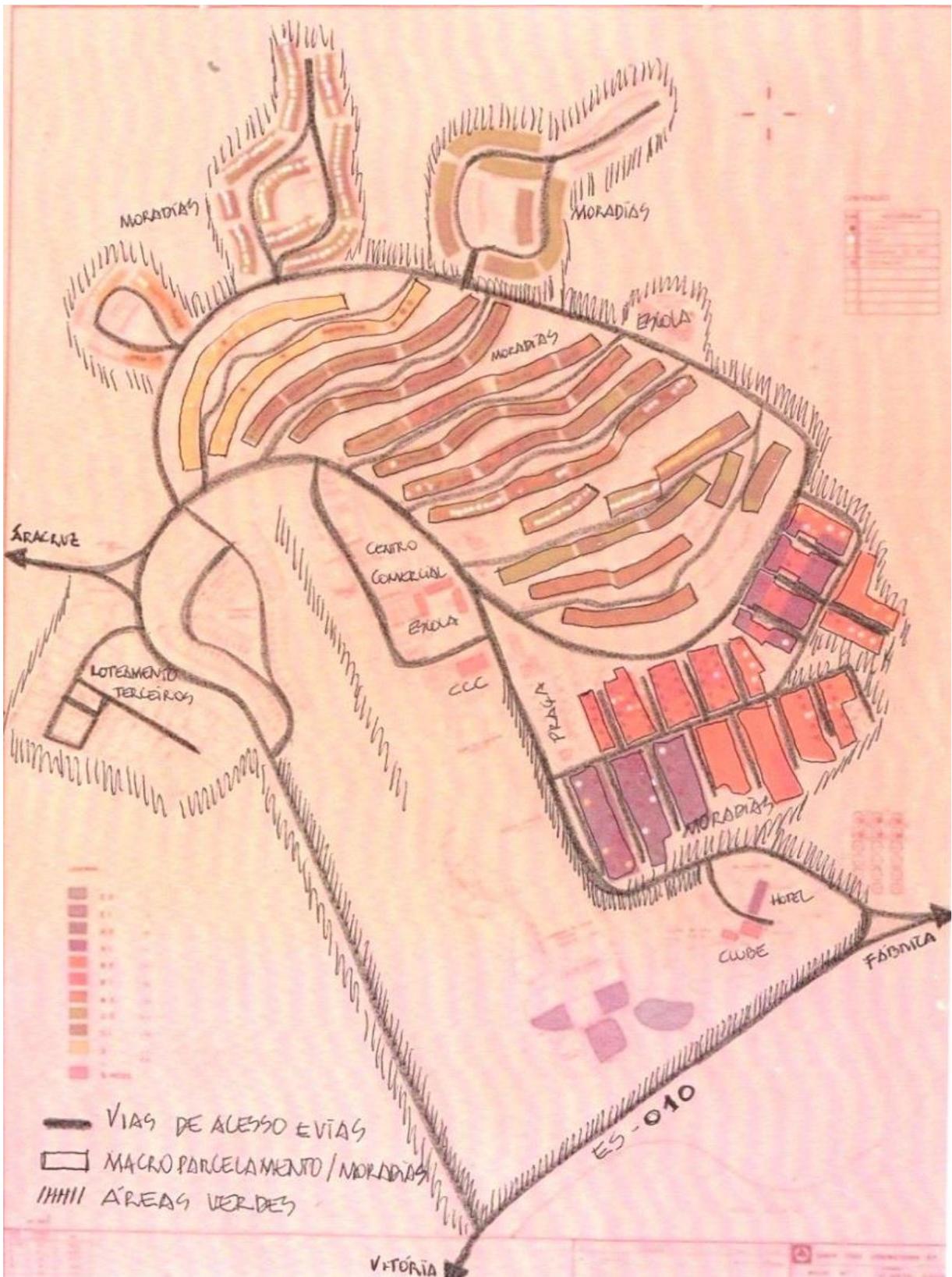


Figura 46 - Croqui Bairro Coqueiral de Aracruz – Macroparcelamento
 Fonte: Cedoc Fibria com interferências do autor



As descrições que decorrem no texto abaixo estão referenciadas pela Figura 46 acima. Na organização das redes e vias do bairro Coqueiral, a rede propostas pelo urbanista caracteriza um eixo rodoviário, sendo o principal distribuidor do bairro, derivando os eixos setoriais para cada área e as vias locais, ora de uso exclusivo de cada quadra e ora de ligação, segundo descrição no plano habitacional da Aracruz Celulose S/A de dezembro 1974. Esta organização em rede de vias interliga todo o bairro dando estrutura aos setores, com vias de pedestres através das quadras e demais setores.

As microparcelas foram ocasionadas devido ao programa de necessidades estabelecido pela ARCEL, seguindo uma hierarquia funcional que ocasionou o traçado em lotes de tamanhos variáveis adequados à solução urbana adotada pelo arquiteto no sistema de “Unidade de Vizinhança” conforme citado anteriormente e que será estudado no capítulo a seguir sobre o projeto urbanístico original de coqueiral de Aracruz.

Em uma análise visual, embasada, nos conceitos de Lynch defendido por Panerai, onde ele cita que: “a percepção da cidade por seus habitantes, a obra de Lynch fornece a melhor ferramenta para uma análise global. A melhor porque é a mais simples” (PANERAI, 2006). Destacam-se os percursos, os pontos nodais, os limites, o marco. A seguir, seguem-se análises sucintas sobre aspectos relacionados ao bairro.

a) Percurso – Lynch considera que são estes os elementos, para as pessoas, que predominam em sua imagem. [...] Dele fazem parte os espaços mais organizados e os mais banais, qualquer porção de rua ou um itinerário importante [...] (PANERAI, 2006). Os percursos, em Coqueiral de Aracruz, apresentam em todas as vias constituídas por áreas verdes complementando a paisagem natural. Característica vista em todos os ambientes definida por esse equilíbrio de cheios e vazios mantendo essa visão “comum” de boa qualidade ao transeunte. As vias de traçado não único, ora por *cul de sacs* e ora ruas sinuosas e até mesmo trechos retilíneos, favorecem ao transeunte surpresa de paisagens naturais ou de elementos construtivos, por exemplo, ao chegar à Praça da Amizade, onde se observa o Centro Cultural com seus planos de paredes multicoloridos misturados às imagens favorecidas pelos brinquedos e pelas quadras de esportes da própria praça ou até



mesmo o local do Centro Administrativo que centraliza uma pequena praça de estar favorecendo ao transeunte uma agradável visão arquitetônica, em uma de suas direções, a Escola Ativa.



Figura 47 - Rua Marginata
Fonte: MIRANDA, 2006



Figura 48- Praça da Amizade
Fonte: MIRANDA, 2006

b) Pontos Nodais ou núcleos, estrategicamente, fazem parte da paisagem urbana, são pontos de convergência ou encontro de vários percursos. (PANERAI, 2006). São elementos de abordagem visual difícil, segundo Panerai (2006), devido à análise das formas e das distribuições e de uma percepção da qual a vivência social nunca está ausente. Como exemplos podem-se citar os clubes, a praça da amizade, as escolas, o mercado, a igreja.



Figura 49 – Praça da Amizade
Fonte: Cedoc Fibria



Figura 50 – Praça da Amizade
Fonte: Cedoc Fibria



Figura 51 – Oficina
Fonte: Cedoc Fibria



Figura 52 - Praça da Amizade
Fonte: Cedoc Fibria

c) Os limites, conforme definição de Houaiss “extremidade de uma superfície, beira, parte que finaliza ou remata um objeto” (HOUAISS, 2013). O próprio desenho urbano do bairro em vista aérea se torna um limite que define perfeita e visualmente seu término, assim como o exemplo de áreas do bairro, das casas com os arruamentos.

d) O marcos ou marcos são também elementos ou marcadores que sinalizam a memória do transeunte ou morador. Normalmente são elementos físicos construídos. Novamente o próprio bairro pode ser citado como um marco, pois a relação figura x fundo expressa a clareza dos limites construído e não construído. A igreja católica, pois sua arquitetura é um pouco mais elaborada do que as demais. A paisagem urbana, como a linda vista proporcionada a quem se encontra no mirante do clube da orla, próximo ao litoral. A casa de hóspedes, cuja localização tem as mesmas características do clube, e se encontra inserida entre os eucaliptos e próxima à praia favorecendo ao hóspede magnífica e relaxante visão.

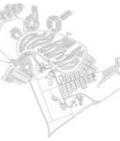


3 O PROJETO URBANÍSTICO ORIGINAL DE COQUEIRAL DE ARACRUZ

Em dezembro de 1974, foi elaborada pelo grupo Aracruz, um documento denominado “Plano Habitacional”. No sumário deste documento consta itens que dizem respeito às informações necessárias para o estudo inicial da definição da política habitacional da empresa. Observa-se também neste documento que não se poderia adotar qualquer solução para as moradias em curto prazo. São diretrizes que deveriam ser tomadas para que todos os empregados pudessem viver em residências compatíveis com a condição humana e as habitações tivessem a mesma condição de habitabilidade para todos os empregados. Os dois itens a seguir sugerem estar diretamente ligados ao resultado urbanístico determinado pelo projetista onde a aglomeração urbana será sempre aberta à moradia de pessoas não vinculadas à empresa e integradas à vida normal das comunidades urbanas dos municípios. E que o conceito de habitação, compreende também os serviços urbanos indispensáveis, em especial, os destinados a atender às necessidades de educação, cultura, saúde e lazer.

Com estas diretrizes o arquiteto Paulo Callado iniciou o estudo urbanístico do bairro Coqueiral de Aracruz, mas por motivos desconhecidos não deu sequência, assumindo, então, os trabalhos o arquiteto urbanista e professor Cândido Malta Campos Filho, conforme entrevista por telefone, concedida pelo próprio professor Campos filho, em outubro de 2012. A empresa “Planejamento, Programação e Projeto S/L Ltda – URBE”, administrada pelo arquiteto, localiza-se na cidade de São Paulo, na Avenida 09 de Julho, 5017, conjunto 21, e em documento (“Plano Habitacional”), sobre a questão da proteção aos mananciais que a ARCEL tinha demonstrado com o padrão urbanístico adotado para o bairro Coqueiral de Aracruz, afirma:

- Grande preocupação em manter e preservar o meio ambiente, cuja densidade habitacional adotada é extremamente baixa de 48 hab. / ha sendo isso excepcional para os padrões brasileiros, como também o índice de áreas verdes por habitantes que é de 55m² / hab., e que também deve ser inédito no Brasil.



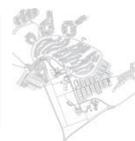
- Preservou parcelas de Mata Atlântica remanescentes de valores inestimáveis devido a sua raridade.
- Implantou o sistema de captação e tratamento de água tornando-a potável, captação e tratamento de esgoto com recursos próprios, sendo pioneiro no Espírito Santo servindo a um núcleo urbano.
- Através da manutenção das áreas verdes com recursos próprios, no plantio de árvores frutíferas e ornamentais, de forma a garantir um grande jardim entremeado por edificações de poucos pavimentos em sua maioria casas térreas.

O urbanista, Cândido Malta, afirma que “sem falsa modéstia, tal empreendimento é urbanisticamente exemplar no Brasil e no exterior, seguindo os mais elevados padrões internacionais”.

Foi com essas diretrizes e orientações que se desenvolveu o núcleo básico do bairro e também o traçado das áreas de expansão denominadas de U4 e C21, com densidades de 16 hab / ha e 57 hab / ha e índices de áreas verdes per capita de 360m² / hab e 83m² / hab, respectivamente. Houve imediata concordância da Prefeitura Municipal de Aracruz aos projetos apresentados, porém um breve questionamento veio do IJNS - Instituto Jones Santos Neves com relação ao distanciamento entre a área urbanizada e os mananciais previsto na lei estadual nº 3384 que cuida da preservação da qualidade da água para fins de abastecimento do núcleo urbano e que logo foi esclarecido. O distanciamento não tornaria insuportável as condições sanitárias, favorecendo a aprovação do projeto.

Na segunda parte do mesmo documento, cujo título é “A questão das doações de áreas institucionais para uso de equipamentos comunitários”, o urbanista discorre sobre o projeto mencionando que, após receberem a incumbência de ser planejado o núcleo urbano básico de apoio para as moradias de funcionários da ARCEL, que seria o Bairro Coqueiral, foi adotado pela equipe da URBE o princípio urbanístico que “deveria ser o mesmo conceituado a partir da ideia de ‘Unidade de Vizinhaça’” (URBE, 1974, parte 2).

Neste conceito, segundo Malta, o núcleo urbano deve ser independente aos serviços comunitários e de comércio de nível local, dando comodidade e economia de tempo



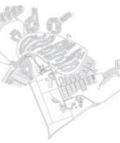
aos moradores. Com isso, o urbanista optou por centralizar o comércio local e os equipamentos comunitários que atendessem a todo o núcleo (Figura 53).



Figura 53 – Centro comercial e equipamentos comunitários
Fonte: Adaptado de Google Earth, data da imagem 24/06/2009

Para descrever o tipo urbanístico de Unidade de Vizinhança torna-se necessário uma explicação ao conceito de Cidade-Jardim, cujo idealizador foi Ebenezer Howard. A cidade jardim tem como proposta resolver o as cidades e o isolamento da vida rural, em combinação de melhor qualidade das cidades e do campo com novas comunidades autônomas. Segundo Howard (2004), mediante a transferência de bairros inteiros para o campo, em um exemplo de movimento dedicado ao centros metropolitanos e ao planejamento de ambientes urbanos aprazíveis, cujas características e objetivos gerais seriam os seguintes:

- A implantação de cidades-jardim de tamanho predeterminado seria a solução para o problema social do congestionamento urbano (GUIMARÃES, 2004).



- A preocupação com o controle do contingente populacional e da densidade tem o contraponto no descontrole do crescimento das cidades no século XIX (GUIMARÃES, 2004).
- As cidades seriam separadas umas das outras, por cinturões verdes invioláveis, destinados à agricultura, recreação e outras atividades especializadas (GUIMARÃES, 2004).
- Cada cidade seria equipada para a plena atividade econômica, social e vida cultural diária de seus habitantes, apresentando um alto sentido de desenvolvimentos comunitário (GUIMARÃES, 2004).
- Haveria síntese entre cidade e campo (GUIMARÃES, 2004).
- As “Cidade-Jardim” seriam todas integradas por rodovias e ferrovias (GUIMARÃES, 2004).
- Um sistema radial de vias circulares se estabeleceria. A cidade seria envolvida pela ferrovia que serviria à indústria localizada na periferia. O tráfego pesado seria mantido externamente. Uma escala de acessibilidade para o pedestre far-se-ia introduzir (GUIMARÃES, 2004).
- Trinta e duas mil pessoas formariam a “cidade-jardim”. As áreas residenciais conteriam aproximadamente vinte unidades habitacionais por acre (GUIMARÃES, 2004).

A cidade deveria ser construída de uma só vez [...]. (HOWARD, *apud*, GUIMARÃES, 2004).

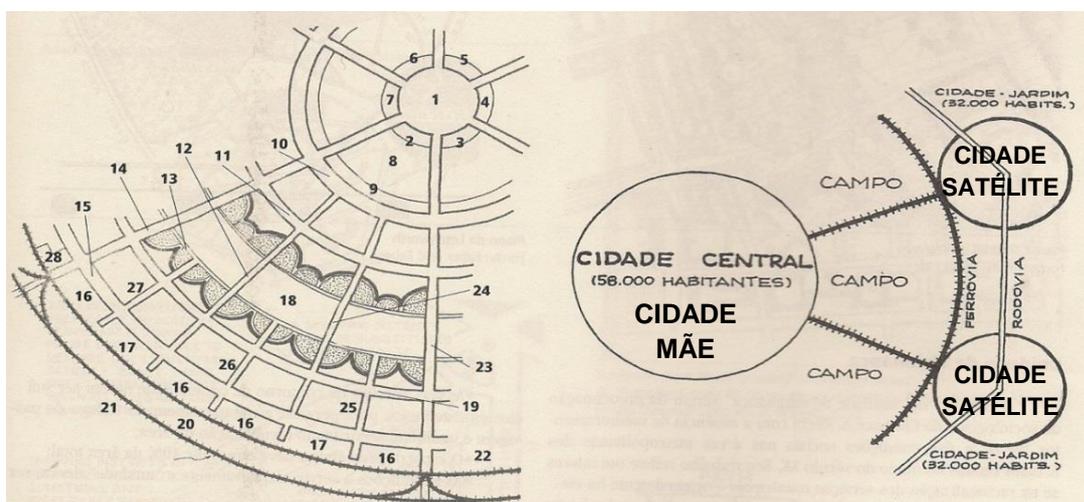


Figura 54- Cidade Jardim de Howard
Fonte: GUIMARÃES, 2004



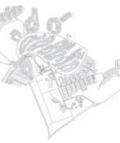
Em referência ao bairro industrial de Coqueiral de Aracruz, pode-se observar, no projeto urbanístico, que em uma escala reduzida, o autor Cândido Malta Campos Filho utilizou algumas dessas características e objetivos e os aplicou na construção deste projeto. Sendo um deles a de Unidade de Vizinhança, que é concebido a partir “da preocupação de sociólogos e de Clarence A. Perry com a ausência de melhoramentos físicos e das condições sociais nas áreas metropolitanas dos Estados Unidos no início do século XX”.

A Unidade de Vizinhança tem por definição, segundo Guimarães (2004)

Como um conjunto de habitações cuja área circundante deve ser organizada de tal forma que restrinja a influência crescente e perturbadora do tráfego motorizado. A Unidade de Vizinhança, por conseguinte, só deve conter habitações e serviços subsidiários tais como escola primária, parque e lojas locais. O traçado deve seguir as seguintes diretrizes:

- “O tamanho da “unidade” não deve ultrapassar um raio de $\frac{1}{4}$ (um quarto) a $\frac{1}{2}$ (meia) milha (600 m) a partir da escola localizada no centro. A área total é proporcional à densidade populacional.” (GUIMARÃES, 2004).
- “As vias arteriais de contorno da comunidade devem ser suficientemente largas para permitir a ultrapassagem e, também, servir exclusivamente a “unidade”; devem ser agrupadas no centro.” (GUIMARÃES, 2004).
- “As lojas a servir uma área maior devem ser agrupadas na ‘periferia’, perto das lojas de outra ‘unidade’.” (GUIMARÃES, 2004).
- “O sistema de vias internas deve ser traçado de modo a desencorajar a circulação de passagem, com ruas individuais refletindo no tamanho o volume de seu tráfego”. (GUIMARÃES, 2004).
- “O número de residências deve ser proporcional à população que mais equilibradamente sustente uma escola primária – entre 5000 a 9000 habitantes. Objetiva-se com isso manter o tráfego fora das áreas residenciais e conferir localização estratégica aos equipamentos comunitários.” (GUIMARÃES, 2004).

Baseando-se na “Unidade de Vizinhança”, Clarence Stein e Henry Wright, na década de 1930, projetam uma unidade denominada de *Radburn*. “Era um bairro



novo, concebida para fazer face ao número crescente de automobilistas e a terrível percentagem de acidentes de pedestres e automóveis que se verificou em 1920.” (GUIMARÃES, 2004). Nesse plano às ruas residenciais tipo *cul-de-sac*, sem saída, tornam-se ruas de serviço em vez de ruas de tráfego. “As casas seriam invertidas, com a sala abrindo-se para o jardim de fundo que se ligava ao parque comunitário de espaço continuo servido por caminhos de pedestre, permitindo alcançar a escola primária sem atravessar uma única rua.” (GUIMARÃES, 2004).

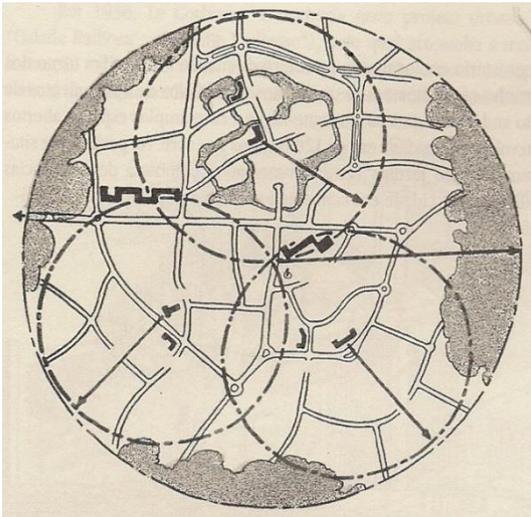


Figura 55 - Unidade de Vizinhança por Clarence Stein
Fonte: GUIMARÃES, 2004



Radburn, New Jersey (modelo de unidade vicinal)
A, Shopping Center, B, Grupo de apartamentos, C, Escola, D - Área Verde
Figura 56 - Desenho do Radburn,
Fonte: GUIMARÃES, 2004, com interferências pelo autor.

O projeto urbanístico desenvolvido pelo arquiteto Cândido Malta Filho, possuía as características de Unidade de Vizinhança e de *Radburn* conforme se pode observar na Figura 57.

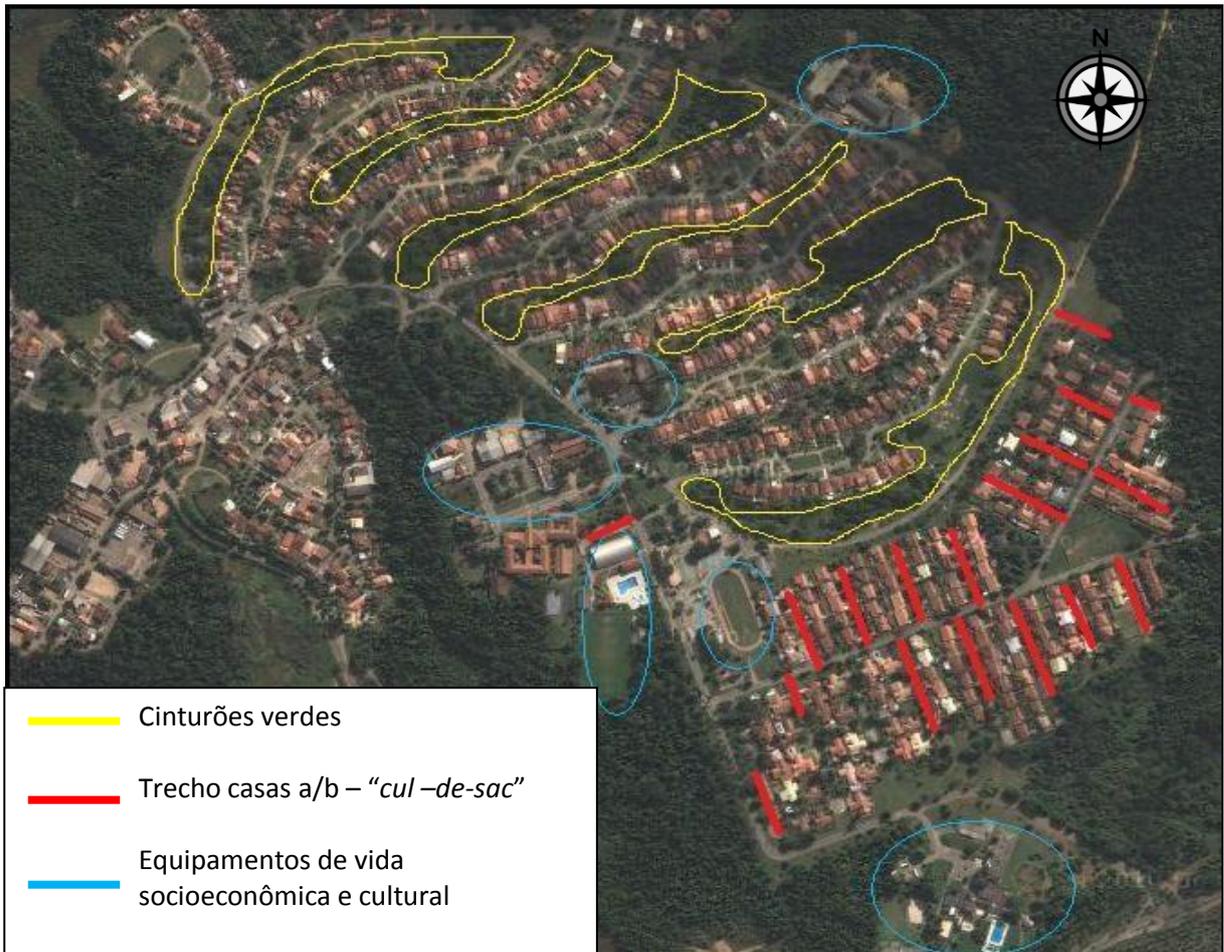
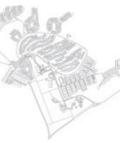


Figura 57 - Bairro Coqueiral de Aracruz.
Fonte: Google Earth com interferência do autor.

Para a ARCEL o bairro Coqueiral de Aracruz é considerado o cartão de visitas de sua política social (PIQUET, 1998), e se enquadraria nos casos de cidade-empresa.

Rosélia Piquet considera o projeto urbanístico desenvolvido pelo arquiteto Cândido Malta Filho, com características de uma “estrutura fechada e essencialmente estática, demonstrando que foi concebido exclusivamente como um apêndice da fábrica” (PIQUET, 1998).

Cassoti e Silva, em sua publicação “MG-ES - Um sistema infraestrutural” descreve que:

[...] A chegada de um projeto de tal envergadura representou profundo impacto social, econômico, físico-territorial e urbano sobre esta região capixaba.

[...] o elevado grau de exigências do conjunto de empreendimentos tornou a região equipada, ao demandar ampliação da infraestrutura, energia, comunicação e serviços públicos.



Além das opiniões dos especialistas, foram realizadas entrevistas com alguns moradores no intuito de saber sobre a moradia, os serviços, comércio, lazer e cultura. Essas entrevistas obtiveram respostas por meio de interlocução e também mediante a aplicação de um questionário.

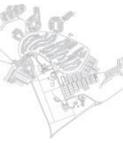
As respostas obtidas, conforme as duas categorias estabelecidas, estão assim relacionadas:

Os itens são relativos ao bairro, a pontos positivos e negativos.

- Excelentes casas;
- Infraestrutura completa sem custo ao morador, somente pequeno aluguel sobre a casa e mensalidade mínima no caso da Escola Ativa;
- Manutenção do bairro muito boa e completa;
- Boas condições favorecidas aos empregados pela empresa;
- Bairro tranquilo, com segurança e conforto a todos;
- Proximidade da fábrica, favorecendo agilidade ao funcionário;
- Bom convívio com o vizinho;
- Boas opções de lazer. Aqui as mulheres questionaram bastante, pois consideraram poucas opções de ocupação para elas e filhos adolescentes.
- Poucas opções comerciais e educacionais;
- Ausência de cursos superiores no bairro;
- Isolamento do bairro com o entorno devido à forte hierarquia existente;
- Área verde, o fato de ser totalmente residencial, segurança, ser próximo a capital, não ter poluição, praias virgens, poder morar em uma casa com jardim e conviver diariamente com parte da Mata Atlântica.

Pode se observar que os moradores consideram muito bom morar em ambiente urbano ligado à natureza, em boas casas, próximo ao trabalho com segurança e que os problemas apresentados deveriam ser percebidos e solucionados pela própria empresa ou pela municipalidade.

Em seguida procuraremos mostrar a relação do bairro Coqueiral de Aracruz com seu entorno e com o município como um todo, à luz da historiografia do município e de outras questões consideradas como relevante.



4 A RELAÇÃO DO BAIRRO COQUEIRAL DE ARACRUZ COM SEU ENTORNO E O MUNICÍPIO COMO UM TODO

A relação do bairro de Coqueiral de Aracruz e a Empresa com seu entorno e com o município, será mostrado através da história da formação destes distritos e da sede do município até chegar ao bairro Coqueiral, pois o processo de surgimento entre eles já é um item de relação que deve ser destacado.

Segundo Coutinho (2006), em referência a história da ocupação territorial, a organização da produção, a estruturação socioeconômica e ocupacional, bem como o desenvolvimento político do Município de Aracruz, tiveram uma característica peculiar: os diferentes e sucessivos influxos de imigrantes no seu território e em sua história. Podem-se destacar três períodos da história do município que correspondem à chegada dos colonizadores portugueses e escravos africanos em 1556, dos imigrantes italianos em 1874 e das multinacionais em 1967. Inicialmente será abordado o período de que corresponde a chegada dos portugueses e escravos africanos em 1556.

O surgimento dos povoados na bacia do Rio Riacho em 1535, com a ocupação pelos portugueses, sendo que “o primeiro ponto do município tocado pelos brancos, foi à baía de Santa Cruz, onde fundaram o núcleo de Aldeia Nova (hoje Santa Cruz), em 1556.” (COUTINHO, 2006). No ano seguinte, segundo o mesmo autor outra aldeia é estabelecida com o nome de Aldeia do Campo, ao sul do Rio Doce distante a três léguas da Aldeia Nova e mais tarde com o nome de Campos do Riacho, fundada pelo jesuíta Afonso Braz. Em 1790, o Capitão-Mor Ignácio João Mongeardino repovoou a Aldeia Velha (atual Aldeia Nova ou Santa Cruz) com 30 casais portugueses.

Conforme Coutinho (2006) em 1808 com a vinda de D. João VI e a Família Real para o Brasil, em 1809 foram fundados o Quartel do Riacho, na margem direita da foz desse rio e o Quartel de Comboios, nas matas pouco distantes do mar e a quatro léguas do Quartel do Riacho com o intuito de combater aos índios Botocudos.

Campos do Riacho (hoje Vila do Riacho), em 1827, já contava com loja de molhados e atraía muitos fazendeiros devido às terras férteis. Com crescimento da população



nessa região em 03 de abril de 1848 a Aldeia Velha é elevada à categoria de Município de Santa Cruz, separando-se do Município de Nova Almeida, antiga Vila dos Reis Magos que detinha a posse das aldeias Campos do Riacho e Aldeia Velha. Em 1833 Linhares já havia se separado acordo com as memórias do presidente Acioli de Vasconcelos conforme Coutinho (2006).

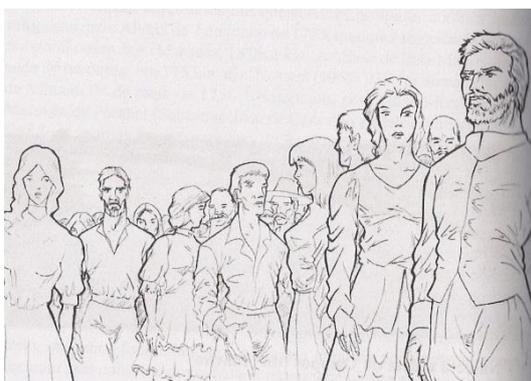


Figura 58 – História do povo de Aracruz

Fonte: COUTINHO, 2006



Figura 59 - Representação de um quartel na

foz do Riacho, origem do povoado de Barra do Riacho em 1818.

Fonte: COUTINHO, 2006

Iniciou-se a partir de 1874 a colonização pelos imigrantes italianos, Cruz (1997). Por volta de 1898 surgiu a Vila de Guaraná cujas terras pertenciam ao governo. “Os imigrantes chegavam, cultivavam a terra, faziam requerimentos e tornavam-se donos das terras” O primeiro nome atribuído pelos imigrantes era Ribeirão da Linha. “Ribeirão” pelo motivo do rio que passa no local e “da Linha” devido à linha telegráfica que passava por lá. Em 1931, passou a ter a categoria de distrito e mais tarde ganhou o nome de “Guaraná” em homenagem ao engenheiro Aristides Armínio Guaraná. Este município tem destaque internacional por fabricar e exportar violinos que são motivo de orgulho aos moradores.

Por volta de 1910, segundo Coutinho (2006) e conforme Cruz (1997) em 1912 surgiu o povoamento de Jacupemba em consequência da instalação da linha telegráfica pelo General Guaraná. “Com a dispersão dos imigrantes italianos do núcleo Colonial ‘Moniz Freire’, muitas famílias vieram parar naquela fronteira agrícola de Ribeirão e Jacupemba que passarão a desmatar para plantar café, pastagens e criar gado,



tornando-se prósperos fazendeiros.” (COUTINHO, 2006). Jacupemba foi desmembrado em junho de 1982 (CRUZ, 1997).

Outro surgimento é o povoado de Sauaçu, por volta de 1920 (Coutinho, 2006) e mais preciso no ano de 1926 (CRUZ, 1997). Segundo Coutinho (2006) o seu surgimento esteve atrelado à expansão da fronteira agrícola e pecuária e seu crescimento devido ao desmatamento de uma área de 7.260 hectares, entregues à “Companhia Ferro e Aço de Vitória” (COFAVI) para a exploração do carvão vegetal, favorecido pelo decreto-lei nº 15.470 o que fez Sauaçu destacar-se das demais comunidades municipais. Segundo descrição do Francisco Hilário Moro, citado por Coutinho (2006), Sauaçu em 1942 “possuía menos de 10 casas, mas em sua infância lembra-se de ter passado pelos caminhos que iam sendo feitos, aonde as casas eram construídas vencendo o mato que ia desaparecendo com as novas ruas”.

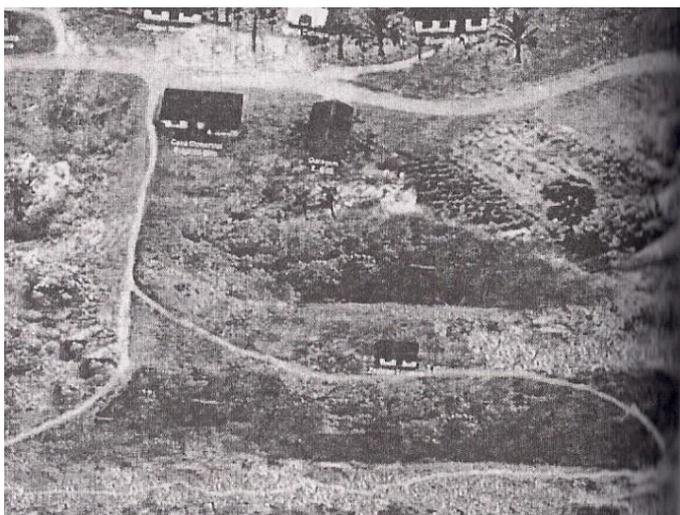


Figura 60 – O centro do povoado de Sauaçu, década de 1940.

Fonte: Coutinho, 2006

Com essa característica de uso e ocupação do solo em Sauaçu foram sendo abertos outros caminhos, ligando as casas e os demais lotes foram aparecendo com a venda de pedaços de terra de seus proprietários, estes cada vez menores até atingir a configuração atual em torno de 300 m² (COUTINHO, 2006).

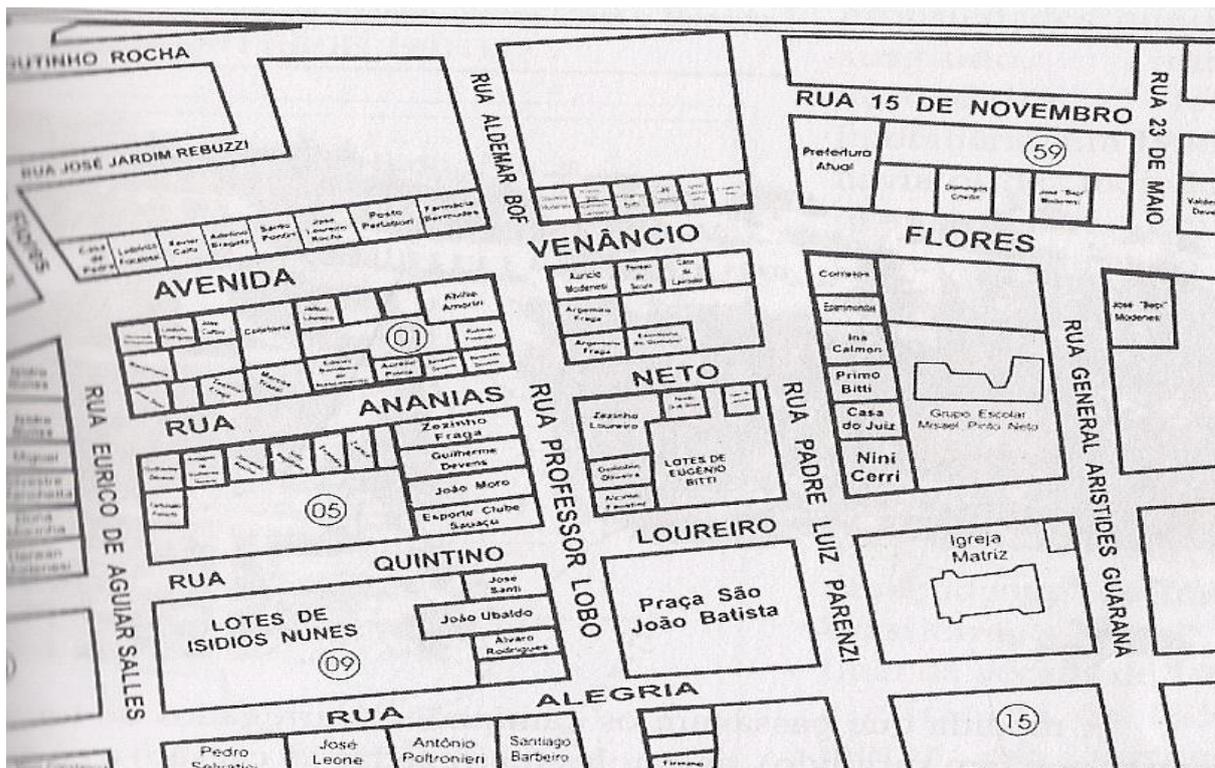
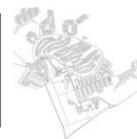
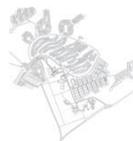


Figura 61 - O centro do povoado de Sauaçú, década de 1940.

Fonte: COUTINHO, 2006

Segundo Coutinho (2006), com a mixagem dos “oriundi” (italo-brasileiros de Aracruz, Guaraná e Jacupemba), confirmando suas raízes no município, e os brasileiros, observa-se a consolidação da economia, da política e do aspecto sociocultural. Neste período o desenvolvimento econômico da agricultura, pecuária, da indústria, do comércio e oferta de serviços, essas classes puderam desfrutar das obras, inovações tecnológicas e melhoramentos que vieram a ser favorecidas com a chegada da “Aracruz Florestal” em 1967 e da “Aracruz Celulose” a partir de 1972. “A penetração do capital industrial no campo (município de Aracruz) alterou profunda e definitivamente a vida econômica, política e sociocultural, não apenas da Sede, mas de todo o município.” (COUTINHO, 2006).

Conforme relato de Gurgel e Borgneth (2007), em 1967, quando a “Aracruz Florestal” chegou ao município, apesar de não mais faltar energia nem água, as condições estavam longe de serem as ideais para os 26 mil habitantes. Faltavam estradas, escolas e um hospital, além de emprego.



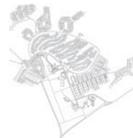
[...] a cidade dispõe de uma agência postal-telegráfica, uma agência bancária, um posto de saúde, uma paróquia, um estabelecimento de ensino primário, um ginásio, uma igreja matriz, um bom comércio, um bom campo de futebol, um bom clube social, farmácia e “etc”. Esse “etc” no final não era grande coisa. Pode-se adicionar aí algumas atividades ligadas à madeira – serrarias e extração para carvão – e o trabalho na lavoura. Com o declínio do café, a mandioca, o feijão e o arroz passaram a ser alternativas, mas não garantiam postos de trabalho para todos.

Tendo em vista este quadro, não é de se espantar que a Aracruz Florestal fosse recebida como a “salvação da pátria”. (GURGEL e BORGNETH, 2007).

Com o progresso, acompanharam as comunicações, habitação, estradas e infraestrutura para receber investimentos e acomodar o grande número de trabalhadores temporários (durante as obras) e fixos como funcionários da ARFLO e da ARCEL. A valorização imobiliária foi tão grande que famílias passaram a alugar as próprias casas e construíam barracos no quintal para moradia. Em 1974, iniciou-se a construção das 832 casas do bairro Coqueiral de Aracruz pela subsidiária “Santa Cruz Urbanizadora”, com término previsto para 1977.

Segundo Cruz (1997), “O bairro Coqueiral começou funcionando como uma espécie de condomínio fechado, rigorosamente vigiado, mas logo os excessos foram sendo relaxados, passando a viver com liberdade – e por extensão, os problemas – comuns a qualquer aglomerado humano.”.

Após descrever estas três situações de ocupação no território de Aracruz, considera-se em comum os aspectos que se referem à história da ocupação territorial, à organização da produção, à estruturação socioeconômica e ocupacional, bem como ao desenvolvimento político que foi e que é comum a todos os distritos e inclusive à sede. Outras questões relevantes no que se refere ao núcleo Coqueiral de Aracruz e suas relações são: a quebra da visão de isolamento embora a região fosse também de certa forma isolada, do aspecto elitizado de seus moradores, da não inter-relação entre as localidades ignorando o entorno até mesmo os bem próximos. Quebrar o paradigma implantado e vivido pelo bairro e através de um processo procurar chegar a “cidade livre”. Embora algum desses itens fosse também pertinente a todos os centros urbanos, como cita Piquet (1992) “as nossas cidades tornam-se cada dia mais segregadas”.



Conforme Piquet (1992), a negociação desses projetos geralmente se dava diretamente com o Governo Federal, o qual tendia a dar ênfase à obtenção de divisas que a maioria desses projetos proporcionava. São empreendimentos vistos como possibilitadores do progresso regional, o que ocasionava a disputa entre estados e municípios para obter a concessão. Com essas cidades-empresas, ocorreu contraste do empreendimento com o seu entorno criando desafios para as empresas, pois com o decorrer do tempo a imagem da empresa é desabonada e em segundo a crescente pressão por acesso aos serviços que as empresas monopolizam ocasionando dificuldades à integração do núcleo com os demais distritos do município, inclusive com o próprio.

Conforme trabalho denominado de “Estudo sobre o conjunto urbano da Aracruz Celulose, Bairro do Coqueiral em 1992”, aparecem certas especificidades em relação à interação com a comunidade que são:

- 1) Duas empresas ARCEL e ARFLO com diretorias distintas atuam na mesma região.
- 2) A Diretoria da ARFLO tem um amplo raio de atuação, pois se acham sob sua administração as terras da Empresa e um grande número de funcionários.
- 3) A ARFLO foi a primeira que chegou à região, contratando mão-de-obra local e com funcionários graduados residindo na sede do município; conforme Cruz (1997), no início de 1967, a ARFLO entrou em operação utilizando terrenos que pouco ou nada produziam. Inicialmente a empresa recrutou 400 homens. O plantio dos primeiros pés de eucalipto começou no lugar de nome Guarita, localizada na estrada existente para Barra do Riacho. Em 1997 a empresa já era proprietária de 56.000 hectares (560 mil quilômetros quadrados) de terras somente no município de Aracruz.
- 4) A implantação do complexo fabril desencadeou o crescimento urbano não só da sede municipal, como também de Barra do Riacho, próximo à fábrica, com as características típicas das formações urbanas que tiveram sua origem em obras



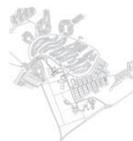
com grandes contingentes de força de trabalho masculina. Segundo Cruz (1997), “A Barra do Riacho voltou a ganhar destaque a partir de 1976, quando foi literalmente ‘tomada’ pelos milhares de operários que trabalhavam na construção da fábrica da Aracruz Celulose”. Sendo que a Barra do Riacho obteve poucos benefícios deste progresso e praticamente todos os problemas, tendo em agosto de 1980 sido criada a ACBR (Associação Comunitária de Barra do Riacho), ajudando na conscientização e favorecendo conforto aos moradores tornando o lugar com “cara de cidade” (CRUZ, 1997).

- 5) A etapa de operação da fábrica exigiu contratação de pessoal de fora da região e a conseqüente implantação de um bairro exclusivo para seu uso. Segundo Cruz (1997), “Devido à grande demanda de pessoal que a fábrica de celulose exigiria e a ínfima condição que o município tinha para receber este contingente, no início da década de 1970 começou a construção do Bairro de Coqueiral pela Santa Cruz Urbanizadora”.

Outro evento que se pode observar favorecido por essa relação é o fato da rede viária que acabou sendo potencializada pelo empreendimento, Fábrica x Bairro, antes eram estradas de “chão batido” e após o empreendimento todas estavam pavimentadas. Ocorreu construção de pontes, inclusive da Ponte José Ferreira Lamego (CRUZ, 1997), em 1998, que encerrou o serviço da balsa que causava congestionamento devido à lenta travessia pelo Rio Piraqueaçu.

Pode-se observar que a história do bairro e suas relações surgem por conta da implantação da “Aracruz Florestal” e da “Aracruz Celulose”, criadas para salvar de certa forma a situação em que se encontrava o Estado e o Município de Aracruz, atualmente está em destaque dentro aos demais municípios do Espírito. Por estes aspectos, pode-se afirmar que o Bairro faz parte de um projeto muito bem pensado e elaborado, que reflete ainda hoje as proposições solicitadas à sua implantação, mas que aos poucos vem sendo incorporado ao entorno e ultrapassando a fase de pioneirismo que justificou a construção deste bairro.

Estas são algumas considerações sobre o projeto urbanístico original do bairro Coqueiral de Aracruz. A seguir procuraremos mostrar como se encontra hoje, após



43 anos e transformações ocorridas em relação à situação da empresa como gestora e hoje não mais, demonstrando a real situação do bairro.

4.1 O BAIRRO DE COQUEIRAL DE ARACRUZ HOJE

Conforme relatório (PIQUET, 1992), a autora diz que “a implantação de comunidades fechadas gera, assim, problemas específicos de duas naturezas: os de ordem interna e os referentes às relações com a região onde se localiza.” É baseado nesta citação que será descrito o atual perfil do bairro em questão.

Inicialmente, o bairro fora previsto para abrigar aproximadamente 4000 pessoas de estados brasileiros variados e até mesmo de outros países, consolidando uma heterogeneidade de interesses, costumes e hábitos (CEDOC, 1983). Essa população estaria distribuída nas 832 casas inicialmente construída. Em 1990 esse número já teria chegado a 1035 residências devido à expansão fabril tornando necessária a contratação de mais funcionários.

Em seu projeto urbanístico já fora prevista também uma área loteada para terceiros e a doação para o Estado do Espírito Santo de uma área de 70.093,00m² para a construção de um conjunto habitacional da COHAB-ES, com total de 223 casas edificadas. (ARACRUZ CELULOSE, 1990). Este (1035) seria o número total de residências até o ano de 1990 conforme relatório da ARCEL.

A nova situação do bairro, a partir de 1993, leva em consideração a ausência parcial da empresa (cujo objetivo fim seria somente a de produzir celulose) o que o torna, em síntese, uma não mais cidade empresarial e projeta conclusões de profissionais, em relatório datado de julho de 1993, sobre a nova situação:

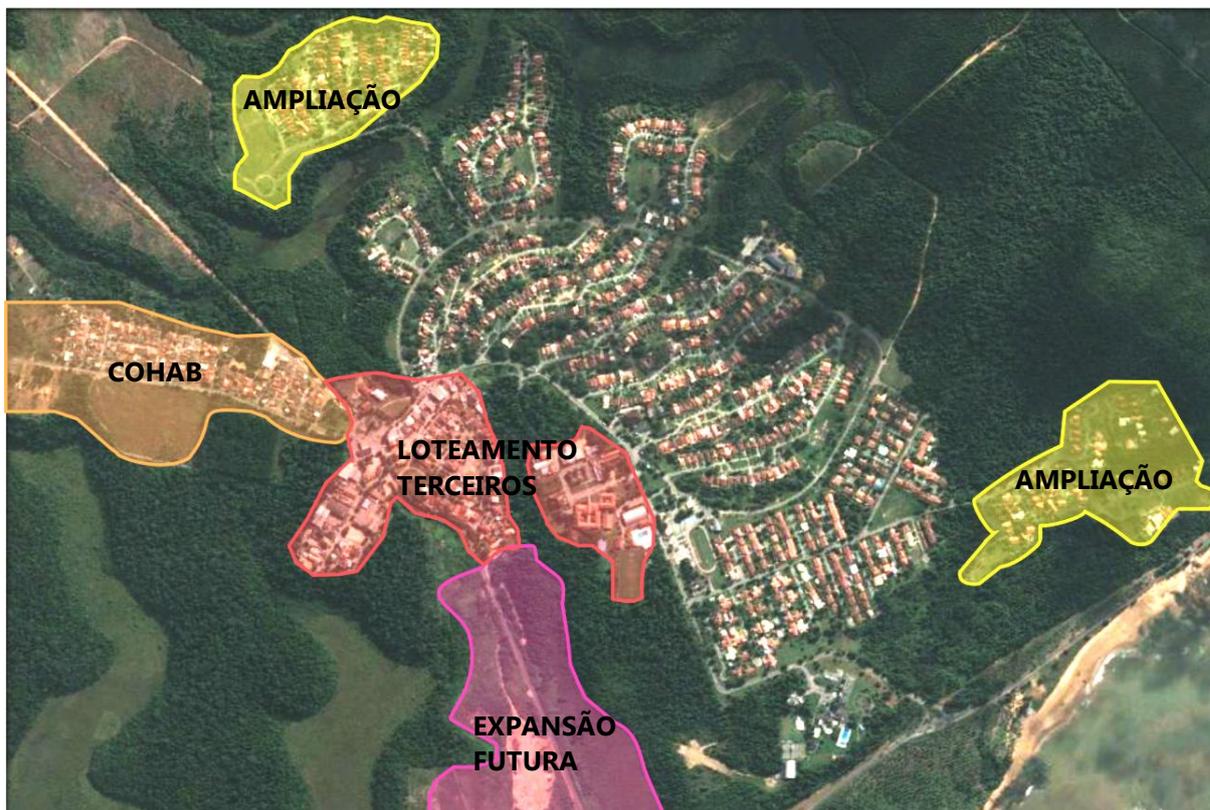
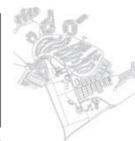
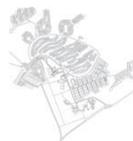


Figura 62 – Crescimento do Bairro Coqueiral

Fonte: Adaptado de Google Earth, data da imagem 24/06/2009

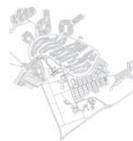
- Descaracterização do bairro enquanto espaço planejado e bem cuidado, com queda no padrão dos serviços urbanos, principalmente no tratamento dos espaços coletivos.
- Garantia de ocupação pela classe média, formada majoritariamente por empregados da empresa.
- Convívio social mais arejado, com a presença de moradores não vinculados à Empresa.
- Possibilidade dos moradores levarem seus familiares para junto de si, uma vez que houve condição de aquisição das casas.
- Melhoria no comércio local e na prestação dos serviços com a saída da Empresa;
- Padrão dos serviços de infraestrutura urbana sem alterações significativas a curtos e médios prazos.
- Houve tensão inicial na relação empregado e empresa favorecida pela situação de mudança.



- Redução dos serviços de manutenção passados à municipalidade resultou em queda na qualidade dos serviços dos equipamentos comunitários.
- Vendas das casas como fator positivo devido ao bom padrão urbanístico do bairro juntamente com a qualidade das casas.
- Desenvolvimento de um plano de expansão do loteamento, utilizando áreas da Aracruz próximas ao bairro, para alívio de pressões especulativas e também como alternativa habitacional para assentamento dos não contemplados com a aquisição das unidades existentes ofertadas.

A Empresa, em 1993, possuía um total de residências assim distribuídas: 1035 no bairro Coqueiral de Aracruz, 131 na cidade de Aracruz, 34 em São Mateus e 01 em Conceição da Barra. Os imóveis comerciais pertencentes à Empresa eram 23 em Coqueiral e 03 na cidade de Aracruz. Os lotes disponíveis em Coqueiral eram 123 unidades e 02 glebas de terras.

O bairro em 2013 vive sobre a legislação urbanística do município de Aracruz, obedecendo à lei orgânica que é adequada para ordenar e garantir a continuidade da qualidade da urbanização do Bairro Coqueiral. Porém os recursos, previstos nestas leis, dependem de instrumentos particulares complementares, acompanhamento e diligenciamento por parte da “Associação dos Moradores” fazendo cumprir a lei e atender aos desejos de preservação por parte da comunidade, após a tomada da decisão da transferência parcial do bairro para os empregados e eventualmente para terceiros. A Empresa buscou a criação de posturas específicas para o bairro na lei de zoneamento do município, pois a mesma dava direitos a construções com gabarito livre em qualquer local da área urbana, evitando com isso descaracterizar a volumetria de até dois pavimentos como foi determinado pelo plano diretor desenvolvido para Urbe. Houve igualmente preocupação com relação ao memorial descritivo de uso e ocupação das áreas livres e de uso social, evitando-se a deformação do padrão construtivo do bairro Coqueiral.



Todo o parcelamento do solo de Aracruz está previsto na lei Municipal 14/83 cuja articulação está prevista sob a custódia do “Instituto Jones dos Santos Neves” e o COPLAN.

Na época da aquisição dos imóveis, pelos empregados, a partir de 1993, a Empresa adotou os seguintes critérios de prioridade para a opção de compra dos imóveis:

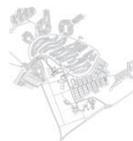
- 1) Empregados da Aracruz que trabalhem no mesmo município onde estão localizados os imóveis e que tenham cargo compatível com o padrão da habitação, desde que não tenham casa própria no mesmo município.
- 2) Empregados da Aracruz que trabalham em qualquer local e que tenham cargo compatível com o padrão da habitação, desde que não tenham casa própria no mesmo município.
- 3) Empregados que não atendam as condições anteriores.
- 4) Ex-empregados ou familiares, mediante seleção por parte da empresa.
- 5) Terceiros, mediante seleção por parte da empresa.

No caso das unidades comerciais, lojas e escritórios a preferência foi concedida a quem já os ocupava. Quanto aos lotes seguiu-se a preferência na mesma ordem e para os que não tinham adquirido residência.

Quanto ao programa de repasse praticado pela Aracruz em relação aos serviços das áreas de educação e saúde, devido às deficiências do serviço público, a empresa manteve a iniciativa calçada através de organizações privadas especializadas, capacitadas a promover o aperfeiçoamento e a reciclagem de seus profissionais. Estes são os casos da “Escola Ativa” e da “Clínica Médica do Coqueiral”, mantidas sob controle da empresa, terceirizando a prestação dos serviços. O “Clube da Orla” ainda tem parte subsidiada pela empresa, mas também colocou à venda títulos de sócios proprietários.

A ETA e o paisagismo são administrados pela prefeitura. Os serviços de segurança são administrados pela “Associação dos Moradores”, pelos moradores e por terceiros.

A criação de mecanismos comunitários, através da lei orgânica do município no artigo 108, assegura os princípios que hoje norteiam a política urbana. Foi criada a



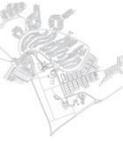
Associação para o exercício de participação com o apoio da empresa contribuindo para a continuação da qualidade de vida do bairro e também atuando como elemento de interação entre a Prefeitura e a comunidade.

Em resumo pode-se observar hoje no bairro a ocorrência de melhorias, em detrimento à queda na qualidade de outros aspectos, como:

- Queda no padrão dos serviços urbanos, principalmente no cuidado dos espaços coletivos.
- Ocupação em maior número pela classe média conforme perfil dominante da empresa.
- O convívio social melhorou com a presença de moradores não vinculados à empresa. O Bairro a ter vida própria, possibilitando aos moradores criarem raízes.
- A segurança passou, a ser administrada, unicamente pela municipalidade e pelo Estado, o que ocasionou, de certa forma, um “desconforto” aos moradores, pois a segurança era eficazmente administrada pela Empresa. Isso fez com que o Bairro se igualasse às cidades do Brasil.
- O comércio local e a prestação de serviços tiveram crescimento e diversificação.

O bairro Coqueiral de Aracruz, mantém-se privilegiado pela beleza de seu litoral, pela sua mata atlântica, pelo seu paisagismo, pela morfologia de seu projeto urbano, com tipologia arquitetônica das residências, com a possibilidade de vir a ser mais destacado que a própria sede, Aracruz. Hoje, quase todo o litoral está loteado e vendido, com rodovias asfaltadas e infraestrutura bastante favorável à ocupação.

No entanto, com a nova realidade, onde a residência agora pertence ao morador, não se submetendo mais a rigorosas restrições de uso do solo, ao engessamento na tipologia das casas determinada pela empresa, os moradores executam intervenções que, por vezes rompem com o conceito de cidade-jardim. Podem-se observar a ampliação do gabarito de um para dois pavimentos, os acréscimos nas residências tanto para as laterais como frontais, com a construção de muros ocasionando maior isolamento e menor permeabilidade em todos os sentidos. O sistema construtivo permanece o mesmo, porém os revestimentos fogem ao padrão anterior determinado pela Empresa, trazendo ao bairro uma informação heterogênea



que nunca se viu. Essas modificações ainda têm de certa forma hierarquia ocasionadas devido à localização das moradias no bairro.



Figura 63 - Muro e mudança de fachada casa B3
Fonte: Cedoc Fibria



Figura 64 - Colocação de muro casa B3
Fonte: Cedoc Fibria



Figura 65 - Rua dos Ipês e entulho decorrente das obras
Fonte: Cedoc Fibria



Figura 66 - Modificação externa casa D
Fonte: Cedoc Fibria



Figura 67 – construção de segundo piso casa D
Fonte: Cedoc Fibria



Figura 68 - conjunto de casas D e ao fundo casa com segundo piso
Fonte: Cedoc Fibria

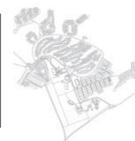


Figura 69 - Casa tipo C2 sem intervenções
Fonte: Cedoc Fibria



Figura 70 - Mudança no telhado e fachada casa C2
Fonte: Cedoc Fibria



Figura 71 - Construção de muro casa C2
Fonte: Cedoc Fibria



Figura 72 - Modificação Casa tipo B2
Fonte: Cedoc Fibria

Pode-se observar que a história do bairro e suas relações está vinculada à implantação da “Aracruz Florestal” e da “Aracruz Celulose”, empresas criadas para “salvar” de certa forma a situação que se encontrava o Estado e o Município de Aracruz. Por estes aspectos pode-se afirmar que o Bairro faz parte de um projeto muito bem pensado e elaborado que reflete ainda hoje as proposições solicitadas à sua implantação, mas que aos poucos vem sendo incorporado ao processo de urbanização municipal e ultrapassando a fase de pioneirismo que justificou a construção deste bairro.

Em face do descrito e dos estudos realizados, podemos afirmar que o Bairro Coqueiral de Aracruz pode ser hoje caracterizado como um Bairro satélite, conforme cita Piquet (1998) e procuraremos demonstrar no capítulo seguinte.



5 COQUEIRAL: UM BAIRRO SATÉLITE

O Bairro Coqueiral de Aracruz, um dos elementos do complexo industrial, teve sua origem na década de 1970, no município de Aracruz ES, favorecido por novos projetos de investimentos do governo federal para o Brasil, nas áreas de recursos naturais, em infraestrutura energética, de transporte e de comunicação. O grupo Aracruz tinha como seus principais acionistas: LORENTZEN, UNIBANCO, CIA SOUZA CRUZ, BNDE, FIBASE, BILLERUD-UDDEHOLM, VERA CRUZ AGROFLORESTAL S.A., GRUPO C. ITOH, JAAKKO POYRY e KAMA NORD AD. (MOTTA, 1982).

A implantação do bairro Coqueiral de Aracruz se fez pela necessidade de atender aos moradores do complexo industrial da “Aracruz Celulose S.A.”, hoje Fibria Celulose S.A. (a fábrica, o porto marítimo e o bairro), cuja criação ocorreu em função da necessidade de abrigar e manter a sua força de trabalho, tornando-se inclusive ponto de atração de mão de obra e que teve como consequência o surgimento da cidade satélite (PIQUET, 1992). Nesse município não havia nenhum tipo de atividade econômica definida o que favorecia a estratégia da Aracruz Celulose de realizar um “preenchimento econômico” sem nenhum intento de substituição (ABE, 1999).

Com alto padrão de infraestrutura de equipamentos urbanos e tendo a finalidade de atender às necessidades determinadas na sua origem, significando a solução para a empresa e sendo fator determinante no surgimento de novas atividades nos centros urbanos próximos que se modernizaram em equipamentos e serviços alterando radicalmente os padrões existentes (PIQUET, 1992).

Como já foi dito, para se obter esse resultado o projeto urbano foi designado primeiramente ao arquiteto Paulo Callado que foi substituído pelo arquiteto e urbanista Cândido Malta Campos Filho, segundo o próprio Cândido Malta, da empresa URBE - Planejamento, Programação e Projetos S/C Ltda.

Segundo Piquet (1992), o espaço onde se implanta um grande projeto passa a caracterizar-se por uma estrutura demográfica atípica, ocasionando desequilíbrio na mão de obra e favorecendo a mão de obra externa qualificada sobre a local não tão qualificada. A autora afirma ainda que se não houvesse esse desequilíbrio não



teríamos essas hostes errantes originando as chamadas “cidades-satélites” ou “cidades livres”.

Foram contemplados ao bairro, em questão, todos os itens de infraestrutura e serviços básicos e essenciais a uma cidade nova: sistema de abastecimento de água; esgotos sanitários; drenagem de águas pluviais; sistema viário interno; energia elétrica; comunicações; áreas de convívio social, lojas e supermercados; serviços médicos, escolas (PIQUET, 1992).

Quando a análise recai sobre o projeto urbano do bairro, segundo a descrição do autor encontrada na página (1), no documento sobre a questão da proteção dos mananciais, pode-se constatar a preocupação com o padrão urbanístico, com preservação da Mata Atlântica remanescente, prevendo-se a implantação de um núcleo urbano com densidade habitacional (48 hab/ha), extremamente baixa para os padrões brasileiros, núcleo urbano independente quanto aos serviços comunitários e de comércio com áreas de recreação e verde, alcançando o índice de 55,5 m²/ha, conforme documentos elaborados pela empresa URBE. Ainda constava o sistema de captação e tratamento de água e de esgoto e a potabilidade de água, a previsão e edificação de 1 ou 2 pavimentos.

Com a implantação do complexo fabril, o núcleo, foi desencadeado o crescimento urbano, não só da sede do município, Aracruz, como também do seu entorno, dos distritos de: Barra do Riacho, Santa Cruz, Barra do Sahy, Riacho, Guaraná e Jacupemba, respectivamente, e dos principais municípios do norte do Espírito Santo que integram a área de influência das empresas Aracruz: São Mateus, Ibirapu, Fundão, João Neiva, Conceição da Barra e Nova Venécia (ABE, 1999). Na década de 1960 esses municípios usufruíam infraestrutura mínima, o que se refletia no aspecto das moradias, no comércio, no ensino e nos aspectos sociais. Com a implantação da Empresa esses municípios foram positivamente impactados. A Aracruz Celulose investiu em infraestrutura social fazendo com estes municípios progredissem consideravelmente e elevando os seus índices de desenvolvimento a patamares considerados bons em relação às demais municipalidades do estado.

Um destes resultados, a título de exemplo, é o citado por Abe (1999):



[...] no espaço geográfico constituído pelo norte do Espírito Santo, sul da Bahia e leste de Minas Gerais, difundiu-se atividade florestal baseada no eucalipto.

Em suma, baseado nas pesquisas deste trabalho, no apêndice deste documento, observa-se que os moradores favorecidos por empreendimentos desse porte, e por outras, passaram a demonstrar maior poder aquisitivo e melhor qualidade de vida, com padrão econômico mais confortável em relação a sua condição anterior.

Segundo Piquet (1992), os moradores passaram a se sentir como segmentos privilegiados da força de trabalho e interpretam o caráter transitório da vida nessas comunidades como uma oportunidade de trabalho semelhante, ou até superior, às que teriam em qualquer outra cidade.

Para que se possa entender a fiel conceituação de cidade-satélite apresenta-se a seguir conceitos e pontos de vista de autores sobre o tema e sobre cidade principalmente dita.

Segundo Geiger (1984),

[...] a aglomeração urbana é formada, regra geral, de uma cidade principal, o núcleo, onde se concentram as atividades terciárias, mais sofisticadas, e cidades justapostas que se comportam como subúrbios ou satélites. Subúrbios e satélites localizam-se relativamente próximos do núcleo, de modo que se realizam intensos movimentos pendulares diários entre eles; moradores do núcleo se dirigem a satélites e subúrbios em geral, para trabalhar; e residentes dos subúrbios ou satélites se deslocam entre si ou para o núcleo, com fito de trabalhar e busca de serviços.

Cidade é um termo antigo como também é antiga a prática de dar nome a lugares onde a população se aglomera (GEIGER, 1984).

Ainda conforme Geiger (1984), os diversos autores para nomear as cidades, se contentam a conveniências de uma categoria de cidade ou às cidades de um tipo de região. As cidades quando representadas em um mapa são pontos entre espaços rurais. O ponto, no caso das cidades, apoia-se por ser um local geográfico de concentração de homens e atividades econômicas não agrícolas, como por ser um local de infinitas relações econômicas, sociais e culturais.

“[...] Um grande povoado, ou uma grande aldeia, e que nunca foi identificado como cidade, também se encaixa no conceito acima descrito, de fenômeno pontual, de local onde se cruzam relações” (GEIGER, 1984).



Segundo Mumford (1998), toda cidade tem por função conceitual [...] “transformar o poder em forma, a energia em cultura, a matéria morta em símbolo vivo de arte, a reprodução biológica em criatividade social”.

Segundo Trevisan (2009), as cidades podem ser consideradas pelas atividades principais como fez o historiador Pierre Deffontaines, ao qualificar os núcleos do período colonial brasileiro, como exemplos: reduções missionárias; aglomerações de origem militar; cidades mineiras; pousos nas estradas (cidades de viajantes); cidades de navegação fluviais ou marítimas; vilas de domingo e as aldeias indígenas (*in* PINHEIRO & GOMES, 2005). Já em outras disciplinas, esse método taxonômico teve reconhecimento, por exemplo, na geografia, as cidades do café, da borracha, da indústria das colônias de imigrantes, de comércio, balneárias e turísticas segundo (SOUZA, 2001 *apud* TREVISAN, 2009).

Outras possíveis nomenclaturas:

[...] militar (cidade quartil, bases e centros de instrução, aeroporto e base naval militar); política (cidade internacional, cidade nação, cidade regional ou capital); religiosa (cidade de peregrinação, cidade de festas religiosas); intelectual (cidade universitária, cidade estudantil, cidade patrimônio, cidade cultural); econômica (cidade boca ou sertão, cidade ponte de trilhos, cidade agrícola, cidade comercial, cidade financeira, cidade industrial, cidade centro de serviços); turística e /ou residencial (cidade dormitório); médico-sanitária (balneárias etc); recreativa (beira-mar, montanha). (Brasil, 1973 *apud* Trevisan, 2009).

Esse método cabe tanto a cidades tradicionais, que são cidades que têm qualificação determinada após o seu desenvolvimento, que já possui identidade. A Cidade Nova terá função determinada no momento de sua concepção, através de seu empreendedor, antes mesmo de sua materialização, conforme Trevisan (2009). Continuando, o mesmo autor cita que nesse tipo de identificação outros autores classificam as cidades com certa facilidade após rápida análise urbana da função da mesma, tendo como exemplos: Cidade Nova , administrativa, CN de colonização, CN ferroviária, CN de relocação, CN balneária, CN satélite, CN de expansão e outras.

As cidades novas podem ser construídas para propósitos especiais podendo sediar um porto como em Gana a CN de Tema, no Camboja a CN de Kompong Som e na Índia as CNs de Kandala e Maldia, uma indústria como na Índia as *Steel Cities*, uma capital como Chandigarh, Islamabad, Brasília, uma nova zona agrícola (CNs da região do Mandi, em Punjabi), uma expansão urbana (*new towns* inglesas ou CN Diego de Losada, na Venezuela) (TREVISAN, 2009).



Segundo Trevisan (2009), em suas pesquisas relativas a cidades novas, o mesmo descreve as possibilidades por ele denominadas de:

1) CN empresarial (Barcarena, no Pará, Alumínio, em São Paulo, ou Siderópolis, em Santa Catarina); 2) CN ferroviária ou “bocas de sertão” (Erechim, no Rio Grande do Sul, Franca e Jales, em São Paulo); 3) CN rodoviária (Marabá, no Pará, e Ceres, em Goiás); 4) CN de penetração (Aragarças, em Goiás); 5) CN relocação (Remanso, na Bahia, Canindé do São Francisco, em Sergipe, ou Aripuanã, em Mato Grosso); 6) CN administrativa (Oeiras, no Piauí, Aracaju, em Sergipe, e Palmas, no Tocantins); 7) CN balneária ou recreativa (Lambari, em Minas Gerais, ou Águas de Lindóia, em São Paulo); 8) CN de colonização ou fronteira (Panorama, em São Paulo, Ângulo, no Paraná, ou Nova Veneza, em Goiás); 9) CN religiosa (missões do Rio Grande do Sul); 10) CN de defesa (São Luís, no Maranhão, e Nossa Senhora da Conceição, em Rondônia); 11) CN satélite (Guará I, Guará II e Taguatinga, no Distrito Federal); 12) CN de expansão (Santos, em São Paulo, e Boa Vista em Roraima).

E o que vem a ser cidade satélite? Segundo Geiger (1984), a cidade-satélite deve possuir proporção maior de gente trabalhando no próprio local e em atividades básicas, isto é, em atividades destinadas a suprir mercados externos ao local.

“[...] a cidade satélite deve apresentar proporção maior de gente trabalhando no próprio local e em atividades ‘básicas’ isto é, em atividades destinadas a suprir mercados externos ao local.” (GEIGER, 1984).

“[...] as atividades das cidades satélites estão em mesma igualdade de atividades da própria metrópole com funções específicas que poderiam eventualmente estar situada na área metropolitana.” (GEIGER, 1984).

Centros secundários à região metropolitana são como satélites distantes, conforme Geiger (1984), “e produzem para o mercado nacional com o qual se relacionam sob a supervisão da metrópole.” (GEIGER, 1984).

Em outra afirmativa o mesmo autor subentende que apesar da pretensa liberdade de localização da indústria, a tendência observada é a formação de espaços de metropolização onde elas se concentram.

Em busca de justificar e de relacionar ainda mais o conceito de “satélite”, tratou-se de apropriar outros conceitos de pesquisadores que dessem mais embasamento a esse termo. Em assim sendo citam-se:

Trevisan (2009), as cidades satélites estão:

[...] localizadas em sítio aonde prevaleciam à escolha pela ausência de núcleos urbanos próximos para fornecer mão-de-obra gerada pela



necessidade em criar condições de habitabilidade a seus futuros moradores.

A seguir, conforme Trevisan (2009) citam-se, em sequência, os comentários de outros autores, que externaram pontos de vistas relacionados à “cidade-satélite”, iniciando-se por Cerveo (*in* Trevisan, 2009), ao afirmar que a cidade satélite deveria contar com infraestrutura de indústria, de comércio e de serviços, além de oferecer condições de moradia e de emprego. E vai além ao afirmar:

[...] ter uma comunidade balanceada entre 80 mil e 100 mil habitantes, com densidade de 30 a 80 pessoas por acre, aumentando conforme a proximidade do centro comercial. Haveria uma hierarquização de centros: centro comercial principal, centro administrativo próximo à ferrovia, centro de vizinhança com escola. As habitações foram divididas em 60% coletivas (edifícios em barra) e individuais (casas isoladas); e as vias adotaram o sistema norte-americano de separação entre vias e pedestres e de veículos.

Por Vermeersch (*in* Trevisan, 2009), diz que as cidades-satélites deveriam oferecer empregos de alto padrão e qualidades espaciais, como as *Villes Nouvelles*, na França;

Por Toulan (*in* Trevisan, 2009), como processo e controle de crescimento da capital Cairo, aplicado no Egito, sendo as primeiras cidades satélites, no início do século XX, Heliópolis e Maadi;

Por Lloyd (*in* Trevisan, 2009), com a finalidade de dispersar a população e as indústrias de área urbanas congestionadas, aplicadas na Escócia com a criação de novos centros, East Kilbride (1974), Gleurathes (1948), Cumbernauld (1955), *Livingston* (1962) e Irvine (1966);

Por Mittelbach (*in* Trevisan, 2009), foi de criar uma técnica para canalizar o crescimento urbano e o desenvolvimento da economia com o intuito de frear a expansão urbana das grandes cidades-satélites de Reston e Columbia, próximos a Washington D.C.; *Foster City* e *Redwood Shores* em São Francisco e Valencia e Irvine em Los Angeles;

Por Salleh; Choguill *apud* Trevisan (2009), na Malásia que o governo construiu, entre os anos de 1970 e 1980, assentamentos para urbanização da população rural, modernização e desenvolvimento agrário, diminuindo disparidades entre regiões e grupos étnicos;



Por Efrat (*in* Trevisan, 2009), no estado israelense em 1948, como modo de demarcar seus limites e demonstrar posse sobre os mesmos. Entre 1948 e 1963 foram estabelecidas mais de 30 cidades para abrigar imigrantes judeus vindos de todas as partes;

Em regiões urbanizadas, as cidades satélites tiveram seus sítios pré-determinados em consonância aos interesses de políticas desenvolvimentistas.

Iran (*in* Trevisan, 2009), cita que

“[...] para se conseguir uma equilibrada condição de desenvolvimento social e econômico e o controle do crescimento das grandes cidades, a criação de cidades-satélites a uma distância razoável da cidade mãe sempre foi recomendável”.

Segundo Trevisan (2009).

[...] geograficamente, os princípios gerais levados em conta para a localização das CNs satélites deviam compreender; características dos limites urbanos existentes; localização para absorver a população excedente da região metropolitana; condições territoriais e ecológicas da área a ser afetada; estudo das condições do solo; fornecimento de água; drenagem de águas e sistema de esgoto; impacto das indústrias.

Em função de tudo que foi analisado até aqui, podemos fazer um paralelo entre as características intrínsecas às cidades satélites e ao núcleo urbano de Coqueiral de Aracruz.

Características da cidade-satélite por Geiger: cidade-satélite deve possuir:

- Maior proporcionalidade de gente trabalhando no próprio local e em atividades básicas (atividades destinadas a suprir mercados externos ao local).
- Atividade na mesma igualdade de atividade própria de metrópole com funções específicas que poderiam eventualmente estar situada na área metropolitana.

Por Trevisan:

- Localizadas em sítios com predominância de ausência de núcleos urbanos próximos para fornecer mão de obra gerada pela necessidade em criar condições de habitabilidade a seus futuros moradores.
- Comunidade entre 80 e 100mil habitantes, aumentando com a proximidade do centro comercial.



- Hierarquização de centros: centro comercial principal, centro administrativo, centro de vizinhança com a escola.
- As habitações divididas em 60% coletivas (edifícios em barra) e individuais (casas isoladas).
- Vias adotando sistema norte-americano com separação entre vias de pedestre e de veículos.

Geograficamente os princípios gerais levados em conta para localização das CN satélites deveriam compreender:

- Características dos limites urbanos existentes,
- Localização para absorver a população excedente da região metropolitana,
- Condições territoriais e ecológicas da área a ser afetada,
- Estudo das condições do solo,
- Fornecimento de água,
- Drenagem de águas e sistema de esgoto,
- Impacto da(s) indústria(s).

Abaixo esquema de correlação entre Coqueiral de Aracruz (cidade satélite) e a principal (núcleo):

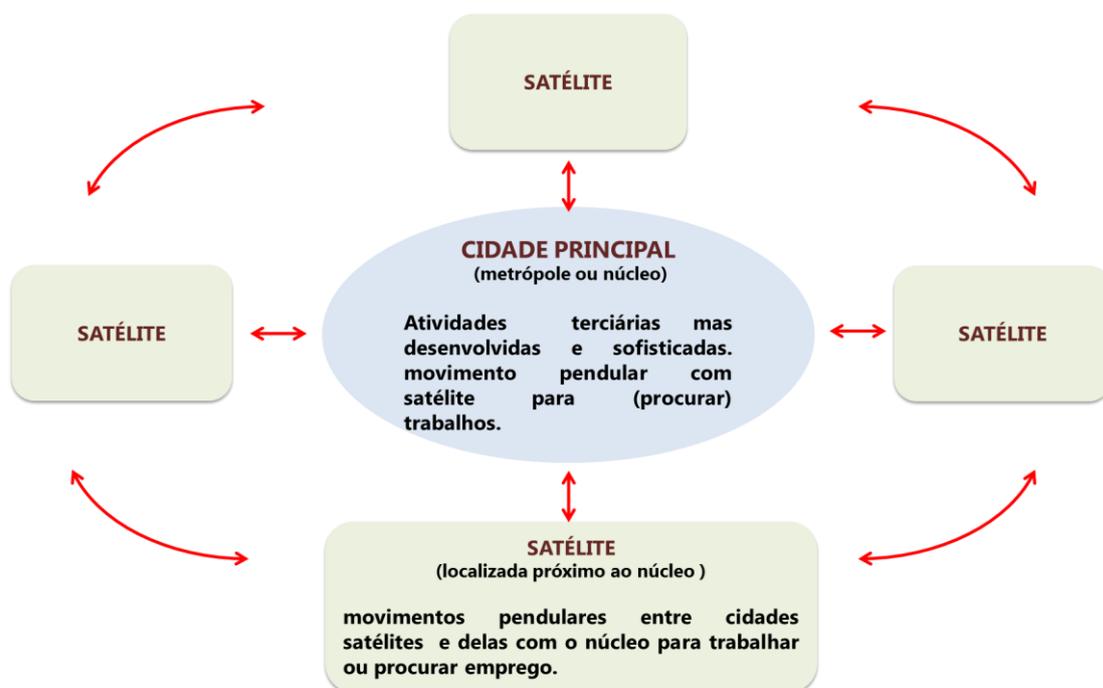


Figura 73 - Correlação entre cidade-satélite e principal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido às necessidades sociais, políticas e econômicas em que vivia o Brasil na década de 1950, e a partir desta, surgiu a criação de vetores socioeconômicos que viriam alavancar transformações em nosso país nestas áreas carentes.

Esses empreendimentos trouxeram para o Espírito Santo, particularmente para o município de Aracruz, a empresa “Aracruz Florestal” e posteriormente a “Aracruz Celulose”. Em função de incentivos fiscais, financiamento público e beneficiamento de infraestrutura logística, como a existência de grandes áreas planas que favoreciam o plantio de matéria prima para a fábrica, a proximidade com vias terrestres de boa qualidade para escoamento da produção, com vias férreas – Estrada de Ferro Vitória - Minas, a estrutura portuária, e até mesmo, a existência de regular mão-de-obra, tornar-se-ia plenamente viável, como de fato ocorreu, a implementação de uma indústria de papel e celulose no Estado. De certa forma, acalmaria os ânimos exaltados das autoridades estaduais em função da política implantada pelo governo federal de erradicação dos cafezais capixabas, que, segundo Gurgel & Borgneth (2007), atingiu o índice alarmante de 54% dos cafezais, e alavancaria o desenvolvimento industrial do Estado.

Com a implantação da indústria no município de Aracruz, ocorreu valorização imobiliária devido à quantidade de operários que precisaram ser alocados, e em 1974, a “Aracruz Celulose” iniciou a construção do bairro Coqueiral de Aracruz para dar plenas condições de moradia e infraestrutura aos seus futuros trabalhadores e familiares.

O bairro teve como solução urbana, caracterizada pelo arquiteto Cândido Malta Campos Filho, seu projetista, a “Unidade de Vizinhança”, com independência de serviços comunitários e de comércio local favorecendo aos futuros moradores.

Após conclusão e acomodação dos funcionários, com o tempo, os impactos tornaram-se evidentes.

A pesquisadora Piquet (1998), escreve que: “comunidade fechada gera problemas de duas naturezas, os de ordem interna, e os de relações com a região onde se

localiza, e que, sendo uma extensão da fábrica, o bairro, está sujeito às regras da Empresa”.

Guerra (2008) afirma que nesses tipos de assentamentos, a visão dos moradores costuma ser distinta. Enquanto uma parte considera o modelo como a expressão do futuro, como planejamento e resolução para todos os problemas afetos às cidades, outra parte prefere dar ênfase aos resultados da segregação dos espaços, da convivência social e da falta de história.

Na entrevista realizada com moradores, mediante aplicação de questionário, (Apêndice 01) há momentos claramente controversos, como: enquanto o bairro é considerado como um paraíso para as crianças, com boa política de segurança pública e alta qualidade de vida, para adolescentes e adultos, aparecem problemas como poucas opções para diversão e educação escolar, transitoriedade, inexistência de raízes e tradições, e até mesmo, a inadequação de algumas residências, como as do tipo D, cujas acomodações nem sempre coadunam com o número de moradores.

Fica evidente que o processo de urbanização é distinto, sempre, em duas posições extremas, segundo Geiger (1984).

Uma delas só vê os lados positivos da urbanização, subestimando o fato de que é um fenômeno subordinado aos movimentos do sistema econômico social. A outra, só procura apontar os lados negativos da urbanização, subestimando que a fonte de toda crítica, de toda transformação está na cidade.

Em urbanização sempre se poderá ponderar entre os lados positivos e negativos da urbanização em todos os espaços onde se integram fenômenos sociais, econômicos, políticos, modernização e desenvolvimento econômico e os desequilíbrios provocados pela concentração. O papel histórico das cidades é onde se desenvolvem novas ideias e novos sistemas (LEO JAKOBSON *apud* GEIGER, 1984).

Assim o bairro industrial de Coqueiral de Aracruz, está inserido nestes conceitos observados, por estes pesquisadores, ao longo deste trabalho e existe a possibilidade de acrescentar uma nova observação sobre os espaços urbanos e suas possíveis denominações passando desde cidades novas até satélites.

Através desse grande plano nacional de desenvolvimento existiu o favorecimento de grandes plantas industriais. Dentre elas a indústria da celulose, como projetos da Companhia Vale do Rio Doce de reflorestamento e da Aracruz Celulose, com objetivo final para exportação (ABE, 1999).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aracruz Celulose. **Plano diretor do Coqueiral:** Experiência da Usiminas, experiência da Verolme. 1990.

ABE, André Tomoyuki. **Grande Vitória, E.S.:** crescimento e metropolização. 1999. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP, São Paulo.

BEESON, E. W. **Port Sunlight:** the model village of England, a collection of photographs. Nova Iorque: The Architectural book publishing company, 1911. Disponível em: <http://openlibrary.org/books/OL23326437M/Port_Sunlight>. Acesso em: 12 mar. 2013.

BENÉVOLO, Leonardo. **História da Cidade.** São Paulo: Perspectiva, 1993.

BRASIL. **Decreto Imperial nº 5295 de 31 de maio de 1873.** Rio de Janeiro, 1873. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm> Acesso em 09 nov. 2012.

CASSOTI, Bruno; SILVA, Leticia. **MG-ES um sistema infraestrutural.** Arte/Cidade - PUC/SP e UFES. 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/artecidade/mg_es/textos/mges.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2013.

CEDOC – FIBRIA CELULOSE S.A.. **Estatuto da Empresa:** Capítulo I – Denominação, objeto, sede e duração. Santa Cruz Urbanizadora S.A

CEDOC – FIBRIA CELULOSE S.A. **Histórico do Bairro de Coqueiral.** Santa Cruz Urbanizadora S.A, 1984.

CEDOC - FIBRIA CELULOSE S.A. **Incorporação Santur.** Santa Cruz Urbanizadora S.A

COUTINHO, José Maria. **Uma história do Povo de Aracruz.** Aracruz: REITEM, 2006.

CRUZ, Maurilen de Paulo. **“Faça-se Aracruz!”:** subsídios para estudos sobre o município. Serra: Edições Tempo Novo. 1997.

DAVISON, T. Raffles. **Port Sunlight**: a record of its artistic & pictorial aspect. Londres: B.T. Batsford Ltd., 1916. Disponível em: <http://openlibrary.org/books/OL7087674M/Port_Sunlight>. Acesso em: 12 mar. 2013.

FIBGE – FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estimativas e Projeções da população 1980 - 2010**. Disponível em <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_Projecoes_Populacao/Estimativas_1980_2010/> Acesso em: 16 jul. 2013

CAMPOS FILHO, Cândido Malta. **Reinvente seu bairro**: caminho para você participar do planejamento de sua cidade. São Paulo: Ed. 34, 2003.

GEDDES, Patrick. **Cidades em evolução**. Tradução: Maria J. Ferreira de Castilho. Campinas: Papyrus, 1994.

GEIGER, Pedro Pinchas. **Teoria da Urbanização**. Módulo 2, curso de especialização em planejamento urbano e regional. Brasília, Conselho nacional de Desenvolvimento Urbano – CNDU, 1984.

GOOGLE EARTH. **Software para visualização de imagens de satélite. Arquivo digital**. Versão: 7.0 Ano: 2013. Disponível em: <<http://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/download/ge/agree.html>>. Acesso em: 09 jul. 2013.

GROSSELLI, Renzo M., 1952 **Colônias imperiais na terra do café**: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras, Espírito Santo, 1874-1900. [Tradução Márcia Sarcinelli]. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008. 534 p.

GRUPO ARACRUZ. **Plano habitacional**. Cedoc Fibria Celulose S.A. 1974

GUERRA, Maria Eliza Alves. **Vilas Operadoras de Furnas nas Bacias dos Rios Grande e Paranaíba**: da concepção à atualidade. Uberlândia/ MG, 2008.

GUIMARÃES, Pedro Paulino. **Configuração urbana**: evolução, avaliação planejamento e urbanização. São Paulo: ProLivros, 2004.

GURGEL Antonio de Pádua; BORGNETH Flávio. **Primo Bitti a Construção de Aracruz**. Aracruz: Pro Texto Comunicação e Cultura, 2007. 115 p.

HALL, Peter. **Cidades do Amanhã**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

HENRI LEFEBVRE. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

HOUAISS, Antonio e VILLA, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades jardins de amanhã**. São Paulo: Hucitec, 2004.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades@**: Espírito Santo, Aracruz. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=320060&search=espírito-santo|aracruz>>. Acesso em: 16 jul. 2013

JORNAL CLUBE DA ORLA, **Comemoração dos 30 anos**. - Cedoc Fibria Celulose S.A. 2007

KOHLSDORF, Maria Elaine. **A Apreensão da Forma da Cidade**. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calustre Gulbenkian/JNIC, 2007.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean; tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri; tradução Rubens Eduardo Frias. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEPETIT, B. **Por uma Nova História Urbana**. São Paulo: Edusp, 2001.

LIPIETZ, Alain. **Miragens e milagres**: Problemas da industrialização do terceiro mundo. São Paulo: Nobel, 1988.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MATURANA, Humberto; VARELA Francisco. **A Árvore do conhecimento**. Ed Palas, Athenas, 2001.

MICHALISZYN, Mario Sergio; TOMASINI, Ricardo. **Pesquisa: orientação e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MIRANDA, Clara Luiza. **Dispositivos Territoriais das Redes Mundiais**. Tese de Doutorado. PUCSP, São Paulo, 2004

MORANDI, Ângela Maria & ROCHA, Haroldo Correa. **Cafeicultura e Grande Indústria. Transição no Espírito Santo 1955-85**. Vitória, FCAA, 1991

MOTTA, Nara Cuman. **As consequências da implantação do projeto Aracruz Celulose sobre a estrutura econômica da região de Linhares-ES**. Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Rio Claro: UNESP, 1982.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**; [tradução Neil R. da Silva]. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PANERAI, Philippe. **Análise Urbana**. Coleção Arquitetura e Urbanismo, Brasília, UNB, 2008.

PIQUET, Rosélia. **Estudo sobre o conjunto urbano da propriedade da Empresa (Bairro do Coqueiral)**. Relatório final. Rio de Janeiro, 1992.

PIQUET, Rosélia. **Cidade-empresa: Presença na paisagem urbana brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 166 p.

_____. **Política Social do grupo Aracruz: abertura do bairro Coqueiral**. Cedoc Fibria Celulose S.A., 1979

POSENATO, Julio. **Arquitetura da Imigração Italiana no Espírito Santo**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1997. 560 p.

RIGATTI, Décio. **O Processo de Desenho Urbano em Conjuntos Habitacionais. Paisagem e Ambiente Ensaio**. São Paulo: FAUUSP, n.11, 1998.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**. Território e Sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2008

TREVISAN, Ricardo. **Incorporação do ideário da Garden- City Inglesa na Urbanística Moderna Brasileira**: Águas de São Pedro. Dissertação de Mestrado, São Carlos, 2003.

TREVISAN, Ricardo. **Cidades Novas**. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. – Biblioteca Central. **Normalização de referências**: NBR 6023:2002. Vitória: 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. – Biblioteca Central. **Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos**. Vitória 2006.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 7. Ed. – São Paulo: Atlas, 2006.

APÊNDICE A

PESQUISA COM OS MORADORES

Aos Moradores do Bairro Coqueiral de Aracruz

Esta pesquisa é parte do trabalho de graduação de Mestrado da Universidade Federal do Espírito Santo pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo e refere-se ao bairro de Coqueiral de Aracruz, como bairro industrial desde sua implantação.

As informações obtidas com esta pesquisa serão relevantes para a conclusão deste estudo considerando o tema abordado: Transformações Urbanísticas e Arquitetônicas no bairro industrial de Coqueiral de Aracruz.

Aproveito para informar que a pesquisa é de conhecimento da FIBRIA através do departamento de Infraestrutura com anuência do Sr. Carlos Matias Miller e do setor de segurança (SEGCORP), com o Sr. José Antonio Vieira Neto.

Agradeço sua colaboração

Jorge Luiz Có – Arquiteto

Vitória, outubro de 2011

Orientação para preenchimento

- Não é necessário identificação
- Na última página você terá a oportunidade, caso queira, descrever como foi sua chegada ao Bairro Coqueiral de Aracruz.
- Caso seja do seu conhecimento informar a tipologia de sua casa.

Casa A Casa B Casa C Casa D

Endereço:

1. Dados pessoais
 Masculino Feminino
2. Qual sua profissão?
3. Último estado e cidade que residiu antes de vir para Coqueiral
4. Há quanto tempo reside no bairro?
5. Sempre morou nesta residência onde se encontra agora?
6. Como foi e quem determinou a residência para você e sua família?
7. Quantas pessoas residem com você no imóvel que lhe foi destinado?
8. Você realizou alguma obra para modificar o imóvel?
9. Caso tenha realizado alguma alteração no espaço físico da residência, as modificações foram internas, externas ou nos dois ambientes?
10. Quais os principais fatores que motivaram a modificações na residência?
11. Houve alguma consulta profissional especializada e a legislação para execução das alterações?
12. Alguns cômodos da residência tiveram sua função alterada?
13. Você considera os ambientes de sua residência adequados e confortáveis aos hábitos da sua família?
14. Você considera necessário modificar mais algum cômodo da sua residência? Qual e por quê?
15. Em sua residência há espaço destinado ao lazer, como quintal, jardim área de vivencia?
16. Como tem sido morar em um bairro considerado industrial?
17. Cite fatores positivos de se morar neste bairro
18. Você considera a existência de fatores negativos? Quais?
19. Caso você sinta necessidade acrescente outras observações sobre esta pesquisa?

Muito Obrigado!

ANEXO 1

A ARACRUZ CELULOSE E A QUESTÃO INDÍGENA NO ESPÍRITO SANTO

O relacionamento da Aracruz Celulose S. A. com os índios Tupiniquins e Guarani M'bya na região de Aracruz, no Espírito Santo é bastante tumultuada e a questão do direito à posse das terras, pelos índios, é controversa. Todo suporte jurídico vinculado à questão de terras indígenas no Brasil está contido no artigo 231 da Constituição Federal de 1988 e no Título III da Lei nº 6.001/73 (Estatuto do Índio).

Segundo o Art. 231 da Constituição Federal, “são reconhecidas aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo a União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

Art. 1º- “São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições”.

Portanto, para a caracterização de uma terra como indígena, ela deve, em primeiro lugar, ser o habitat de uma determinada comunidade indígena, que deve obrigatoriamente ser reconhecida por si e pela sociedade como tal; em segundo lugar, a ocupação do território deve ser mantida pela comunidade, ou seja deve haver a existência atual de um grupo; em terceiro lugar, por meio do território o grupo indígena deve garantir a sua sobrevivência físico-cultural; e; em quarto e último lugar, deve haver uma relação entre os recursos ambientais do território em questão com a reprodução continuada da comunidade.

Conforme levantamentos os índios Tupiniquim jamais habitaram as terras que pleiteiam hoje. O relatório do grupo de trabalho 783/94, em seu subitem 2.2.1, intitulado “os Tupiniquim no litoral brasileiro”, às folhas 22, afirma que “os Tupiniquim ocupavam uma faixa de terra situada entre Camumú, BA e o rio São Mateus ou Cricaré, alcançando a Província do Espírito Santo”. A localização histórica e tradicional dos índios Tupiniquim, no século XVI, distava cerca de 140 km da área de

hoje pleiteada. Segundo a conclusão do GT 783/94, situava-se cerca de 20 km ao sul da mesma área. O fato é que permanece uma situação bastante obscura em relação à ocupação da área próxima à Aracruz, pelos Tupiniquins do período inicial da colonização até os dias atuais.

Quanto aos índios Guarani, contemporaneamente à instalação da Aracruz Florestal S.A. em 1967, os índios Guarani vindos do Paraguai e do Sul do Brasil chegam à região de Aracruz, de onde a Funai os manda para Minas Gerais. Em 1978, A Funai traz de volta os índios Guarani que estavam em uma fazenda em Minas Gerais, localizando-os nos arredores do município de Aracruz. Desta forma, não se enquadrariam no definido pela constituição.

Segundo a Aracruz, jamais houve ocupação tradicional de terras pleiteadas, na medida em que aquelas estavam em poder de terceiros proprietários e/ou possuidores desde tempos ancestrais, não havendo comprovação de ocupação permanente por parte de indígenas.

As comunidades que habitam as atuais Reservas Indígenas não têm traços culturais próprios diferenciados, antes, suas manifestações são as comuns ao mundo civilizado ou meramente tomados por empréstimo de populações escravas como da Dança do tambor ou Banda de Congo, dos Quitungos, da não utilização da língua, do uso de indumentária que se constitui como verdadeiro mosaico étnico e das moradias de pessoas que supostamente constituíram uma etnia tupiniquim na região do município de Aracruz.

Por fim, parece não existir uma demanda por terra em função da terra, mas impulsionada por um propósito econômico/ideológico, discrepando das disposições do artigo 231 da Constituição Federal de 1988 e do Estatuto do Índio.

Fonte: Manifestação protocolada pela Aracruz Celulose S.A. na Fundação Nacional do Índio – Funai em 19 de junho de 2006, contestando o “Relatório de Atualização dos Dados do Trabalho de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Tupiniquim, elaborado pelo Grupo Técnico constituído pela Portaria nº 1299.